

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

KELLEN BAMMANN

**AMERICANIZAÇÃO NO BRASIL E NA ALEMANHA:
UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO
ATRAVÉS DOS GRUPOS DE PRESSÃO DE
O CRUZEIRO E *DER SPIEGEL* (1947-1952)**

Porto Alegre
2011

KELLEN BAMMANN

**AMERICANIZAÇÃO NO BRASIL E NA ALEMANHA:
UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO
ATRAVÉS DOS GRUPOS DE PRESSÃO DE
O CRUZEIRO E *DER SPIEGEL* (1947-1952)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janete Abrão

Porto Alegre
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B199a Bammann, Kellen
Americanização no Brasil e na Alemanha : uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de O Cruzeiro e Der Spiegel (1947-1952) / Kellen Bammann. - Porto Alegre, 2011. 147 f.

Diss. (Mestrado em História) – Fac. de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Janete Abrão.

1. Brasil – História - Século XX. 2. Alemanha – História – Século XX. 3. Imperialismo – Estados Unidos. 4. Imprensa - História. 5. O Cruzeiro (Revista) – História e Crítica. 6. Der Spiegel (Revista) – História e Crítica. I. Abrão, Janete. II. Título.

CDD 079.81

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

KELLEN BAMMANN

**AMERICANIZAÇÃO NO BRASIL E NA ALEMANHA:
UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO
ATRAVÉS DOS GRUPOS DE PRESSÃO
DE *O CRUZEIRO* E *DER SPIEGEL* (1947-1952)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de 2011

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy - PUCRS

Prof. Dr. Charles Monteiro - PUCRS

Profa. Dra. Janete Abrão – PUCRS (orientadora)

Porto Alegre
2011

AGRADECIMENTOS

Ao Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro,

À professora Janete Abrão, pela dedicada orientação que desvelou todo o caminho,

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Ao professor Charles Monteiro, por despertar o interesse pelo curso de História em suas aulas na Graduação, e, por me orientar no início da jornada de pesquisa histórica como bolsista de Iniciação Científica.

Ao professor Flávio Heinz, por proporcionar a reflexão sobre a tarefa do historiador,

Ao professor Jurandir Malerba, por desafiar os caminhos historiográficos escolhidos,

Ao professor Draiton Gonzaga, pela amizade e constante incentivo,

Ao professor Anselm Doering-Manteuffel, Universität Tübingen, por me iniciar no estudo da americanização na sociedade alemã,

À professora Vandira Guatimosim Rodrigues, pela correção rigorosa do português,

Ao amigo, Bruno Biazetto, pela companhia nesta trajetória, e por desafiar constantemente minhas certezas enquanto historiadora,

À amiga, Débora Soares Castro, pela abençoada amizade que tornou essa jornada mais leve,

À Juçara Nair Wolf, amiga e professora,

Ao meu pai, Leomar Bammann, minha mãe, Maria Amélia, e irmã Karen, pelo sempre presente apoio, compreensão e carinho, sem eles eu não seria eu,

Ao meu amor, Fábio Médici, pela inesgotável dedicação e amor.

Gewöhnlich, aber easy.

Jean Baudrillard

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o processo de americanização na sociedade brasileira e na sociedade alemã entre os anos de 1947 e 1952. O processo de americanização é compreendido como o estudo da influência dos Estados Unidos nas práticas políticas, econômicas e culturais em outras sociedades. Dentro dessa perspectiva, o olhar atento a um grupo de indivíduos, reunido nos bastidores de dois periódicos, um brasileiro (*O Cruzeiro*) e outro alemão (*Der Spiegel*), proporcionou o caminho teórico-metodológico, que se revelou por meio do estudo dos “grupos de pressão”. Por meio do método comparativo, procurou-se compreender posicionamentos similares entre grupos distantes, desvendando-se o que levou os grupos de pressão de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* a “se americanizarem”.

Palavras-chave: Americanização. *American way of life*. *O Cruzeiro*. *Der Spiegel*.

ABSTRACT

This dissertation has as its main theme the process of insertion of American values at the Brazilian and German societies between 1947 and 1952. This process is understood as the study of the influence of the United States over the politics, economics and culture of foreign countries. Into that perspective, I focused on a selected group of individuals that pulled the strings at both publications, *O Cruzeiro* (Brazil) and *Der Spiegel* (Germany). This insight led the research to opt for the use of pressure groups as the main theoretical concept for this research. Throughout the establishment of a comparison between both publications was possible to analyze similarities and differences on the perspectives of the pressure groups in both countries and their feelings towards the americanization process.

Keywords: Americanization. *American way of life. O Cruzeiro. Der Spiegel.*

ZUSAMMENFASSUNG

Dieses Studium konzentriert sich auf das Phänomen der *Amerikanisierung* in der brasilianischen Gesellschaft und in der deutschen Gesellschaft zwischen 1947 und 1952. Amerikanisierung bezeichnet Einflüsse aus den Vereinigten Staaten in einem anderen Land in diesen, Wirtschaft, Gesellschaft um Kultur. In diese Analyse der Begriff "*pressure group*", das ist verantwortlich für die Redaktion zwei Zeitschriften, eine von Brasilien (*O Cruzeiro*) und eine von Deutschland (*Der Spiegel*) ist Zentral. Durch die vergleichende Methode haben wir versucht, Positionen ähnlich zwischen entfernten Gruppen verstehen. Wir haben auch versucht, wie sie "amerikanisiert".

Schlüsselwort: Amerikanisierung. *American way of life*. *O Cruzeiro*. *Der Spiegel*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “ <i>Hilfe!</i> ” (“Ajuda”).....	86
Figura 2 – “ <i>Sogar die voranschläge sin schon gekürzt!</i> ” (“Mesmo as propostas já foram cortadas!”)	89
Figura 3 – <i>Kein Wunder, daß Del Ball platzte.</i> (“Não é a toa, que a bola estourou”).	96
Figura 4 – “ <i>Nun laß uns plaudern Harry!</i> ” (Agora vamos conversar Harry!)	98
Figura 5 – Brutgeschäft (Ninhada)	115
Figura 6 – <i>Mittelmeer-Patrouille</i> (<i>Patrulha do Mediterrâneo</i>).....	116
Figura 7 – <i>Deutscher Doppeladler</i> (Dupla águia alemã)	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O BRASIL NAS PÁGINAS DA REVISTA <i>O CRUZEIRO</i>	17
2.1 O pós-guerra e as interpretações sobre a americanização no Brasil	17
2.2 <i>O Cruzeiro</i> : revista ilustrada	36
2.3 <i>O Cruzeiro</i> : apoio às políticas estadunidenses e identificação com o modo de vida americano	46
3 A ALEMANHA OCIDENTAL NAS PÁGINAS DO MAGAZINE <i>DER SPIEGEL</i>	65
3.1 O pós-guerra e as interpretações sobre a americanização e antiamericanismo na Alemanha	65
3.2 <i>Der Spiegel</i> : o magazine	79
3.3. <i>Der Spiegel</i> : apoio às políticas estadunidenses e identificação com o modo de vida americano	83
4 CONGRUÊNCIAS NAS REVISTAS ILUSTRADAS	107
4.1 <i>O Cruzeiro</i> e <i>Der Spiegel</i> gênese histórica	107
4.2 Gênese histórica comparativa do processo de americanização e antiamericanismo no Brasil e na Alemanha	110
4.3 Semelhanças no apoio às políticas estadunidenses e o modo de vida americano nas páginas de <i>O Cruzeiro</i> e <i>Der Spiegel</i>	113
4.4 Americanização da Alemanha nas páginas de <i>O Cruzeiro</i> e americanização do Brasil nas páginas de <i>Der Spiegel</i>	117
4.5 O grupo de pressão de <i>O Cruzeiro</i> e <i>Der Spiegel</i> , trajetória de seus sujeitos históricos	126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	136
OBRAS CONSULTADAS	142
APÊNDICE A - Sobre os Autores	145

1 INTRODUÇÃO

A todo historiador cabe a tarefa da prática reflexiva, do se debruçar sobre suas motivações e escolhas. Para Bourdieu, o historiador deve praticar a dúvida radical, pôr em evidência tudo o que interiorizou como produto de uma construção social determinada. É necessário, portanto, manter uma “reflexibilidade obsessiva”, pois um pesquisador que não se debruça sobre suas práticas coloca em risco seu trabalho.¹

O tema de pesquisa é, assim, uma escolha particular do pesquisador. No caso da presente dissertação o assunto investigado, fruto de pesquisas e de reflexões, é o processo da americanização na sociedade brasileira e na sociedade alemã, no período compreendido entre os anos de 1947 e 1952. Por sua vez, entende-se por americanização o estudo da influência dos Estados Unidos nas práticas políticas, econômicas e culturais em outras sociedades.

Pode-se afirmar que nos cinco anos, entre o lançamento do Plano Marshall, em 1947, e o fim da remessa de “ajuda”, em 1952, inscreveu-se o que estudiosos denominaram de momento decisório no processo de americanização dos países sob a “guarda estadunidense”. Neste sentido, a delimitação do objeto de análise obedeceu, portanto, aos anos de maior visibilidade da intensificação do processo de americanização.

No Brasil, a historiografia responsável por estudar os anos do pós-guerra, atenta aos aspectos oficiais da presença dos Estados Unidos no país – aos acordos econômicos e aos pormenores da diplomacia internacional no decorrer da Primeira e Segunda Guerra Mundial – percebe o processo de americanização como consequência da dependência econômica do Brasil aos Estados Unidos. Tais estudos, embora relevantes, não levam em conta o quão intimamente esse objeto se entrelaça a uma segunda ordem de transformação, a qual se operou no interior da sociedade brasileira.

Desta forma, o trabalho parte da constatação da insuficiência das explicações dadas pela historiografia brasileira* sobre o fenômeno da americanização no país.

¹ BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal LTD, 2003.

* Assunto a ser aprofundado no primeiro capítulo.

Esquadrinhar, portanto, os motivos que levaram a nação a escolher a via americana é questão norteadora deste estudo.

Dentro dessa perspectiva, o olhar atento a um grupo de indivíduos, reunido nos bastidores de dois periódicos, um brasileiro (*O Cruzeiro*) e outro alemão (*Der Spiegel*), proporciona o caminho teórico-metodológico que se revela por meio do estudo dos “grupos de pressão” compreendidos, neste trabalho, como um conjunto de indivíduos socialmente ativo no interior de uma configuração social historicamente determinada, com interesses e objetivos em comum. A opção pelo conceito grupo de pressão foi antes de tudo uma solução, uma chave-metodológica para perscrutar a complexidade de um universo social e histórico determinado.

Três foram os motivos que levaram a privilegiar o estudo dos grupos de pressão responsáveis pela edição e publicação dos magazines *O Cruzeiro*, no Brasil, e *Der Spiegel*, na Alemanha, como sujeitos históricos. O primeiro surgiu do contato com a *Revista do Globo* como fonte de pesquisa histórica.² O segundo, da análise da revista alemã *Der Spiegel*, que gerou inquietudes sobre o processo de americanização a partir do contato com variadas investigações sobre o tema.³ Por fim, a leitura de pensadores do social provocou uma maior dedicação à análise do papel dos sujeitos históricos na formação e na manutenção de determinadas estruturas históricas.

Cabe ainda salientar que o interesse pelo processo de americanização supre o desejo de compreender como sociedades distintas, brasileira e alemã, responderam à influência dos Estados Unidos na nova ordem mundial do pós-guerra e como diferentes sujeitos históricos responderam aos estímulos do *American way of life*. Esse é o objetivo central desta dissertação.

Em termos metodológicos, as revistas, como fontes de pesquisa, possibilitaram revelar o posicionamento de um grupo de indivíduos – responsáveis pela publicação de periódicos de grande representação nacional – em relação às

² Na oportunidade de desenvolver o trabalho de iniciação científica intitulado *Imagens da modernidade na publicidade da revista do Globo nos anos 1950*, sob orientação do professor Dr. Charles Monteiro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o qual privilegiou o uso da imprensa como fonte de pesquisa e no seu desenvolvimento ocorreu o despertar do interesse pelo tema da americanização.

³ O contato com a revista alemã como fonte de pesquisa sobre a americanização da Alemanha se deu enquanto aluna do professor Anselm Doering-Manteuffel na Eberhard Karls Universität Tübingen, que mais tarde desencadearia o desenvolvimento da monografia intitulada, *O Brasil que os Estados Unidos desejam: representações na revista Der Spiegel (1951-1952)*, sob a orientação da professora Dra. Maria José Barreiras (PUCRS).

políticas estadunidenses e como a oferta do “sonho americano” encontrou eco e pôde prosperar no interior de configurações sociais complexas e díspares no período do pós-guerra. A opção por *O Cruzeiro* como fonte histórica se justifica por sua ampla tiragem e elevada circulação em território nacional. O mesmo ocorre com a escolha da revista *Der Spiegel*, na Alemanha Ocidental.

De acordo com Francisco Rüdiger, a comunicação faz parte do ser social do Homem, pelo qual ele se relaciona com o seu semelhante e elabora coletivamente seu universo de conhecimento. Significa que ela não é compreensível sem o Homem e precisa ser entendida como um princípio de sociabilidade dotado de fundamentos históricos que só podem ser explicados de maneira correta no contexto de uma teoria da sociedade.⁴

No interior de uma determinada sociedade é que Renée Barata Zicman sustenta que “a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros, [...] mas todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo o seu próprio “filtro””.⁵

Para o autor, em uma análise que se apoie na imprensa como fonte histórica, é preciso levar em conta três campos: “atrás”, “dentro” e “em frente”. O “atrás” compreende tudo o que contribui para sua realização e intervém em seu controle: sociedade proprietária e o corpo de redatores e jornalistas. Por “dentro”, entende-se as características formais da publicação, organização e distribuição das sessões, estilo de apresentação das matérias, qualidade do papel, número de páginas, primeira capa, ilustrações e publicidades. Já, “em frente”, diz respeito à audiência da publicação, seu público leitor alvo. Estes campos, por sua vez, definem a estrutura da análise. Estrutura essa que se opõe à clássica análise que toma o

⁴ RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução à Teoria da Comunicação**. São Paulo: EDICON, 1998. p. 33.

⁵ ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa -algumas considerações metodológicas”. In: **Revista do Programa de Pós-Graduados em História/ PUCSP**, São Paulo, PUCSP, n. 4, p. 90, 1985. De acordo com Zicman a imprensa no Brasil até 1945/50 caracterizava-se por pequenas empresas com capitais e negócios limitados e gestão improvisada, primando por posições políticas: o que se costumava chamar de *Imprensa de Opinião*. Por sua vez, na década de 1950, observa-se a substituição por um tipo de *Imprensa de Informação*, que nega as características políticas e ideológicas marcantes no período anterior. Observa-se o surgimento de um tom sensacionalista e o início da concentração das empresas jornalísticas em conglomerados, provocando o desaparecimento dos pequenos jornais políticos. A partir da década de 1980, observa-se o desenvolvimento do *Jornalismo de Interpretação*, que busca apresentar uma síntese de informação detalhada com análise crítica. ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa -algumas considerações metodológicas”. In: **Revista do Programa de Pós-Graduados em História/ PUCSP**, São Paulo, PUCSP, n. 4, p. 91-2, 1985.

discurso do periódico como objeto de pesquisa, como a proposta por José Luiz Braga.⁶

Em seu estudo, Márcia Janete Espig corrobora Zicman ao assinalar as qualidades dos periódicos para a pesquisa histórica e escrita da história.⁷ Aponta-os como verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais é possível acompanhar a memória do dia a dia, inserindo o acontecimento histórico em um contexto mais amplo. Nesse sentido, este trabalho busca desvendar os interesses dos grupos de pressão nos bastidores dos periódicos em análise, procurando compreender de que forma estes grupos influenciaram o conteúdo impresso em suas folhas. Desvendar determinantes que agem sobre a construção jornalística, elaborando uma leitura minuciosa e qualitativa análise deste material, sem esquecer seu entrecruzamento bibliográfico.⁸

No entanto, como sustenta Cláudio Pereira Elmir é, também, preciso estar atento para o fato de que o pesquisador não é o leitor modelo do jornal, para quem o discurso do periódico se dirige e, sim, leitor empírico que lê as matérias.⁹ Assim, para a correta interpretação é fundamental observar a regularidade, as repetições em um grande número de reportagens.

Desta forma, no presente trabalho, se privilegiou a análise completa de todos os meses dos cinco anos pesquisados e tomou-se como fundamental a elaboração do contexto político, econômico, social e cultural dentro do qual os documentos analisados emergiram. Na constituição de corpo documental foram analisadas todas as sessões de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel*, respectivamente. Contudo, na tentativa de obedecer à estratégia de continuidade e equilíbrio do corpo documental, se reservou maior atenção, em *O Cruzeiro*, para a sessão *Reportagens*, que reuniu as fotorreportagens responsáveis pelo sucesso do periódico; à sessão *Carroussel do Mundo*, assinada pelo correspondente em Washington, referente aos assuntos dos Estados Unidos; à sessão *Sete Dias* assinada por um brasileiro, referente às questões de política interna.

⁶ BRAGA, José Luiz. "Questões metodológicas na leitura de um jornal." In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. **O Jornal da Forma ao Sentido**. São Paulo: Paralelo 15.

⁷ ESPIG, Márcia Janete. "O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado." In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 271, dez. 1998.

⁸ ESPIG, loc. cit.

⁹ ELMIR, Cláudio Pereira. "As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica." **Cadernos PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, dez. 1995.

Em *Der Spiegel*, se reservou maior atenção à sessão *Deutschland* que reúne as questões do plano interno, à sessão *Ausland* da arena internacional e à sessão *Panorama*, formada de pequenos ensaios variados. Importa salientar que, na análise de *Der Spiegel*, as charges publicadas foram reconhecidas como parte do corpo documental.¹⁰

As reportagens foram divididas em dois grupos temáticos centrais. O primeiro, referente ao apoio às políticas estadunidenses pelo grupo de pressão responsável pela publicação de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* respectivamente; o segundo, sobre a identificação destes grupos com o modo de vida americano.

A escolha das duas revistas é reconhecida como fonte privilegiada para a análise histórica na medida em que constitui um registro impresso dos acontecimentos de uma época, sem descuidar, no entanto, de que acontecimentos e estruturas são ambos “constructos intelectuais, elaborações teóricas que o historiador produz e das quais se utiliza para conhecer a história”.¹¹ São as causas, as relações entre os acontecimentos, portanto, o que interessa ao historiador.

O desenvolvimento de uma abordagem comparativa entre o processo de americanização no Brasil e na Alemanha impactou as variáveis pesquisadas que, por sua vez, impactaram sobre as respostas. Um modo específico de pensar a história capaz de dar respostas originais a indagações pensadas sob a óptica indissociável entre teoria e metodologia se fez necessário.

Comparar é, portanto, uma forma específica de propor e pensar questões. A presente análise procura avançar nas explicações e comparações que os historiadores fizeram ao proporem uma operação metodológica consciente “explicitando as unidades de observação e partindo de uma problemática comum”.¹²

De acordo com Marc Bloch, a comparação tem duas funções importantes: estudar e compreender os aspectos específicos e gerais de cada fenômeno, mas

¹⁰ De acordo Mauro César Silveira, a caricatura é reconhecida como fonte ao historiador, na medida em que faz parte do imaginário de uma época, uma possibilidade de se obter “outra perspectiva de representação do passado”. In: SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel: a guerra do Paraguai através da caricatura**. Porto Alegre: LP&M, 1996, capítulo I. Sobre o uso da Charge no trabalho histórico, ver também: ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande: Fundação da Universidade Federal do Rio Grande, 2006.; MAASE, Kaspar. **BRAVO AMERIKA: Erkundungen zur Jugendkultur der Bundesrepublik in den fünfziger Jahren**. Hamburg: Junius, 1992.

¹¹ MALERBA, Jurandir. “Acontecimentos: definições e propriedades”. In: **Ensaio: teoria, história & ciências sociais**. Londrina: Eduel, 2011. p. 87.

¹² HAUPT, Heinz-Gehard. **Comparative History: a contested method**. [s.l]: [s.e], [s.d]. [s.p].

também de ajudar a compreender as causas e as origens dos fenômenos.¹³ Ao longo do exercício de comparação, foi possível compreender similitudes e diferenças no processo de americanização no Brasil e na Alemanha, expondo assim, os interesses específicos que levaram cada grupo de pressão a “se americanizar”.¹⁴

Para José D’Assunção Barros, a comparação advoga que o historiador reflita sobre a própria ciência histórica, que repense o estabelecimento do recorte e o tratamento sistematizado dado às fontes e aos processos investigados.¹⁵ Assim sendo, os recortes metodológicos e temporais, se encontram, também, justificados.

Para Marc Bloch e Giovanni Sartori, a escolha por comparar permite, ainda, controlar a hipótese formulada, verificar se as generalizações restam válidas e a que casos elas se aplicam. Empresta, assim, maior cientificidade aos resultados e na formação de conceitos.¹⁶

Por sua vez, para Nancy Green, “a abordagem comparativa nos ajuda a tornar o invisível visível, e a questionar nossas generalizações”.¹⁷ A pesquisa histórica comparada é, portanto, capaz de expor os interesses camuflados por trás da escolha de “se americanizar” por cada grupo de pressão das respectivas revistas em análise e, ao mesmo tempo, questionar as generalizações que advogam ser o processo de americanização uma via de mão única dos Estados Unidos ao resto do mundo, com o objetivo de projetar em cada estado sua imagem e semelhança.

A partir da perspectiva de um trabalho histórico, no qual teoria e metodologia são indissociáveis, se pode compreender que as fontes primárias escolhidas não são provas em si mesmas, mas construídas teoricamente. De acordo com Bourdieu, não há oposição entre teoria e metodologia, pois as opções técnicas/empíricas são inseparáveis das opções teóricas de construção do objeto. Assim, é em função da

¹³ BLOCH, Marc. “Para una história comparada das sociedades europeias”. In: **História e Historiadores**. Textos reunidos por Étinne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998.

¹⁴ MAASE, Kaspar. “From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and anti-Americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

¹⁵ BARROS, José D’Assunção. “História comparada: Um modo de ver e fazer História”. In: **Revista História Comparada**, v. I, n. 1, jul. 2007.

¹⁶ BLOCH, op. cit.; SARTORI, Giovanni. “Comparación y método comparativo”. In: SARTORI, Giovanni; MORLINO, LEONARDO. **La Comparación em Lãs Ciências Sociales**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

¹⁷ GREEN, Nancy. “Forms of Comparison”. In: COHEN; O’CONNOR (Eds) 2004 apud HAUPT, HEINZ-Gehard. **Comparative History: a contested method**.

construção do objeto que o método se impõe. É em função de uma teoria/hipótese que um dado pode funcionar como evidência.¹⁸

No presente trabalho, a referência fundadora de toda a arquitetura teórica é a obra de Norbert Elias, principalmente no que se refere ao conceito de “grupo de pressão”. Cabe ainda acrescentar que, para Elias, a civilização é um devir no qual um conjunto de interações forma um sistema não planejado e se estrutura progressivamente. As relações entre unidades ou grupos sociais são, em realidade, as relações de força que ligam e opõem e, dessa forma, inscrevem indivíduos em uma estrutura hierarquizada que pressupõe um campo de forças de tensão, equilíbrio e competição.¹⁹

Neste sentido, a concepção de Elias se aproxima muito do conceito de “campo” de Bourdieu, o qual traduz a ideia de um espaço estruturado de posições onde se desenvolvem as relações de luta. A mesma concepção relacional e estrutural do social está presente em ambos os autores.

A escolha pela abordagem elisiana torna-se mais apropriada ao presente trabalho, na medida em que Elias, atento ao processo histórico de longa duração, concebe que as possibilidades de transformações no interior das configurações sociais não resultam, inevitavelmente, de uma modificação na hierarquia das posições dos agentes no campo e, sim, pode ter um “motor exógeno”, função exercida pelas contingências históricas, que, por certo, transforma a hierarquia das posições.²⁰

Dessa postura decorre uma série de implicações teóricas, pressupostos sobre o fazer histórico que nortearam a conduta da pesquisa e na sua explanação, com consequências no plano da interpretação e da narrativa. Se as questões colocadas fossem outras, provavelmente, as respostas seriam, também, outras.

A construção da narrativa obedeceu à seguinte lógica: o primeiro capítulo, intitulado *O Brasil nas páginas da revista O Cruzeiro* tem início com um esboço sobre a atmosfera que envolveu a sociedade brasileira nos anos pesquisados. Parte

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal LTD, 2003.

¹⁹ A obra de Norbert Elias permite pensar historicamente a partir de suas categorias de análise. Sua conceituação encontra-se dispersa ao longo de sua obra, diferente de pensadores como Pierre Bourdieu que exaustivamente define o uso de seus conceitos em cada estudo. Uma bibliografia sobre o tema encontra-se em Malerba, 1996. p. 73-92.

²⁰ O historiador Jurandir Malerba, apresenta uma discussão entre os usos dos preceitos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias nos desafios do trabalho histórico em dois momentos: MALERBA, (2000) e (2001, p. 155-76.) respectivamente.

de uma reflexão sobre o mundo do pós-guerra no qual *O Cruzeiro* está inserido e se inseriu. Segue com uma análise do periódico propriamente dito, das relações de poder no interior da edição e procura analisar o posicionamento do grupo de pressão de *O Cruzeiro* em relação às políticas estadunidenses e ao *American way of life*, entre janeiro de 1947 a dezembro de 1952. Analisa, também, as diversas linhas interpretativas sobre o processo de americanização no Brasil.

O segundo capítulo, intitulado *A Alemanha Ocidental nas páginas do magazine Der Spiegel*, objetiva analisar o posicionamento do grupo de pressão responsável pela revista, também em relação à política dos Estados Unidos e à veiculação do *American way of life* em suas páginas, entre 1947 e 1952. Busca igualmente analisar como se deu o processo de americanização da Alemanha no pós-guerra e as interpretações historiográficas sobre o assunto.

Por fim, o terceiro, intitulado *Congruências nas revistas ilustradas*, privilegiou um esboço comparativo entre as reflexões expostas no primeiro e segundo capítulos, que permitiu, assim, distinguir diferentes funcionamentos da mesma forma social no interior de sociedades comparáveis e contemporâneas. Por meio da comparação, procurou-se compreender posicionamentos similares entre grupos distantes, desvendando-se o que levou os grupos de pressão de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* a “se americanizarem”.

2 O BRASIL NAS PÁGINAS DA REVISTA *O CRUZEIRO*

2.1 O PÓS-GUERRA E AS INTERPRETAÇÕES SOBRE A AMERICANIZAÇÃO NO BRASIL

Em termos contextuais, como vitoriosos dos conflitos mundiais, emergiram duas superpotências. De um lado os Estados Unidos, isolados geograficamente da zona de conflito, com vantagem política, diplomática, militar e econômica e de outro, a União Soviética, preocupada com a recuperação de suas perdas materiais e humanas e com a estabilidade política, econômica e social das zonas ocupadas pelo exército vermelho.

De acordo com Jon Savage, nos primeiros meses após a assinatura da rendição incondicional da Alemanha, a violência e a destruição da guerra manteve a maioria das nações combatentes envolvidas com sua sobrevivência.²¹ Os líderes nazistas, ao assinarem a rendição incondicional do Terceiro Reich, ficaram ausentes da mesa de negociações do pós-guerra. Os franceses, “libertos”²² pelo exército de Eisenhower, procuraram organizar a transição política com De Gaulle e retomar sua República. Os britânicos, independentes politicamente e falidos, tentaram descolonizar sem perder o controle de seu vasto império e evitar turbulências sociais. Os soviéticos, com a perda de cerca de 27 milhões de almas, procuraram retomar sua reconstrução e obter reparações da Alemanha.

De todas as nações envolvidas na guerra, portanto, “somente os Estados Unidos possuíam espaço e tempo para fazer planos sistemáticos para uma futura ordem mundial”.²³ Enquanto Washington se ocupava com a visão global de longo prazo, as potências europeia e soviética permaneciam envolvidas com suas dificuldades internas.

²¹ SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 57.

²² De acordo com a Historiografia tradicional as definições de “libertação” é um termo que, no contexto da guerra, geralmente é empregado de modo seletivo e subjetivo para operações militares aprovadas. Na literatura aliada o resultado bem-sucedido de operações realizadas pelos aliados ou pela União Soviética é descrito como libertação, enquanto o resultado de operações similares conduzidas por forças do Eixo é classificado como “invasão” ou “ocupação”. c.f: DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 332. Sobre o uso arbitrário de terminologias como, “povo”, “raça”, “nação”, “nacionalismo”, “Estado” e “civilização”, na literatura do imediato pós-guerra ver: ARENDT, Hanna. “A Nação”. In: **Compreender, Formação, Exílio e Totalitarismo (Ensaio)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 234-40.

²³ SAVAGE, op. cit., p. 58.

A guerra havia inaugurado a maior etapa de prosperidade dos Estados Unidos. Em dezembro de 1941, o gigante adormecido colocou sua economia de tempos de paz em ritmo de guerra. Segundo Norman Davies, a resposta foi espetacular. Fábricas de automóveis mudaram para a produção de tanques. Estaleiros passaram de navios mercantes para embarcações de guerra. Hangares dedicaram-se aos caças e bombardeiros. A força de trabalho, motivada com o fim da depressão que assolara a década anterior, reagiu com energia. Em 1943, era produzido um tanque de guerra a cada cinco minutos, um avião a cada meia hora e um porta-aviões a cada semana.²⁴

Isolados geograficamente da zona de conflito e confiantes em sua crescente economia, os Estados Unidos desfrutavam de riqueza, poder e prestígio. De acordo com Melvyn Leffler, o produto nacional bruto estadunidense cresceu sessenta por cento durante a guerra. Apesar de a sua situação social ter se mantido turbulenta, com conflitos raciais e vandalismo adolescente, a vida era extraordinariamente distinta dos continentes destroçados pela guerra. Pela primeira vez na história, muitos norte-americanos tinham mais dinheiro do que sabiam como gastar.²⁵ A avalanche de otimismo e bem-estar econômico emitia sinais da possível supremacia estadunidense.

Em seu estudo comparativo entre a economia de guerra alemã, britânica, soviética e estadunidense, Davies sustenta que os milagres protagonizados pela economia alemã, uma vez que sua produção não parou de crescer até 1944, que a Grã-Bretanha quebrada e dependente dos empréstimos dos Estados Unidos sobreviveu às interrupções de suprimento e que a União Soviética era o único estado combatente a possuir uma economia militarizada planejada antes do início da guerra, nada se compara aos milagres obtidos pela economia estadunidense.²⁶

De acordo com o referido autor, portanto, ninguém mais poderia ter apresentado as propostas de organização mundial, ninguém mais poderia financiar a reconstrução do pós-guerra. Os Estados Unidos seriam, assim, os principais beneficiários do imediato pós-guerra, permanecendo “virtualmente intocado pela

²⁴ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 50.

²⁵ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 59.

²⁶ DAVIES, op. cit. p. 50.

guerra, vivendo um *boom* econômico sem precedentes e agora totalmente armado, dando as cartas para os estropiados europeus”.²⁷

Contudo, é preciso lembrar que, apesar de os Estados Unidos serem os principais beneficiários da agenda do pós-guerra, eles não deram a maior contribuição militar à guerra na Europa. De acordo com a recente revisão historiográfica, é preciso ser cauteloso no reconhecimento das posições e dos méritos no término da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Norman Davies²⁸, Fareed Zakaria²⁹ e Antony Beevor³⁰, a ênfase deve ser posta no Leste Europeu, uma vez que a região foi palco das ambições nazistas, base do poder soviético, cena do Holocausto e de outras atrocidades³¹ e território em que três quartos dos combates se desenvolveram.

Quando os bombardeios cessaram em maio de 1945, o exército vermelho havia saído de casa e dominado meio continente. A vantagem política e territorial conquistada pela União Soviética nesse ano, era tal que “o Ocidente lutava desesperadamente no período do imediato pós-guerra para conquistar algum grau de paridade”.³² A partir dessa constatação se pode compreender o perigo do alcance das forças de ocupação do exército vermelho e a preocupação dos líderes ocidentais com a expansão do comunismo nos anos do pós-guerra.

²⁷ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 213.

²⁸ DAVIES, loc. cit.

²⁹ ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁰ BEEVOR, Antony. **Berlin 1945: a queda**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

³¹ Segundo a Norman Davies, soldados fora de controle, cujo ofício é matar uns aos outros podem voltar suas armas contra civis, por embriaguez, desespero, perversão ou vingança contra ações efetuadas pelo exército inimigo. A guerra de 1939-1945 tem seus terríveis e inexplicáveis exemplos, como o massacre pelas SS, em junho de 1944, na cidade de *Oradour-sur-Glane*, quando a divisão de *Panzers* das SS *Das Reich* tentava ir a sudoeste da França à Normandia, uma companhia do regimento *Der Führer* fez um desvio até a vila de Oradour, juntou todos os moradores e depois ateou fogo neles enquanto ainda estavam vivos. Cerca de 650 corpos foram deixados para trás, ao lado de casas queimadas e saqueadas. Outro exemplo cem vezes mais atroz pelas SS foi durante a primeira semana do levante de Varsóvia, que atingiu os subúrbios da zona oeste da cidade que não tinham importância militar, quando duas brigadas das SS a *Dirlewanger* e *Kaminsky* descarregaram sua fúria nos civis. Uma série de atrocidades foram cometidas em cinco dias. Grupos de homens e mulheres foram levados aos pátios de igrejas e metralhados. Moradores foram arrancados de suas casas e chacinados com sabres e baionetas. Grávidas e crianças foram esquartejadas. Hospitais foram invadidos, pacientes mortos em seus leitos, e médicos e enfermeiras mutilados. Depois do massacre o bairro foi incendiado. O número de vítimas é estimado entre 40.000 e 50.000. No lado soviético, os incidentes de *Nemmersdorf*, em outubro do mesmo ano, no Leste da Prússia, merece ser lembrado. Quando uma tropa de assalto soviética invadiu o território sob domínio alemão e massacrou seus civis. As autoridades alemãs tiraram fotografias das vítimas e enviaram ao Ministério da Propaganda de Goebbels. Acima de tudo, houve o massacre de *Katyn*, por certo não a maior atrocidade, mas que exigiu um decisivo teste de honestidade histórica. Em relação ao desaparecimento de 25.000 oficiais aliados na Rússia em 1940. c.f. DAVIES, op. cit., p. 347-9.

³² DAVIES, op. cit., p. 230.

Apesar de os Estados Unidos serem reconhecidos atualmente como os verdadeiros vitoriosos do conflito, as potências ocidentais, desde o final da Primeira Guerra Mundial, acreditavam que o comunismo e a subversão soviética representavam a ameaça mais perigosa à ordem internacional. Portanto, no cessar fogo da Segunda Guerra Mundial, líderes mundiais estavam comprimidos na desconfortável zona entre o vácuo de poder deixado pelo colapso nazista e do suposto avanço das ideias comunistas.

Diante da sucessão de manifestações que eclodiram pelas ruas e nas urnas dos países destruídos pela guerra, os líderes mundiais encontravam razões para temer uma expansão comunista nos países assolados pelo conflito. Segundo Leffler, os governos tinham motivos para estar em alerta, uma vez que,

na Bélgica o Partido Comunista passou de 9.000 votos em 1939 a 100.000 em novembro de 1945, na Grécia de 17.000 em 1935 a 70.000 em 1945; na Itália 5.000 em 1943 a 1,7 milhões no final de 1945; na Checoslováquia de 28.000 em maio de 1945 a 750.000 em setembro de 1945. Na França, Itália e Finlândia os comunistas representavam vinte por cento do total dos votos. Na Bélgica, Dinamarca, Noruega, Holanda e Suécia rondavam cerca de dez por cento. Na Europa do Leste entre vinte e cinquenta por cento da população apoiava os partidos de esquerda.³³

Na Grã-Bretanha, o Partido Trabalhador saiu vencedor, em 1945, e para a surpresa dos norte-americanos, desbancou Winston Churchill. Na Alemanha, o comunismo retomou fôlego com a ocupação soviética. Em 1930, o país esteve profundamente dividido. De um lado, as manifestações do movimento operário foram representadas pela socialdemocracia e sindicatos, com um círculo de intelectuais nas universidades e no exterior. De outro, o bloco maciço das classes médias e das elites organizadas sob a égide do Partido Nacional-Socialista. Durante a República de Weimar, o deslocamento político para a direita foi decisivo. Em 1932, “o país estava tomado por milícias, os comunistas tinham uma milícia, os social-democratas tinham milícia, os nacional-socialistas igualmente”.³⁴ Na época, “onze cidades haviam hasteado a bandeira vermelha da revolução socialista: nas ruas de Berlin,

³³ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 82.

³⁴ ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

radicais combatiam com os *Freikorps* de direita no vácuo do poder deixado pelo desaparecimento do Kaiser”.³⁵

Com estas lembranças, os líderes Ocidentais temiam o retorno dos ideais comunistas sufocados pela escalada do nacional-socialismo – que havia levado a nação ao caos social – e, que agora, encontrava terreno fértil para prosperar. Talvez, esse período, em que o medo norte-americano de uma desintegração social ou revolução social nas partes não soviéticas, não tenha sido exagerado, afirma Hobsbawm.³⁶

Em 1946, Stalin já havia trabalhado com Franklin Delano Roosevelt e Winston Churchill durante os anos de guerra. Com a paz, Stalin criou uma zona de segurança na periferia da União Soviética. De acordo com Melvyn Leffler, do outro lado do Globo, para Franklin Delano Roosevelt, a tarefa crucial entre 1943 e 1945 foi a de comprometer os Estados Unidos com uma estrutura de paz no pós-guerra. Seria necessário projetar uma organização internacional permanente capaz de preparar o povo norte-americano para um papel internacional mais amplo.³⁷ Assim sendo, no final de 1944, uma série de conferências internacionais foram organizadas. Em Dumbarton Oaks, os países aliados foram convidados a debater sobre organização internacional e finanças; em Bretton Woods, sobre comércio e desenvolvimento; em Hot Springs, sobre alimentação e agricultura; em Chicago, sobre aviação civil e, em Unrra, sobre assistência e reabilitação. Tais conferências moldaram a estrutura para o mundo ocidental do pós-guerra.

Entretanto, com o falecimento de Roosevelt em abril de 1945, Harry Truman assumiu a presidência dos Estados Unidos e lançou as bombas atômicas sobre o Japão. Stalin interpretou o episódio “como uma chantagem atômica contra a União Soviética”,³⁸ pois “não era mais necessário já que o país estava dominado”.³⁹ Para o líder soviético, Hiroshima havia acabado com o frágil equilíbrio de poder do pós-guerra. O presidente Truman, por sua vez, acreditava que a bomba serviria para

³⁵ SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 195.

³⁶ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 226.

³⁷ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 69.

³⁸ Ibidem, p. 70.

³⁹ SEBAG MONTEFIORE, Simon. **Stálin**: a corte do czar vermelho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 136.

alarmar os soviéticos, tornando-os mais fáceis de manejar.⁴⁰ Após os episódios de Hiroshima e Nagasaki, os dois líderes não conseguiram chegar a um acordo, apesar dos vários encontros entre seus assessores. Segundo Leffler, “as condições da cena internacional deram lugar a riscos que nem Truman nem Stalin podiam aceitar, e a oportunidades que não podiam resistir”.⁴¹

Assim, em fevereiro de 1946, Stalin recuperou a linguagem ideológica abandonada nos anos de guerra. Na ocasião do discurso no Teatro Bolshoi, o líder soviético discursou em termos da doutrina marxista-leninista: se a União Soviética enfrentava problemas internos, era imperativo acelerar o processo de industrialização para assegurar a independência econômica do império, fortalecer a capacidade defensiva e criar as condições para a vitória do socialismo dentro de suas fronteiras.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos também endureceram sua política externa. Quando Churchill alertou, em 1946, sobre uma possível “Cortina de Ferro”, responsável por dividir a Europa em áreas de influência, os Estados Unidos estavam prontos para assumirem uma maior responsabilidade no cenário internacional. A partir do sentido de “missão e dever”⁴², se pode entender a posição do país frente ao sistema internacional no pós-guerra.

As ideias de George Kennan, elaboradas no seu famoso *Longo Telegrama*⁴³ e despachadas de Moscou em 22 de fevereiro de 1946, acerca do caráter expansionista do comunismo soviético, somadas à disposição do presidente Truman – cuja proposta era de que novos estados não fossem incluídos na órbita soviética – consolidaram a “política da contenção” do comunismo. A “América tinha agora o enquadramento conceitual para justificar uma resistência prática ao expansionismo soviético”,⁴⁴ afirmou Henry Kissinger.

A ameaça, em termos ideológicos, de um comunismo expansionista, colocando em perigo os cidadãos da América, não deixava de ser conveniente. Na

⁴⁰ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 64.

⁴¹ Ibidem, p. 80.

⁴² BIAZETTO, Bruno Henz. **A Insurreição no Meu Quintal**: processo decisório e percepção da diplomacia norte-americana durante a Revolução Cubana (1958-1960). Dissertação apresentada ao PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2008.

⁴³ “A contribuição específica de Kennan foi explicar de que modo a hostilidade às democracias era inerente à estrutura interna soviética e a razão por que essa estrutura se mostraria inacessível às políticas de conciliação do Ocidente.” In: KISSINGER, Henry A. **Diplomacia**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2007. p. 396.

⁴⁴ Ibidem, p. 393.

luta por interesses reais, o anticomunismo serviria como justificativa para o confronto.⁴⁵ Em outras palavras, “se a América não estava segura, não havia como recusar as responsabilidades e recompensas, da liderança mundial”.⁴⁶ Era preciso lutar, portanto, para garantir a segurança e os direitos de cada cidadão norte-americano e, aos “Estados Unidos, coube tanto a tarefa quanto o dever de servir como exemplo para a humanidade, primeiro consolidando e depois expandindo sua democracia e sua liberdade”.⁴⁷

Washington passava a adotar o papel histórico de bloquear o suposto avanço do comunismo. Quando, em 12 de março de 1947, o presidente Truman afirmou que a política dos Estados Unidos deveria ser a de apoiar os povos livres que estavam resistindo à tentativa de subjugação pelas minorias armadas ou pelas pressões externas, o Congresso e a opinião pública estavam prontos para apoiar as medidas internacionalistas propostas pela presidência.

Em abril do mesmo ano, o secretário de Estado norte-americano, George Marshall, rabiscou as diretrizes de um amplo Programa de Recuperação Europeia que ficaria conhecido como o Plano Marshall, levado a público alguns meses depois, por meio do famoso discurso de colação de grau, na Universidade de Harvard em cinco de julho de 1947. Anunciou Marshall: “a América ajudaria a Europa a se recompor, para evitar distúrbios políticos e desesperos, para restaurar a economia mundial e para criar instituições livres”.⁴⁸ O Plano de Ajuda foi estendido a todos os países que alegassem precisar de auxílio na sua reconstrução.

Contudo, a partir da decisão de Stalin de ficar de fora da órbita do Programa de Reconstrução, a ajuda ficou restrita ao Oeste Europeu e marcou a divisão entre as duas metades do continente. Na visão de Stalin, a “Ajuda Marshall representava uma ameaça imperialista estadunidense ao mundo comunista”,⁴⁹ cujo epicentro era a própria União Soviética. A posição do líder soviético foi negar, em absoluto, a ajuda e “aconselhar” os “países amigos” a fazerem o mesmo. Consolidou-se, assim, no lançamento do Plano Marshall, a divisão da Europa em duas áreas de influência.

⁴⁵ KISSINGER, Henry A. **Diplomacia**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2007. p. 393.

⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 232.

⁴⁷ PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**. 2. ed. ampl. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 123.

⁴⁸ KISSINGER, op. cit., p. 395.

⁴⁹ JUDT, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 121.

A aliança vencedora da Segunda Guerra Mundial estava desfeita e o “ano de 1947 seria crucial, o alicerce do qual dependeria o destino do continente”.⁵⁰

Era preciso colocar, então, o Plano de Recuperação em prática. Para os norte-americanos, o interesse em devolver à Europa o status de maior parceira comercial era bastante lúcido e prático. Como apontou Allen Dulles: “o Plano pressupõe que pretendemos colaborar em prol da restauração de uma Europa capaz de competir conosco nos mercados mundiais e que, por essa mesma razão, possa adquirir nossos produtos em grande quantidade”.⁵¹ O mesmo discurso encontrou justificativa no relatório da Agência de Inteligência Central (CIA), com data de 1947, no qual ficou explícito que “o maior perigo para a segurança dos Estados Unidos é o possível colapso econômico da Europa Ocidental e a consequente subida ao poder por parte de elementos comunistas”.⁵²

Desde o seu lançamento, em julho de 1947, até o fim da emissão de ajuda em 1952, o Plano Marshall construiu uma barreira ao avanço comunista na Europa Ocidental por meio da reabilitação econômica, da promoção de estabilidade política e de segurança social.⁵³ Ao mesmo tempo, foi o responsável direto por dividir a Europa em duas zonas. Conforme afirma Judt:

Eis o contexto do Plano Marshall uma paisagem sombria que dizia respeito à política e segurança, na qual os interesses norte-americanos estavam inextricavelmente ligados aos interesses de um subconsciente europeu fragilizado e doente.⁵⁴

⁵⁰ JUDT, Tony. **Pós-guerra**: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 103.

⁵¹ Ibidem, p. 121.

⁵² Ibidem, p. 103; LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 83-6.

⁵³ De acordo com Michael Hogan, o Plano Marshall marcou o final da era do isolacionismo estadunidense e deu início ao “século americano”. O resultado final foi “uma comunidade Europeia próspera, estável e segura contra os perigos da subversão comunista capaz de se unir aos Estados Unidos no sistema multilateral de comércio mundial”. Entretanto, como argumenta o autor, para atingir este objetivo, os planejadores promoveram o livre fluxo de mercadorias, serviços e capitais, colocaram o comércio intra-europeu e os pagamentos numa base multilateral. A agenda que os planejadores tinham em mente era um compromisso comum para o crescimento econômico. Contudo, gerar crescimento, exigiu mais do que colaboração corporativa entre diferentes grupos ou a simples integração de economias, evoluiu a formação de redes e instituições supranacionais. Ao mesmo tempo em que, exigiu modernização da produção, assimilação da técnica estadunidense de negócios, reforma das políticas fiscal e tributária, e da vontade dos empresários europeus e das elites governantes em elevar a produtividade do trabalho e de partilhar os benefícios do crescimento mais equilibradamente através de programas sociais. c.f: HOGAN, Michael J. **America, The Marshall Plan: Britain and the reconstruction of Western Europe, 1947-1952**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 427-8.

⁵⁴ JUDT, op. cit., p. 109.

Coube aos Estados Unidos a missão de aproximar seus aliados, refrear suas políticas independentes, afastar um possível neutralismo, pois nenhum canto do mundo era tão pequeno e insignificante que pudesse ser desconsiderado. Nas palavras de Leffler,

é impossível compreender a Guerra Fria sem antes admitir a desilusão que se apoderou dos europeus depois de décadas de guerra, depressão econômica e genocídio; sem antes admitir o temor diante da possibilidade de que Alemanha se recuperaria; sem antes admitir as aspirações autonomistas, modernizadoras e o desejo de progresso material dos povos asiáticos, africanos e latino-americanos.⁵⁵

Entretanto, são muitas as explicações sobre a conduta das duas superpotências durante o pós-guerra. No mundo ocidental, a narrativa predominante compreende o período de Guerra Fria como de luta heroica entre o bem *versus* o mal. De acordo com Fareed Zakaria, “ainda pensamos em um mundo no qual uma potência em ascensão deve escolher entre duas opções rígidas: integrar-se à ordem ocidental ou rejeitá-la, tornando-se uma nação fora-da-lei que deve encarar as penalidades da excomunhão”.⁵⁶ Dessa forma, a construção da ideia de um mundo Ocidental, democrático e cristão, nasceu em oposição a um mundo Oriental, autoritário e ateu.

Interpretações ocidentais tradicionais priorizam a configuração do poder no cenário internacional. Segundo esta linha argumentativa, todos os governos respondem aos estímulos da arena internacional a qual não podem controlar. Seus famosos expoentes foram Henry Kissinger e Stephen Ambrose.

Contudo, como aponta Zakaria, a frustração acumulada pelos países fora do mundo ocidental, principalmente a Rússia, por terem de aceitar uma narrativa ocidental ou americana da história mundial, à qual lhes é atribuído um papel secundário no conflito, estão sendo revistas.⁵⁷ Este esforço é representado pelos recentes trabalhos de Norman Davies, Richard Bessel e Jon Savage.

Outras publicações, da recente década de 2000, se concentram nas decisões de grandes homens como Ióssif Stálin, Winston Churchill, Mikhail Gorbachev, John F. Kennedy, Ronald Reagan e George Bush. São teorias que estudam a fascinação

⁵⁵ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 22.

⁵⁶ ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 46.

⁵⁷ ZAKARIA, loc. cit.

que tais personalidades exercem por sua capacidade de liderança. Entre os autores publicados nos últimos anos figuram: Melvyn P. Leffler, Simon Sebag Montefiore, Susan Butler e Dmitri Volkgonov.

Melvyn Leffler sustenta que os governos não se limitam a responder às ameaças do cenário internacional, pois tais governos são constituídos por homens e mulheres com ideais e recordações históricas, que influem diretamente na compreensão dos acontecimentos e oportunidades.⁵⁸ São sujeitos históricos submetidos às pressões de grupos de interesses domésticos, da opinião pública e de aparatos burocráticos. Nas palavras do autor:

Os estadistas democráticos são sensíveis a seus eleitores e às relações entre o poder executivo e o legislativo, e sucumbem em ocasiões a *lobbies* econômicos cujas opiniões nem sempre compartilham. Os líderes de países autoritários – e incluindo os de totalitários – também precisam lidar com aparatos burocráticos de preocupações diferentes das suas.⁵⁹

Desta forma, nenhum líder, em nenhum lugar do Globo, governa em um vazio doméstico que lhe permita ditar políticas sem levar em conta seus eleitores, ou a burocracia, ou os grupos de pressão.

No Brasil, a grande maioria das análises interpretativas sobre a conduta do país nos anos do pós-guerra aparece como reflexo dos acontecimentos da arena internacional. As discussões enfatizam, sobretudo, o viés econômico das relações entre o país e seu principal mercado consumidor, os Estados Unidos. Desse modo, as práticas da política externa brasileira são associadas ao “alinhamento sistemático à política externa americana”.⁶⁰ São variados os trabalhos que têm como objeto o processo de americanização no Brasil.

Como afirma Antônio Pedro Tota, os estudos sobre a americanização no país, em sua maioria, são associados à modernização do mesmo e se dividem em duas correntes. Ora o fenômeno é interpretado como um grande perigo destruidor da

⁵⁸ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética e la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 18.

⁵⁹ LEFFLER, loc. cit.

⁶⁰ SATO, Eiti. 40 anos de política externa brasileira, 1958-1998: três inflexões. **Revista Brasileira Política Internacional**, n. 41 (n.º. especial 40 anos), p. 9, 1998. A partir do final da Segunda Guerra Mundial se observa certa uniformidade no posicionamento dos estudos referentes à diplomacia brasileira em relação a reafirmação do Brasil enquanto aliado dos Estados Unidos. Ver: ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Relações Internacionais e Política Externa do Brasil**: dos descobrimentos a globalização. Porto Alegre: UFRGS, 1998; CERVO, Amado. **Política Exterior e Relações Internacionais do Brasil**: enfoque paradigmático. Bras. Poli. Int., n. 46, 2003; OLIVEIRA, Altemani de. **A Operação Panamericana e a Política Externa Independente**. São Paulo: Saraiva, 2005.

nossa cultura, influenciando-a negativamente; ora, de forma oposta, é visto como uma força capaz de tirar o país de uma letargia cultural e econômica, modernizando a sociedade brasileira.⁶¹

Segundo o autor, os expoentes da corrente que interpreta a americanização como responsável por destruir nossa cultura possui um arsenal teórico herdado do marxismo. Seus argumentos são fundamentados em modelos socioeconômicos que relacionam, quase sempre, a dependência cultural à economia. Para esses autores, “os laços entre cultura e dependência econômica são bastante evidentes nas análises”.⁶² Em inferior aceitação, circulam obras de autores que se “apaixonaram” pela via americana como saída para o nosso atraso, como Monteiro Lobato.⁶³

A obra de Pedro Tota, intitulada *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial* avança na interpretação sobre o fenômeno da americanização no país. Determina o início do processo de americanização da sociedade brasileira em meados de 1942. Em seu estudo, evidencia o uso pedagógico dos meios de comunicação sob o comando da *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* no processo de americanização no Brasil. Afirma a existência de ações deliberadas e planejadas visando a um objetivo: americanizar o Brasil durante o período da Segunda Guerra. Nas palavras do autor, “a americanização do Brasil foi obra de um Estados Unidos mais interessado em manter o continente como parte de seu mercado”.⁶⁴

A obra de Tota dialoga com as interpretações de Noam Chomsky sobre o interesse dos Estados Unidos na América Latina e, em especial, no Brasil.⁶⁵ Para Chomsky, a política do pós-guerra foi consolidar um sistema global que pudesse servir aos Estados Unidos, garantindo tanto seu acesso aos mercados produtores de matérias-primas, quanto aos interesses da economia privada em mercados consumidores para os produtos estadunidenses. Nesse sentido, a intervenção dos

⁶¹ TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁶² Ibidem, p. 10.

⁶³ A obra de Monteiro Lobato, **América** (1948), encabeça a lista das obras mais citadas entre os estudiosos da influência dos Estados Unidos na sociedade brasileira. Moniz Bandeira e Lúcia Lipp de Oliveira defendem que além de Monteiro Lobato, Gilberto Amado e Anísio Teixeira tinham simpatia pelos Estados Unidos. c.f: BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. p. 209; OLIVEIRA, Lúcia Lipp. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 19.

⁶⁴ TOTA, op. cit., p. 35.

⁶⁵ CHOMSKY, Noam. **Contendo a Democracia**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Estados Unidos no terceiro mundo foi impulsionada pela meta de assegurar uma região atrasada para as economias capitalistas de estados que o país esperava reconstruir na Europa Ocidental e no Japão.

Ao reconhecer a americanização no Brasil como parte do projeto estadunidense na busca de mercados, Tota dialoga com Chomsky ao mesmo tempo em que se aproxima da historiografia brasileira tradicional. Por outro lado, seu estudo coloca em xeque interpretações que relacionam de forma direta a dependência econômica do Brasil à imposição do *American way of life* e à cultura nacional. O autor destina sua crítica principalmente à obra de Gerson Moura.⁶⁶

Acompanhando o estudo de Tota, é possível inserir a obra de Nelson Werneck Sodré na matriz teórica marxista, verificando, assim, os laços entre dependência econômica e cultural dos Estados Unidos.⁶⁷ Ou seja, em seus trabalhos, Sodré sustenta o estabelecimento da relação de dependência entre produção da cultura de massa no Brasil e desenvolvimento das relações capitalistas no país. Desta forma, para o autor, a imprensa organizada em grandes corporações guarda “estranha vulnerabilidade” por estar associada ao desenvolvimento das relações socioeconômicas obedecendo a interesses de empresas internacionais. Desse modo, o desenvolvimento das relações capitalistas apresenta deformações e cria servidões, no domínio da cultura, onde os meios de comunicação são meros instrumentos; não são geradores das estruturas, mas resultado delas, servidores delas.⁶⁸

Em seu estudo, Sodré alega que por trás dos conglomerados de imprensa se articulam interesses econômicos de empresas internacionais, alheios aos interesses nacionais. Nesse sentido, defende que a investigação histórica deve preocupar-se em verificar a que servem tais instrumentos, colocando em primeiro plano o estudo da estrutura socioeconômica da sociedade brasileira. Assim, acaba por negligenciar o fato de que por trás de cada consumidor exista um sujeito único, com interesses individuais.

⁶⁶ MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega o Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁶⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983; **Síntese de História da Cultura Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1986.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 78.

Na mesma esteira interpretativa, Moniz Bandeira evidencia o laço entre dependência econômica e cultura.⁶⁹ Afirma a submissão do Brasil à hegemonia dos Estados Unidos através das relações econômicas entre os dois países, sustentando que, no Brasil, a “penetração econômica e militar atingiu a superestrutura da sociedade, modificou hábitos e costumes, padrões de comportamento, consciência e linguagem”.⁷⁰ Assim sendo, para Bandeira a imposição do *American way of life* foi defendida nas políticas de governo, que acompanhou a ascensão da burguesia no país. Por fim, Bandeira concluiu que foi o cinema que permitiu aos Estados Unidos imporem o seu *way of life*.

A obra de Júlia Falivene Alves, intitulada *A invasão cultural norte-americana*, caminha na mesma direção que Nelson Werneck Sodré, Moniz Bandeira e Gerson Moura.⁷¹ Segundo Alves, nas relações imperialistas, através do intercâmbio desigual, o Brasil se “transformou em mero fornecedor de alimentos e matérias-primas e importador de manufaturados, tecnologia e capitais do país dominador”.⁷² Devido a dependência econômica aos Estados Unidos o Brasil sofreu um “colonialismo cultural”⁷³.

A recente tese de Marlise Regina Meyrer intitulada *Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)*, procura verificar a integração do Brasil ao mundo ocidental capitalista, liderado pelos Estados Unidos, a partir da análise das teses desenvolvimentistas associadas à superação do atraso brasileiro.⁷⁴ Como evidencia a autora, os estudos sobre a influência dos Estados Unidos no Brasil permanecem amarrados a argumentos das teorias marxistas ao mesmo tempo em que associam a americanização à modernização da sociedade brasileira. Nesse sentido, seu estudo corrobora abordagens tradicionais que privilegiam a dependência do país aos Estados Unidos.

A partir da análise das obras que se debruçam sobre o processo de americanização no Brasil se pode inferir que os estudos tradicionais partem da perspectiva da dependência cultural do Brasil à economia estadunidense. Tais estudos sustentam, portanto, que o *American way of life* foi imposto por um Estados

⁶⁹ BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

⁷⁰ Ibidem, p. 309.

⁷¹ ALVES, Júlia Falivene. **A Invasão Cultural Norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988.

⁷² Ibidem, p. 35.

⁷³ Ibidem, p. 71.

⁷⁴ MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007.

Unidos interessados em explorar economicamente a região. Esta interpretação levou historiadores a defenderem a tese do descaso estadunidense com a região.⁷⁵

Importa salientar que os referidos trabalhos foram produzidos entre as décadas de 1970 e 1990.⁷⁶ Ademais, como toda matriz histórica é filha dos questionamentos de seu tempo, as obras inseridas na matriz teórica marxista, dialogam entre si, sem se distanciarem. São obras que transitam na área de concentração em política externa e economia, portanto privilegiando aspectos ora políticos econômicos e ora diplomáticos.

Entretanto, como argumenta Paulo Roberto de Almeida, a aproximação entre os Estados Unidos e os países da América Latina, em especial o Brasil, representa “uma das maiores linhas de continuidade da diplomacia bilateral brasileira em quase dois séculos de relações exteriores enquanto país independente”.⁷⁷ As relações diplomáticas e econômicas remontam ao período anterior à independência do Brasil que, ao longo do século XX, foram se intensificando e substituindo a Inglaterra como o principal parceiro diplomático e comercial.⁷⁸ De acordo com Almeida:

Os Estados Unidos – como primeira potência hemisférica em todo o período e principal potência planetária desde o final da Segunda Guerra Mundial – estiveram presentes em quase todos os lances importantes da diplomacia brasileira no século XX, assim como ocuparam parte significativa da interface externa do Brasil no campo econômico, científico, tecnológico e cultural no último meio século. As relações foram ainda marcadas por uma evidente assimetria no plano econômico, tecnológico, militar, ainda que o Brasil, em diversas épocas, tenha buscado introduzir, no plano diplomático, maior equilíbrio político, com base na reciprocidade e na igualdade de tratamento,

⁷⁵ Sobre a tese do “descaso” e “negligência” dos Estados Unidos com a região da América Latina ver: PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**. 2. ed. ampl. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2005; CERVO, 1994. Cabe salientar que, autores norte-americanos como Gerald Haines e Thomas O’Brian concordam com as perspectivas brasileiras. Ver: HAINES, Gerald K. **The Americanization of Brazil: a study of U.S. cold war diplomacy in The Third World (1945-1954)**. Scholarly Resources Inc.: WILMINGTON, 1989; O’BRIAN, Thomas. **Making the Americas: The United States and Latin America from age of revolutions to the era of globalization**. New México: University of New México Press, 2007.

⁷⁶ Os estudos no Brasil permanecem alicerçados na matriz teórica marxista. Contudo, o Brasil não figura isolado, nem na contramão da evolução da historiografia mundial. Como sinaliza Estevão de Rezende Martins, “a influência do marxismo foi profunda na trajetória das ciências sociais, particularmente desde os anos 1930 e, em especial, dos decênios que e se seguiram à segunda guerra mundial. Essa expansão da metodologia marxista nas ciências sociais em seu conjunto teve, no caso da historiografia, um impacto talvez ainda maior, pela natureza mesma da construção teórica marxista, cujo fundamento é a análise da história. c.f: MARTINS, Estevão Rezende. *Cultura, Ciência, Teoria e Filosofia*. **Crítica Revista de Filosofia**. 30 ago. 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>. Acesso em: 12 mai. 2011.

⁷⁷ ALMEIDA, Paulo Roberto de. “As relações do Brasil com os Estados Unidos em perspectiva histórica”. ALMEIDA, Paulo Roberto de Almeida; BARBOSA, Rubens Antônio (Orgs.). **Relações Brasil - Estados Unidos: assimetrias e convergências**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 14.

⁷⁸ Cf. ALMEIDA, 2006. Capítulo II.

objetivos difíceis de ser alcançados, mesmo por potências mais avançadas, em vista dos evidentes (e crescentes) diferenciais de potencial estratégico e de exercício do poder entre os Estados Unidos e os demais países a partir de meados do século XX.⁷⁹

Almeida evidencia a linha de continuidade assimétrica fruto das rodadas de negociação comercial entre os países desenvolvidos, os Estados Unidos e em desenvolvimento, o caso do Brasil. São políticas conduzidas no imediato pós-guerra que visavam atender aos interesses dos países desenvolvidos, uma vez que grande parte do comércio internacional se fazia entre os próprios países desenvolvidos. Aos países em desenvolvimento persistia o padrão habitual de exportação de produtos primários e importação de manufaturados. Apesar dos trabalhos de Raúl Prebisch e da *Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe* (CEPAL) sobre o intercâmbio desigual no final dos anos 1940, a introdução do princípio da não reciprocidade no GATT⁸⁰ precisou aguardar a rodada de 1964.

Para Luís Fernando Ayerbe, os estudos sobre a trajetória histórica da região são dominados por abordagens que vinculam o subdesenvolvimento à exploração pelos países capitalistas avançados, especialmente os Estados Unidos. Tal predomínio, deve-se, segundo o autor, à aproximação histórica e às divergências de expectativas e interesses entre os países.⁸¹ Assim, a maioria dos estudiosos aponta que “a cultura da dependência seria a principal causa do nosso insucesso”.⁸²

Para os países da América Latina reduzir a dependência externa via industrialização constituía o argumento principal da Cepal. Órgão que iniciou suas atividades em fevereiro de 1948 sob o comando das Nações Unidas, com a finalidade de produzir relatórios que colaborassem na busca de estratégias para um maior desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos.

⁷⁹ Cf. ALMEIDA, 2006. Capítulo II.

⁸⁰ Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, negociado e assinado em Genebra em 30 de outubro de 1947. O GATT contribuiu para a intensificação progressiva do comércio internacional, operando uma redução de 40%, em média, para os produtos manufaturados, jogando os níveis tarifários para cerca de 25% já em 1950. O princípio da não-reciprocidade é a introdução de um regime preferencial – concessões sem reciprocidade – em favor das partes contratantes menos desenvolvidas, os países em desenvolvimento. c.f: ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Relações Internacionais e Política Externa Brasileira: história e sociologia da diplomacia brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 119-20.

⁸¹ AYERBE, Luís Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: UNESP, 2002. p. 10.

⁸² AYERBE, loc. cit.

Segundo o pensamento Cepalino,⁸³ cujo maior expoente foi o economista argentino Raúl Prebisch, era preciso introduzir o planejamento econômico guiado pelo Estado para garantir a industrialização dos países localizados na periferia do sistema mundial. A industrialização correspondia às mudanças fundamentais para alterar a estrutura dos países periféricos, garantindo a implantação do modelo de desenvolvimento voltado para dentro, capaz de garantir maior desenvolvimento econômico e social.

O sistema centro-periferia, elaborado pela Cepal, se referia à forma particular pela qual os países em desenvolvimento se vinculavam economicamente aos desenvolvidos. No conceito de centro-periferia, a ideia de um desenvolvimento desigual é originário. Segundo Jacqueline Haffner, “consideram-se centros as economias em que penetram primeiro as técnicas capitalistas de produção. A periferia está constituída pelas economias cuja produção permanece inicialmente atrasada do ponto de vista tecnológico e organizativo”.⁸⁴ Desta forma, caberia a América Latina, enquanto parte da periferia, de acordo com a divisão internacional do trabalho, o papel específico de produzir alimentos e matérias primas para os grandes centros industriais.

De acordo com Ricardo Bielschowsky, o conceito centro-periferia era fundamental na teoria da Cepal.⁸⁵ Este seria responsável por descrever a difusão do processo técnico na economia mundial e por explicar a distribuição de seus ganhos. De acordo com esta interpretação, a divisão internacional do trabalho provocava, desde os primeiros estágios do capitalismo industrial, a disparidade crescente entre países ricos e pobres, isto é, entre centro e periferia. As regiões atrasadas transferiam seus ganhos de produtividade para as desenvolvidas o que provocava a “deterioração dos meios de troca”.⁸⁶

⁸³ De acordo com Dorivaldo Poletto, apesar da Cepal ter produzido múltiplos e complexos estudos disseminados em variados documentos, suas ideias não constituem uma mera justaposição sobre a evolução e o funcionamento das economias subdesenvolvidas, mas uma unidade de pensamento. c.f: POLETTI, Dorivaldo W. (coord.). Anais do Seminário Internacional: **50 Anos do Manifesto da CEPAL**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 12.

⁸⁴ HAFFNER, Jacqueline A. Hernández. **CEPAL: uma perspectiva de desenvolvimento latino-americano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 57.

⁸⁵ BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 16.

⁸⁶ A tese da deterioração dos termos de troca foi constituída como uma contestação ao princípio ricardiano, de acordo com a qual a distribuição física desigual das técnicas modernas é compensada através da transferência da ganhos de maior produtividade por meio de preços menores – via mecanismos de mercado –, desde que prevaleça a concorrência perfeita. Dessa maneira torna-se irrelevante saber onde ocorre o progresso técnico, já que os bens produzidos com as novas técnicas podem ser adquiridos no mercado internacional, com todas as vantagens introduzidas pelos aumentos da produtividade. A tese de deterioração dos meios de troca reverte o argumento, com a ideia de que não apenas a transferência de ganhos não ocorre, como, na verdade, o que se passa é o oposto: são as regiões atrasadas que transferem seus ganhos de produtividade para as desenvolvidas. c.f: BIELSCHOWSKY, op. cit., p.17.

Verificando a posição periférica dos países latino-americanos, a Cepal defendeu a introdução do planejamento econômico orientado pelo Estado e a integração econômica da América Latina. A industrialização passou a ser definida como questão nacional e a complementaridade entre os países da região o caminho para a superação do subdesenvolvimento.

Os países da América Latina pareciam, assim, encontrar as condições para alcançarem um desenvolvimento autossustentado. De acordo com Fernando Henrique Cardoso, passava-se assim a “uma formulação teórica e um conjunto de expectativas, apoiadas na convicção de que o industrialismo sucederia à expansão das exportações, complementando assim um ciclo de crescimento e inaugurando uma fase de desenvolvimento autossustentado”.⁸⁷ Ainda segundo Cardoso, “as condições estruturais e de conjuntura favorável deram margem desde então à crença, comum entre os economistas, de que o desenvolvimento dependeria principalmente da capacidade de cada país para tomar decisões de política econômica que a situação requeresse”.⁸⁸

Planejamento estatal e protecionismo eram vistos como meios de se alcançar a industrialização rápida e eficiente, capaz, então, de alterar a relação de dependência externa.

Como aponta Ricardo Bielschowsky, o imediato pós-guerra foi a época do planejamento não só em toda a Europa, mas como em alguns países subdesenvolvidos.⁸⁹ Assim, o Brasil não figurava isolado na defesa deste como promotor do desenvolvimento.

Em função da ampla divulgação da teoria da dependência, a partir da Cepal, grande parte dos intelectuais brasileiros explica o desenvolvimento do país baseados na cultura da dependência. Como sustenta Luís Fernando Ayerbe, nos anos de Guerra Fria, o subdesenvolvimento dos países latino-americanos foi atribuído pelos seus intelectuais à exploração dos países capitalistas avançados, especialmente os Estados Unidos.⁹⁰

⁸⁷ CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 18.

⁸⁸ Ibidem, p. 19.

⁸⁹ BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 322.

⁹⁰ AYERBE, Luís Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: UNESP, 2002. p. 10.

Ayerbe afirma que as diferenças entre riqueza e pobreza não se originam na divisão internacional do trabalho ou das políticas imperiais das grandes potências, mas das escolhas e práticas adotadas pelas sociedades. Dessa perspectiva, os fatores externos não podem ser considerados determinantes estruturais da pobreza ou da riqueza, o que torna a ajuda ao desenvolvimento um fator pouco relevante. O referido autor aponta que as barreiras do desenvolvimento latino-americano estão profundamente arraigadas na herança cultural das nações subdesenvolvidas. Assim sendo, a presença da teoria da dependência nas obras sobre a americanização do Brasil acompanha certo sentimento de antiamericanismo, que pode ser associado às frustrações das expectativas da intelectualidade brasileira frente às promessas de ajuda econômica de Washington ao longo das décadas.

Com excelência, Lincoln Gordon defende que a ausência de um modesto programa de ajuda econômica ao Brasil, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, poderia ter reduzido o componente antiamericano do nacionalismo brasileiro nas décadas do pós-guerra.⁹¹ O presente trabalho concorda com a perspectiva de que os múltiplos estudos sobre a influência estadunidense no Brasil estão fundamentados na cultura da dependência em função das frustrações diante da ausência de ajuda econômica de acordo com as expectativas brasileiras.

Seguindo essa análise, Pedro Tota avança ao compreender que a americanização não foi um processo passivo de transferência de cultura, mas de interação entre a cultura brasileira e a americana que, por sua vez, produziu novas formas de manifestação. Um povo só incorpora determinado valor de outro povo se ele fizer sentido no seu conjunto. Isso significa que a assimilação cultural não se faz por imitação, mas por um complicado processo de recriação.⁹²

A historiografia brasileira responsável pelos estudos sobre o processo de americanização do país tem sua análise restrita ao período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Concentram-se nos anos em que o conflito impulsionou ações protagonizadas pelo governo dos Estados Unidos no Brasil. De acordo com Lúcia Lipp de Oliveira e Pedro Tota, foi nos anos 1940, com a criação do *Office for*

⁹¹ GORDON, Lincoln. “Variações do nacionalismo: meio século de relações brasileiro – americanas”. ALMEIDA, Paulo Roberto de Almeida; BARBOSA, Rubens Antônio (Orgs.). **Relações Brasil - Estados Unidos: assimetrias e convergências**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 45.

⁹² TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

the Coordination of Inter American Affairs (OCIAA), que o *American way of life* invadiu o Brasil.⁹³

No entanto, Lipp de Oliveira sustenta que, se a penetração cultural norte-americana tem data relativamente recente, os Estados Unidos estão presentes como modelo na vida social e política brasileira desde o final do século XIX.⁹⁴ De acordo com a autora, a primeira referência à presença norte-americana no Brasil surgiu com a Inconfidência Mineira em 1789, com a adoção do modelo de independência estadunidense no ideário dos revoltosos. Lipp salienta que o século XIX foi da supremacia econômica e política inglesa e, no campo cultural, pela hegemonia francesa. Desta forma, uma presença, ainda que tímida, dos ideais estadunidenses, precisou esperar até a chegada da República tomada com os ideais da Constituição de 1891. Nesse momento, Oliveira Lima escreve *Pelos Estados Unidos* (1899), representando a defesa da sociedade americana como modelo a ser seguido. Tavares Bastos e, posteriormente, as obras de Alberto Torres, Oliveira Viana e Azevedo Amaral figuraram entre os apreciadores de aspectos específicos da política americana.

Lúcia Lipp de Oliveira concorda com a argumentação de Paulo Roberto de Almeida e Luis Fernando Ayerbe quando assinala que, apesar de no século XIX a influência inglesa no Brasil ter sido hegemônica no campo político e econômico, os ideais de liberdade e democracia estadunidenses estavam presentes nas obras dos intelectuais brasileiros do início do século XX. Desta forma, é possível afirmar que quando os Estados Unidos emergiram vitoriosos dos dois conflitos mundiais, o arcabouço democrático foi reconhecido.

A partir da análise dos estudos que se debruçam sobre o processo de americanização no Brasil, se pode inferir que, com o fim das ações “abertamente” planejadas no interior dos “*Offices*”, a americanização deixou de receber atenção dos pesquisadores brasileiros, interessados em evidenciar os laços de dependência entre o Brasil e os Estados Unidos motivados pelas frustrações diante da ausência de ajuda econômica de acordo com as expectativas brasileiras.

No presente trabalho entende-se, contudo, que no término da Segunda Guerra Mundial o processo de americanização no Brasil ganhou fôlego. Período em

⁹³ TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁹⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lipp. **Americanos**: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

que, a ideia do progresso técnico e material associado ao modo de vida americano galgou maior espaço nos meios de comunicação. Tal espaço foi conquistado por meio do favorecimento de importações de bens de consumo, da entrada de empréstimos e, da emissão de remessas lucros para o exterior. De acordo com Amado Cervo, o governo Dutra se atrelou ao desenvolvimento liberal associado, facilitou a entrada de capital estrangeiro, relaxou o controle de remessa de lucros e queimou as nossas divisas acumuladas durante a Guerra sem alcançar os nossos desejos de industrialização.⁹⁵

Com o fim do financiamento das agências os veículos de comunicação passaram a atuar orientados pelo mercado concorrendo entre si. Momento em que foi possível identificar o crescimento da oferta de produtos *Made in USA* associado a exaltação do modo de vida americano nas páginas do semanário analisado, *O Cruzeiro*.

O próximo capítulo, portanto, busca traçar um perfil da revista *O Cruzeiro*, e, assim, compreender as motivações que levaram ao grupo de pressão responsável pela revista a adotar um posicionamento pró-americano.

2.2 O CRUZEIRO: REVISTA ILUSTRADA

A revista *O Cruzeiro* é reconhecida como a principal revista ilustrada brasileira do século XX.⁹⁶ Foi fundada por Carlos Malheiro Dias e patrocinada pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.⁹⁷ Seu primeiro volume publicado tem como data de capa 10 de novembro de 1928. Desde seu lançamento foi assim reconhecida por seu corpo editorial:

Uma revista é um instrumento de educação e de cultura: onde se mostrar a virtude, animá-la; onde se ostentar a beleza, admirá-la; onde se revelar o talento, aplaudi-lo; onde se empenhar o progresso, secundá-lo. [...] Uma revista deve ser como um espelho leal onde se reflete a vida dos seus

⁹⁵ AMADO, Luiz Cervo. **O desafio internacional:** a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1994, p. 33-35.

⁹⁶ Sobre a revista *O Cruzeiro* ver: CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas.** São Paulo: Senac, 2001; NETTO, Accioly. **O Império de Papel:** Os bastidores de *O Cruzeiro*. São Paulo: Sulina, 1998.

⁹⁷ Sobre Assis Chateaubriand ver: CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro:** história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999; MORAES, Fernando. **Chatô, Rei do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

aspectos edificantes, atraentes e instrutivos. Uma revista deverá ser, antes de tudo, uma escola de bom gosto.⁹⁸

Sua edição inaugural foi impressa em cores e distribuída em todas as principais capitais do Brasil, em Montevideu e Buenos Aires. Sua primeira capa “vendeu todos os seus 50 mil exemplares, com preço de mil reis cada um”.⁹⁹ Em seu editorial anunciou que, “desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, infiltra-se por todos os municípios, utiliza na sua expansão todos os meios de condução terrestre, marítima, fluvial e aérea; entra e permanece nos lares; é a leitura da família e da vizinhança”.¹⁰⁰

Entre 1940 e 1950, *O Cruzeiro* foi o periódico de maior circulação do país chegando a atingir 205.000 exemplares¹⁰¹, ainda no primeiro semestre de 1947, e 750.000 exemplares¹⁰² na metade dos anos 1950. De acordo com Accioly Netto, “cada exemplar era lido por cinco pessoas, o que elevaria o número de leitores para 4.000.000, num país de 50.000.000 de habitantes, transformando-se na publicação de maior circulação do país”.¹⁰³

Entretanto, nos anos 1960, *O Cruzeiro* entrou em declínio com o surgimento de novas publicações, como as revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*. A revista permaneceu em circulação até julho de 1975.

Em meados de 1940, adotou um novo estilo e diagramação. A mudança editorial se inspirou nas revistas internacionais *Life*, *Look*, *Stern* e *Paris Match*. A impressão em papel de alta qualidade possibilitou a adoção de uma maior definição gráfica e nitidez. O uso da rotogravura, característica marcante na produção do periódico, permitiu uma melhor associação entre o texto e a imagem. A grande reportagem dinamizou sua linha editorial, com temas inéditos e fotos de página inteira. As fotorreportagens consolidaram o trabalho em dupla de repórteres e fotógrafos. De acordo com Marlise Meyer:

⁹⁸ Primeiro editorial de *O Cruzeiro*. In: Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/oruzeiro/10111928/101128_4.htm>. Acesso em: 20 mar. 2011

⁹⁹ CARNEIRO, Glaucio. **Brasil, Primeiro**: historia dos Diário Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 124.

¹⁰⁰ Primeiro editorial de *O Cruzeiro*. In: Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/oruzeiro/10111928/101128_4.htm>. Acesso em: 20 mar. 2011.

¹⁰¹ Tiragem pela qual a revista *O Cruzeiro* se responsabilizou entre janeiro de 1947 e 1949. A revista garantia também a distribuição para Portugal e suas Colônias, preço da assinatura anual com valor de CR\$ 170, 00. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 01 mar. 1947.

¹⁰² MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007. p. 32.

¹⁰³ MEYRER, loc. cit.

O formato da fotorreportagem foi possibilitado pelo acúmulo de recursos disponíveis decorrentes do desenvolvimento técnico. Quanto a esse aspecto, Orivaldo Leme Biagi diz que ‘os meios técnicos para a apresentação da notícia são tão importantes quanto a própria, pois é nesse momento, o da apresentação (onde a diagramação e criação de títulos são fundamentais), que uma notícia ganha ou perde em importância, que seu conteúdo é passado de uma maneira ou de outra, [...]’. A fotorreportagem impõe-se como um novo modelo de jornalismo em consonância com um tempo em que a sociedade urbana se estabelecia como modo de vida hegemônico.¹⁰⁴

Entre as duplas de destaque, figurou a composta por David Nasser e Jean Manzon que assinaram reportagens de grande repercussão. De acordo com Glauco Carneiro, *O Cruzeiro* trouxe ao profissional do jornalismo valorização e status, quando as duplas, repórter e fotógrafo, passaram a assinar as matérias que produziam.¹⁰⁵

Apesar da vocação para as grandes reportagens, *O Cruzeiro* contava também com a participação de intelectuais¹⁰⁶, políticos e personalidades públicas como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Austregésilo de Athayde e Rachel de Queiróz que contribuíram para qualificar o semanário. Além de nomes reconhecidos, o periódico mantinha correspondentes nas principais cidades do mundo, “em Roma, Madrid, Lisboa, Nova York, Berlin, Paris e Londres”.¹⁰⁷ Pode-se afirmar que *O Cruzeiro* reunia em suas páginas a elite do jornalismo brasileiro.

O Cruzeiro desfrutou entre 1940 e 1950 sua época áurea. Segundo Juarez Bahia, nesses anos, a revista já havia superado concorrentes como *O Malho*, *Paratodos*, *Vida Doméstica* e *Careta* desfrutando posição de absoluto predomínio.¹⁰⁸

Para Carneiro, a posição de liderança do semanário foi possível a partir da atuação de um grupo de dirigentes e repórteres excepcionais.¹⁰⁹ O autor argumenta

¹⁰⁴ MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007. p. 21.

¹⁰⁵ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro: história dos Diário Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 334.

¹⁰⁶ No presente trabalho a definição de intelectual foi retirada da obra de Pierre Bourdieu, na qual um determinado indivíduo inserido em um campo específico do saber, que obedece, portanto, as regras de seu campo autônomo transita entre espaços diferentes do seu de origem e intervém no campo político, constituindo-se assim como intelectual em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes. BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 150.

¹⁰⁷ MEYRER, op. cit., p. 31.

¹⁰⁸ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990. p. 400.

¹⁰⁹ CARNEIRO, op. cit. p. 334.

que ao assumir a direção do periódico de seu tio, Frederico Chateaubriand tomou por objetivo tornar o periódico lucrativo. Os arquitetos do sucesso, responsáveis em elevar o periódico à posição de maior circulação e tiragem da história do país foram: Frederico Chateaubriand, como diretor geral; Accioly Neto, como diretor de redação; Jean Manzon, como repórter; David Nasser, fotógrafo e José Amádio, como diagramador.

Exploraram temáticas que já faziam o sucesso das revistas de fama internacional. Sua edição buscou capturar e prender o interesse do leitor-consumidor às suas quase cem páginas. Para isso, a edição do semanário optou pela publicação de imagens de qualidade, articuladas a textos condensados, relegando a segundo plano o jornalismo de ideias e opiniões. Para Carneiro, *O Cruzeiro* visou, primordialmente, ao entretenimento do leitor-consumidor.

Na mesma linha argumentativa, Sodré defende que o semanário garantiu sua soberania a partir da publicação de reportagens exclusivas. Em um país de dimensões continentais, sem maiores limitações de censura, seus repórteres e fotógrafos puderam buscar assuntos em qualquer lugar do Brasil.¹¹⁰ Em uma sociedade ainda não saturada pelos veículos de comunicação de massa, para o público, folhear *O Cruzeiro* era “redescobrir semanalmente o mundo, sempre de modo aventuroso ou sensacional: índios hostis, discos voadores, escândalos políticos ou de ídolos populares, excursões proibidas na Argentina peronista, crimes misteriosos, etc.”.¹¹¹ A revista visava a atingir o leitor em seus tempos de lazer, proporcionando-lhe horas de entretenimento evasivo.

De acordo com Bahia, a partir do final dos anos 1940, a produção editorial do periódico procurou acompanhar o surgimento de novas necessidades em seus leitores.¹¹² Necessidades pautadas pela oferta de inéditos bens de consumo que prometiam ao seu consumidor o ingresso na modernidade. Nos seus anos dourados, as páginas de *O Cruzeiro* foram disputadas pelos maiores anunciantes da época. Segundo Carneiro, “nos primeiros dias de janeiro de cada ano, todos os espaços para anúncios nas 52 edições do ano já estavam reservados ou vendidos”.¹¹³

¹¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

¹¹¹ Ibidem, p. 41.

¹¹² BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

¹¹³ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro: história dos Diário Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 345.

No mesmo sentido, Accioly Netto, lembra que as peças publicitárias em *O Cruzeiro* eram muitas e diversificadas, chegando a atingir cerca de 20% do espaço da revista, excetuadas as três capas coloridas que eram vendidas com um ano de antecedência.¹¹⁴ O elevado investimento em publicidade somou para qualificar a revista.¹¹⁵

Nelson Werneck Sodré alega que a publicidade, como negócio, no Brasil, acompanhou o crescimento dos semanários. Em geral, a indústria e o comércio investiram, por meio das agências de publicidade, cerca de 750 milhões de cruzeiros em 1947, ascendendo para 3500 milhões, em 1953.¹¹⁶ As firmas que mais gastavam com anúncios eram: *Cia. Antártica Paulista* (70 milhões), *Esso Standard do Brasil* (28 milhões), *Cia Industrial Gessy* (27 milhões), *The Sidney Ross Co.* (25 milhões), *S.A. Irmãos Lever* (20 milhões), *The Shell-Brazil Limited* (18 milhões), *The Coca-Cola Export Co.* (15 milhões) e *Cia. Cervejaria Brahma* (14 milhões). Para o autor, a publicidade funcionava como sistema de financiamento das empresas de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão.

O Cruzeiro ocupou lugar de destaque por meio da adoção de uma política editorial defensora da autonomia econômica, ao mesmo tempo em que procurou acompanhar o desabrochar da ansiosa sociedade do pós-guerra.

Entretanto, Jacques Wainberg questiona o objetivo mercadológico da revista e coloca no centro de sua análise a postura ideológica do semanário.¹¹⁷ Segundo o autor, *O Cruzeiro*, como parte de um conglomerado de meios de comunicação, sob o controle de Assis Chateaubriand, passa a ser uma extensão de seus interesses, de suas ideias e projetos, ideologia e desejos. O jornalismo de editor foi, assim, o motor

¹¹⁴ NETTO, Accioly. **Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 33.

¹¹⁵ Segundo Marlise Meyrer, o público leitor de *O Cruzeiro* era composto pelas altas camadas e médias da sociedade. Sua caracterização levou em consideração o preço do periódico, inacessível para as camadas mais populares, e o conteúdo em geral. As matérias se dirigiam ao grupo social de maior poder aquisitivo, que poderiam usufruir de espaços de lazer divulgados pela revista, por exemplo, ou comprar produtos nela anunciados. A autora justifica sua análise a partir da reprodução parte de um anúncio da própria revista a fim de convencer os anunciantes a investirem em suas páginas: “Alie a eficiência de seu anúncio a escolha do veículo mais adequado – pois os leitores de *O Cruzeiro* representam o maior conjunto humano, de melhor nível do país.” **O Cruzeiro**, 09 mar. 1957. MEYRER, 2007. p. 16. Conforme Meyrer é possível ainda assinalar a ampla oferta de passagens que concorriam por os leitores-consumidores da revista nos anos pesquisados. Ver o anúncio da *Pan American World Airways (PAA): O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 26, 12 fev. 1949. E também o da *British South American Airways: O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65, 19 fev. 1949.

¹¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 405.

¹¹⁷ WAINBERG, Jacques A. **O Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977.

de propulsão do periódico que tinha, prioritariamente, papel de caixa de ressonância das vozes de seu dono, tendo sido frequentemente utilizado para ameaçar seus adversários políticos. Segundo Wainberg, a autonomia dos repórteres e editores do semanário ficou restrito às vontades políticas e humores de seu dono. Na edição do periódico, os jornalistas, editores e diretores não possuíam qualquer autonomia para escrever e publicar matérias e opiniões fruto de suas escolhas pessoais ou do grupo.

Na mesma linha argumentativa que Wainberg, Marlise Meyrer arguiu que, no que se refere à história dos meios de comunicação no Brasil, houve predomínio do *Grupo Associados*, dirigido por Assis Chateaubriand.¹¹⁸ Apesar do capital dessas empresas serem nacional, a autora assinala marcas de dependência tanto na importação de tecnologia (técnicas de impressão e maquinário), quanto nos conteúdos principalmente da publicidade, responsável por veicular padrão de comportamento externo – dos Estados Unidos.

Para a autora, *O Cruzeiro* tratou de difundir o modelo de desenvolvimento ligado ao grupo de interesse ao qual a revista pertencia e, mais especificamente, do proprietário. *Chatô* utilizava, então, seus veículos de comunicação na defesa do modelo de desenvolvimento vinculado ao capital estrangeiro e submisso à hegemonia norte-americana.¹¹⁹

Nelson Werneck Sodré defende, também, o predomínio do jornalismo de editor no Brasil.¹²⁰ O autor afirma que, no país, a empresa jornalística ficou restrita às grandes corporações. Estas, por sua vez, pertenciam a pequenos grupos, famílias ou indivíduos. Assim, ficou restrito muito poder a poucos. Estes oligopólios eram capazes de manipular a opinião pública, conduzir preferências e mobilizar os sentimentos por meio de campanhas gigantescas, preparadas meticulosamente.

Por outro lado, Glauco Carneiro sustenta a posição de predomínio de *O Cruzeiro* como reflexo do sucesso de um grupo de repórteres e editores chefes excepcionais.¹²¹ A política editorial do periódico passa a ser classificada como jornalismo do leitor, em que prepondera o *marketing* e a visão de satisfazer as necessidades do consumidor. O jornalismo como negócio.

¹¹⁸ MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007. p. 33-5.

¹¹⁹ Ibidem, p. 231.

¹²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 388-9.

¹²¹ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro: história dos Diário Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

Quanto à autonomia desfrutada pelos repórteres, fotógrafos, correspondentes e ensaístas contratados de *O Cruzeiro*, o autor argumenta que “havia absoluta liberdade quanto à formulação da pauta. Os repórteres e fotógrafos escolhiam os assuntos de acordo com seus interesses e os levavam à chefia de reportagem”.¹²² Quando viajava, cada repórter montava, de acordo com seu gosto pessoal, uma série de reportagens que eram apresentadas para os editores somente no seu retorno. Nesta fase heroica da reportagem, os repórteres figuravam como catadores de notícias. Em *O Cruzeiro* “cada repórter era seu próprio chefe de reportagem. O diretor de redação apenas aprovava a ideia originária do repórter e providenciava recursos para a viagem”.¹²³ Todo o resto, era responsabilidade dos repórteres. A autonomia que gozavam levou Assis Chateaubriand a se referir a seus contratados como os “reizinhos de *O Cruzeiro*”.¹²⁴

De acordo com sua análise, Carneiro acusa Jacques Wainberg de contar a história pela metade, “sem saber que os repórteres da grande revista, mesmo no final de sua circulação, eram profissionais que assumiam por conta própria atitudes em favor do jornalismo e de sua empresa, não temendo riscos nem pedindo licença para fazê-lo”.¹²⁵

Fernando Moraes, sustenta que seria impreciso tomar como uma norma a intromissão de Assis Chateaubriand na pauta de seus veículos. Sobretudo no caso da revista *O Cruzeiro* que reunia um grupo profissional de editores, jornalistas e diagramadores responsáveis pelo sucesso do magazine.¹²⁶

Juarez Bahia defende, ainda, a autonomia dos editores, repórteres e ensaístas de *O Cruzeiro*, pois “as transformações sociais por que passou o país instigaram a produção editorial a reciclar seus objetivos para atender aos novos perfis dos eleitores”.¹²⁷

No presente trabalho, entende-se que a produção editorial de *O Cruzeiro* envolveu um jogo complexo de interesses, onde figuraram lado a lado a defesa da

¹²² CARNEIRO, Glaucio. **Brasil, Primeiro**: história dos Diário Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 339.

¹²³ Ibidem, p. 346.

¹²⁴ Ibidem, p. 347.

¹²⁵ Ibidem, p. 514.

¹²⁶ MORAES, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Ver especialmente as páginas 177-95 e 460-78.

¹²⁷ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990. p. 400.

autonomia econômica do periódico e o posicionamento dos editores, repórteres e do próprio Assis Chateaubriand.

Composta de variadas seções, editadas semanalmente, a revista era repleta de artigos e reportagens assinadas por múltiplos repórteres e ensaístas que, reunidos em cem páginas, constituíam um todo. Um todo não uniforme, mas formado por diferentes posicionamentos e diversas opiniões, comportamento característico dos “grupos de pressão”.¹²⁸

Entende-se por “grupo de pressão” ou “grupo de interesse” um conjunto de indivíduos socialmente ativo, com interesses e objetivos em comum que, devido às diferenças na extensão da margem de decisão de cada indivíduo, não representa uma camada de comportamento homogêneo.

De acordo com Norbert Elias, permanecem ligado a outros indivíduos por laços invisíveis, sejam estes de trabalho e propriedade, ou seja, de instintos e afetos.¹²⁹ Em uma sociedade complexa, os indivíduos aparecem dispostos em redes de interdependência. Estas são compostas por um tecido de relações móveis, nas quais cada indivíduo possui múltiplas ligações funcionais com outros. Nestas redes a margem da decisão individual que é acessível a cada um depende diretamente da estrutura da sociedade em que vive e age. Toda margem individual de decisão é sempre limitada, mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por cada indivíduo.

Para Elias, aquilo que chamamos de poder, não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para designar a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais, expressão designativa de uma oportunidade social particularmente ampla de influenciar a autorregulação e o destino de outras pessoas.¹³⁰

Uma sociedade é um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas. Ao analisarmos a estrutura que envolve a rede de interdependências de uma determinada sociedade, grupo ou família, é possível verificar certa ordem invisível, que oferece a cada indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.

¹²⁸ O conceito *pressure group* aplicado por Norbert Elias (ELIAS, 2006), encontra equivalência na expressão “grupo de pressão” em português. Em português, a expressão grupo de pressão tem por sinônimo grupo de interesse.

¹²⁹ ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 22.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 50.

Nesse sentido, ainda para Elias, ao observarmos a longa duração do curso da história, veremos que o padrão de comportamento humano e nossa configuração psicológica, certamente, não foi pretendido por uma pessoa em particular.

Desse modo, os editores, diretores, presidentes, dono, colaboradores, repórteres e correspondentes de *O Cruzeiro* são compreendidos como um grupo de pressão, na medida em que reunidos em um corpo editorial único, foram responsáveis por marcar suas opiniões ao longo da publicação.

O Cruzeiro publicou em suas páginas, entre janeiro de 1947 e dezembro de 1952, reportagens de opinião ligadas ao contexto histórico da Guerra Fria. Entre os temas destacados aparecem, no plano externo, a discussão sobre a bipolarização do Globo e a discussão relacionada às pretensões hegemônicas da União Soviética. Na esfera da política interna, aparecem reportagens que se referem ao perigo da “subversão” comunista nos centros urbanos brasileiros e a aproximação dos interesses brasileiros aos estadunidenses.

Entre os temas assinalados, alguns colaboradores ganharam destaque. Austregésilo de Athayde escreveu textos sobre as intervenções militares e políticas protagonizadas pelos Estados Unidos. José Medeiros assinou a coluna *Fotografia da Semana*. Jean Manzon foi responsável por longas reportagens fotográficas. Como correspondente internacional, Drew Pearson assinou sua coluna de página inteira *Carroussel do Mundo*. Louis Francis Budenz, ex-presidente e redator do *Daily Worker*, o órgão oficial do Partido Comunista Estadunidense, assinou uma série de artigos.

As páginas do semanário também cobriram a vida de políticos e astros de Hollywood. Grandes reportagens sobre aventuras internacionais foram publicadas ao lado das descobertas da ciência e dos ídolos do esporte. A figura feminina foi explorada tanto nos desfiles de moda no *Golden Room* do Copacabana Palace, quanto na praia tomando banho de mar. *O Cruzeiro* divulgou na década de 1940 o escândalo dos maiôs de duas peças.

O magazine noticiou as mudanças de comportamento de uma sociedade complexa em transição, onde a cultura era peça fundamental em constante alteração. De acordo com Fareed Zakaria, em um determinado momento, certos atributos proeminentes pareciam imutáveis, então a política e a economia mudavam

e aqueles atributos perdiam importância, cediam espaço para outros.¹³¹ Os escandalosos biquínis de duas peças viraram preferência nacional nas décadas seguintes. Segundo Bahia, *O Cruzeiro* acompanhou “as transformações sociais por que passou o país e instigaram a produção editorial a reciclar seus objetivos para atender aos novos perfis dos leitores”.¹³²

Em sintonia com as transformações sociais das turbulentas décadas do pós-guerra, *O Cruzeiro* publicou novos comportamentos sociais. Sintonizado com o seu slogan: “a mais moderna das revistas, num país que a cada dia se renova... o documento registrador, o vasto anúncio ilustrado, o filme de cada sete dias de um povo”,¹³³ *O Cruzeiro* foi veículo da divulgação da modernização no Brasil.

Os artigos publicados evidenciavam opiniões de distintos indivíduos. Os vários colaboradores emprestaram às páginas da revista seus conhecimentos e posições, de acordo com o discurso em que se inseriam. Assim sendo, as páginas de *O Cruzeiro* se transformaram em lugar de debate entre indivíduos plurais. O tom pessoal veiculado em suas matérias evidenciava disputas de poder no interior do grupo de pressão.

De acordo com Elias, em cada país, a pluralidade das diferentes opiniões está sujeita a uma base comum.¹³⁴ Dizer que existem apenas opiniões individuais é uma ilusão que só pode ser mantida quando não se tem consciência destas evidências. Esta base comum, subentendida e com matizes variados, que fundamenta as diferentes opiniões no interior de um mesmo país, está ligada à existência de algo como um “nós-ideal”.¹³⁵

Conclui-se, assim, que editores e colaboradores de *O Cruzeiro* constituem um grupo de pressão não homogêneo, mas com uma base comum, responsável pela busca de uma relativa uniformização de comportamento e de formação de opinião. É possível, portanto, constatar a existência de uma “posição” de *O Cruzeiro* a respeito das questões de política externa e interna do país e de identificação com o modo de vida americano, assunto que será abordado nas páginas seguintes.

¹³¹ ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 73.

¹³² BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990. p. 400.

¹³³ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro: história dos Diário Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 125.

¹³⁴ ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

¹³⁵ De acordo Elias: “algo que alguém como alemão, francês, italiano e inglês gostaria de ser ou não gostaria de ser, de fazer ou de não fazer; uma exigência que alguém coloca para si e para o outro como inglês, francês, italiano ou alemão” (Ibidem, p. 119).

2.3 O *CRUZEIRO*: APOIO ÀS POLÍTICAS ESTADUNIDENSES E IDENTIFICAÇÃO COM O MODO DE VIDA AMERICANO

Entre janeiro de 1947 e dezembro de 1952, *O Cruzeiro* tingiu suas páginas com os acontecimentos do cenário nacional e da arena internacional. Eram anos de Guerra Fria. Em um mundo devastado e dividido, a linha divisória entre questões de política interna e externa era tênue. As decisões tomadas no plano doméstico reverberavam como políticas de posicionamento no plano internacional. Na agenda interna, um Globo fracionado lançou questões políticas ao debate público. As páginas de *O Cruzeiro* divulgaram os debates brasileiros.

Nos anos que se estendem entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos da década de 1950, o Brasil parecia estar próximo a se tornar um país desenvolvido. A revista brasileira *O Cruzeiro* noticiou em suas páginas a atmosfera de otimismo do cenário internacional diante da perspectiva de paz a partir da derrota da Alemanha nazista.

De acordo com João Manuel de Melo e Fernando Novais, no Brasil, nos anos do pós-guerra, alguns imaginavam estarem assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços que nos singularizavam como povo através da nossa cordialidade, criatividade e tolerância.¹³⁶ Os momentos decisivos do processo de industrialização, as migrações internas e a crescente urbanização das cidades afiançavam o otimismo.

Nesse clima de euforia, foi anunciada, nas páginas de *O Cruzeiro*, a transformação do Brasil em uma nação “moderna”. O país parecia caminhar a passos largos em direção ao progresso. Desenvolvimento e industrialização passaram a ser sinônimos. O ideal de transformação da sociedade brasileira, por meio da industrialização planejada pelo Estado como forma de superação do subdesenvolvimento, parecia consolidar-se.

Reafirmando a imagem de um país em vias de desenvolvimento, *O Cruzeiro* divulgou a construção de estradas de rodagem por todo o território brasileiro. A nova

¹³⁶ NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.” In: **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 560.

autoestrada Rio-São Paulo foi exaltada como o “orgulho da engenharia nacional”¹³⁷. A aquisição de um automóvel era a garantia do ingresso na vida moderna. Na esteira das matérias publicadas pela revista, as peças publicitárias qualificaram as reportagens sobre a compra do carro do ano, “o seu Chevrolet!”¹³⁸

A ampliação do mercado interno alavancou novos padrões de consumo e as maravilhas do mundo moderno foram anunciadas nas peças publicitárias do periódico. Os eletrodomésticos, a geladeira, a máquina de lavar roupa, o rádio transistorizado, o liquidificador e a batedeira proporcionaram uma revolução da vida doméstica. Novas tecnologias de armazenamento possibilitaram o consumo de alimentos industrializados: as latas de salsicha, a presuntada, o leite condensado e o leite em pó. A indústria farmacêutica e de produtos de beleza, por sua vez, ampliaram as possibilidades de bem estar e beleza. Assim, aos consumidores brasileiros foi proporcionado o acesso aos produtos utilizados pelas estrelas de Hollywood. Um padrão de beleza internacional, ancorado na imagem das atrizes cinematográficas, foi divulgado nas páginas do semanário. A adoção do *American way of life*^{*} a partir do consumo de bens industrializados proclamou, nas páginas de *O Cruzeiro*, a possibilidade da chegada do Brasil ao patamar de país desenvolvido.

As reportagens fotográficas estamparam os arranha-céus como ícones de progresso. Associados ao intenso processo de urbanização, apareceram os movimentos de migração interna, como reflexo do deslocamento de famílias do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida. De acordo com Fernando Henrique Cardoso, “o mercado interno parecia bastante amplo para estimular o sistema econômico e se contava, além disso, que a transferência de mão-de-obra dos setores de baixa produtividade – principalmente do campo – para os setores de alta produtividade seria um fator de ampliação do mercado”.¹³⁹

O Cruzeiro anunciou a caminhada do país em direção à superação da pobreza. Os Estados Unidos, prósperos e modernos, representando a única economia que saíra fortalecida dos dois conflitos mundiais, apareceram nas páginas do periódico como modelo de sociedade de sucesso a ser perseguido. *O Cruzeiro*

¹³⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 47, 15 jan. 1949.

¹³⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 40, 16 jun. 1949.

^{*} A expressão em inglês traduzida literalmente para o português significa “o meio americano de vida” ou “o modo de vida americano”. Ao longo do texto, a tradução adotada será o modo de vida americano, que melhor preserva a ênfase sentimental e a familiaridade que a expressão possui na língua nativa.

¹³⁹ CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 17.

estampou o aliado do norte em diversas matérias publicadas e ao mesmo tempo enalteceu a história de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos.

Por meio da análise das matérias no periódico, se verifica a existência de um posicionamento de *O Cruzeiro* em apoio às políticas estadunidenses ao redor do Globo, bem como, uma identificação do periódico o *American way of life* no Brasil.

Em 1947, *O Cruzeiro* acompanhou o crescente distanciamento entre os interesses estadunidenses e soviéticos. No ano de lançamento do Plano Marshall, a disputa por territórios e a influência entre as duas grandes potências intensificou o processo de bipolarização do Globo. Diante do acirramento desta bipolarização, *O Cruzeiro* publicou reportagens em favor das políticas estadunidenses.

Em suas páginas, ratificou a divisão do mundo em dois blocos, um Oriental e outro Ocidental. Cabe salientar que tanto a divisão geopolítica do Globo em dois blocos, quanto a sensação de insegurança mundial faziam parte do arcabouço político-ideológico veiculado pelos Estados Unidos nos anos do pós-guerra.

Em apoio ao discurso estadunidense, *O Cruzeiro* publicou na sessão *Sete Dias*, assinada por Franklin de Oliveira, a carta de Albert Einstein:

Encontramo-nos envolvidos em uma situação em que todos os cidadãos de todos os países, seus filhos e suas realizações se vêem ameaçados pela terrível insegurança que reina no mundo de hoje. O progresso decorrente do desenvolvimento tecnológico não aumentou a estabilidade e o bem-estar da humanidade.

[...] Os delegados de cinquenta e cinco governos, que se reúnem na Segunda Assembleia Geral das Nações Unidas, não de reconhecer o fato de que durante os últimos dois anos – desde a vitória sobre as potências do Eixo – nada se fez de apreciável quer no sentido de evitar guerras futuras, quer no de harmonizar ponto de vista em campos específicos como, por exemplo, o controle da energia atômica e a cooperação econômica para a reconstrução das áreas devastadas pela guerra.

[...] O mundo inteiro gira num ciclo vicioso. [...] Os blocos oriental e ocidental, cada qual de seu lado, fazem esforços frenéticos para fortalecer as suas posições respectivas.¹⁴⁰

Em defesa do mesmo posicionamento, Austregesilo de Athayde, em sua coluna de página inteira, alertou os leitores brasileiros que:

Nenhum homem, em nenhum ponto da terra, pode ficar indiferente ao que está sendo discutido pelos representantes dos povos, porque do que resolverem dependerá o seu próprio destino, o de sua família, o da comunidade nacional a que pertence. Com as armas inventadas, nos últimos anos, ninguém está seguro. [...] A guerra é total e atinge nos seus

¹⁴⁰ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 7, 29 nov. 1947.

efeitos mortais a humanidade inteira, sem nenhuma consideração de idade ou de sexo. Todos sofrerão, de uma ou outra maneira, na sua vida, nos seus bens, nos seus ideais.¹⁴¹

Acompanhando o gradativo acirramento do discurso ideológico de bipolarização, a revista divulgou o discurso estadunidense de guerra total. Na medida em que o cenário internacional se tornava hostil à neutralidade política, o grupo de pressão responsável por *O Cruzeiro* se posicionou ao lado dos Estados Unidos. Nessa linha argumentativa, a série de reportagens publicadas pela coluna *Carroussel do Mundo*, assinada por Drew Pearson, revelou, via rádio, os acontecimentos diretamente de Washington. Em outubro de 1947, em consonância com o discurso estadunidense, a coluna noticiou o fim da possibilidade de acordo político entre as duas superpotências:

[...] a União Soviética acaba de tomar uma decisão histórica: abandonar todas as aparências possíveis de amizade com os Estados Unidos. [...] A estratégia russa na Europa visará derrotar o Plano Marshall e semear no continente toda a discórdia possível.¹⁴²

Ancorado nas informações de Washington, a imagem de uma União Soviética inimiga ganhou espaço. O comunismo, adverso à democracia norte-americana, preencheu as páginas da revista. Em sequência, a coluna *Carroussel do Mundo* procurou enaltecer o valor da democracia estadunidense *versus* o comunismo soviético. Segundo a coluna, a democracia permitia aos seus cidadãos a tomada de iniciativas altruístas, como o “Trem da Amizade”^{*} no socorro às vítimas da guerra na Europa:

O mais importante de tudo é que o ‘Trem da Amizade’ é coisa completamente espontânea. É dessas coisas que não se podem verificar na Rússia, porque ali só um punhado de homens é que resolve se é preciso ou não mandar trigo para a Europa e, neste caso, bastará ir aos campos de cultivo e tomar dos lavradores, sem maiores explicações.

Quando o povo russo puder tomar a iniciativa de um movimento espontâneo de amizade como este, nesse dia deixará de haver o perigo da guerra entre os nossos dois países. Do mesmo modo, se os povos da Europa Ocidental interpretarem no seu justo valor a generosidade norte-americana, não

¹⁴¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 5, 4 out. 1947.

¹⁴² **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 16, 25 out. 1947.

* O Trem da Amizade consistiu em uma locomotiva que atravessou os Estados Unidos arrecadando doações de alimentos com destino as populações carentes da Europa Ocidental. Sua marcha se iniciou em cinco de novembro em Los Angeles.

haverá dúvidas a respeito do lado para o qual se inclinarão definitivamente.¹⁴³

O “Trem da Amizade” fazia parte do amplo esforço de ajuda estadunidense para a Europa. Em harmonia com a política do Plano Marshall, em fevereiro de 1948, a coluna *Carroussel do Mundo* ratificou a necessidade de auxílio aos países Europeus devastados pela Guerra. Se os Estados Unidos negassem ajuda, “serão trágicas as consequências econômicas e ideológicas”.¹⁴⁴ Dois eram os caminhos à escolha dos Estados Unidos:

- 1- Podemos ajudar a Europa com todos os recursos de que dispomos, mesmo que isso signifique sacrifício de nossa parte.
- 2- Podemos cruzar os braços, nada fazer e suportar as consequências. As consequências seriam o comunismo implantado nas noções que negamos auxílio. Marshall deu a entender claramente que a segunda alternativa levaria mais cedo ou mais tarde à guerra.¹⁴⁵

A defesa das políticas de auxílio estadunidenses para a Europa continuou sendo editadas e publicadas nos anos seguintes. Em março de 1949, quinze meses após o lançamento do Plano Marshall, o objetivo da política externa estadunidense de conter o avanço do regime comunista, por meio do fortalecimento da “experiência democrática” nos países Europeus, inundou as páginas do semanário. Segundo o excerto da coluna *Carroussel do Mundo*:

O objetivo declarado da política externa americana é fazer recuar a Cortina de Ferro até as fronteiras russas. Em virtude de pressão econômica e política, os Estados Unidos esperam tirar os satélites russos da órbita comunista. [...] A democracia vai ganhando terreno contra o comunismo no ocidente da Europa. O Plano Marshall vai dando vida nova à destroçada economia europeia e o projetado Pacto do Atlântico Norte esta inundando nova confiança nas democracias da Europa.

Na medida em que o alerta de polarização do Globo se intensificou, o grupo de pressão aumentou a edição e publicação de reportagens em favor das políticas estadunidenses. Nesse caminho, a revista veiculou, entre 1947 e 1952, a construção da imagem de uma União Soviética temível e responsável por promover a expansão do regime comunista além de suas fronteiras.

¹⁴³ O **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 16, 19 nov. 1947.

¹⁴⁴ O **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 32, 14 fev. 1948.

¹⁴⁵ O **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 32, 14 fev. 1948.

O discurso de um provável expansionismo soviético foi noticiado em fotorreportagens, colunas de página inteira e artigos assinados por repórteres e correspondentes. A imagem de uma União Soviética, que por meio da propaganda comunista procurava minar as perspectivas de bem-estar e equilíbrio internacional, foi divulgada: “Na realidade, o principal desintegrador, dominador e intrometido na Europa não tem sido os Estados Unidos, mas a União Soviética”.¹⁴⁶

De um lado os Estados Unidos estavam interessados em fundar uma nova ordem capaz de manter a paz no pós-guerra, fato ilustrado na fotorreportagem assinada por Anthony Eden, secretário do exterior da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial:

Entramos em uma era em que nenhuma barreira natural, seja a montanha ou o oceano, poderá garantir a segurança contra as novas armas que a ciência pôs à disposição da humanidade. [...] Quer nos seja agradável, quer não, todos agora somos vizinhos. Há um século as dificuldades de comunicação e transporte serviam de amortecedores da reação do mundo ante os acontecimentos. Hoje tudo isso está mudado. Agora vivemos, não somente no mesmo planeta, senão no mesmo distrito, na mesma rua. Não há meios de evitar o roçar de ombros; por isso devemos almejar alguma modalidade de ordem mundial, ou arrostar as consequências da desorganização e do caos mundial.¹⁴⁷

Do outro lado, uma União Soviética articulada, impedia a paz internacional sendo detentora do segredo da bomba atômica. Assim, o combate às organizações comunistas na Europa, Estados Unidos e Brasil foi frequentemente noticiado nas páginas do periódico. Na Europa, a luta contra o avanço das forças comunistas permaneceu ligado ao Plano Marshall, conforme se verifica no trecho a seguir da coluna *Carroussel do Mundo*:

Um diagnóstico cuidadoso e frio da estratégia russa no passado demonstra que Moscou esperava que os Estados Unidos entrassem em derrocada econômica logo depois da vitória sobre o Japão em 1946. Os dirigentes soviéticos estavam convencidos de que a depressão, que era anunciada até por muitos economistas americanos, produziria falta de trabalho, inquietação e motins que levariam os Estados Unidos à órbita comunista sem necessidade de uma guerra ou tornariam mais fácil a vitória militar dos russos. E a depressão, certamente, daria o triunfo ao comunismo na Europa Ocidental.

De fato, houve uma época, em fins de 1947, em que esse último ponto esteve prestes a realizar-se. [...] Foi nesse momento transcendental que a ajuda americana, sob a forma de Trens da Amizade, viveres para os

¹⁴⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 64, 6 set. 1947.

¹⁴⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 51, 27 set. 1947.

européus e o Plano Marshall, quebrou a espinha dorsal do intento comunista de apossar-se da Europa.¹⁴⁸

A ideia de uma Europa fragilizada encontraria eco em *O Cruzeiro*. De acordo com a coluna assinada pelo brasileiro Austregésilo de Athayde:

O grande mal da Europa não vem das dificuldades materiais criadas por estes últimos dez anos de guerra cruenta e guerra fria. [...] O grande mal é de natureza mais grave porque afeta o espírito. [...] As doenças mentais são as mais penosas e longas.¹⁴⁹

Ao mesmo tempo em que o discurso de guerra ideológica ganhou espaço no periódico, foram publicadas reportagens referentes ao perigo de subversão comunista no interior da sociedade estadunidense.

Nos Estados Unidos, o alerta foi ilustrado em uma série de seis fotorreportagens intitulada *O Comunismo sem Máscara*. A série, assinada por Louis Francis Budenz, ex-presidente e redator chefe do *Daily Worker*, jornal do Partido Comunista de Nova York, tinha como objetivo narrar “de forma leal e honesta todos os meios de que lançam mão os comunistas para atingir o seu objetivo final: a conquista do poder em todo o mundo”.¹⁵⁰ Segundo o ex-diretor do *Daily Worker*:

A Rússia Soviética iniciou uma batalha de nervos cujo objetivo precípua é o de deflagrar a Guerra Mundial nº 3 contra os Estados Unidos da América. Todos os atos presentes da URSS são preliminarmente planejados com a intenção de provocar um conflito armado contra a democracia americana. [...] A luta somente será deflagrada segundo os planos soviéticos, quando a Rússia sentir-se em condições de lançar a Europa e a Ásia contra os Estados Unidos. [...] Mas afinal, que deseja realmente a Rússia? Essa é a pergunta que muitos tem feito ultimamente ao observar a arrogante atitude das autoridades soviéticas. A resposta, que um ex-comunista categorizado pode dar, é relativamente simples. A Rússia deseja apenas o mesmo que Hitler: “A RÚSSIA DESEJA O DOMÍNIO MUNDIAL”.¹⁵¹ [grifos no original]

Na segunda reportagem da série, o ex-redator chefe do *Daily Worker* argumenta que, desejando o domínio mundial, a missão a ser cumprida pelo exército

¹⁴⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 70, 14 abr. 1951.

¹⁴⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 7, 08 jan. 1949.

¹⁵⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 53, 22 mar. 1947.

¹⁵¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 64, 1 mar. 1947.

revolucionário de trabalhadores é o de “destruir por completo o capitalismo, extirpando-o da face da Terra”.¹⁵²

Na quarta reportagem da série, a entrevista circunda a organização interna do Partido Comunista norte-americano, sem discussões democráticas, onde permanece a “lei de ferro”. Nas palavras da reportagem:

A linha partidária é estabelecida à moda de Hitler, de cima para baixo, e sempre de acordo com os supremos interesses de Moscou.
[...] Nunca em nenhuma ocasião assisti a qualquer coisa que se pudesse parecer com uma discussão democrática. De todas as vezes os membros do Comitê Nacional nada mais faziam se não se erguerem para aplaudir e endossar integralmente todas as propostas apresentadas pelo secretário-geral, por mais disparatadas que fossem. Desde o topo até as últimas camadas do partido era essa a lei de ferro que prevalecia em todos os momentos – e que ainda prevalece.¹⁵³

Na terceira reportagem da série, a articulação entre o Partido Comunista estadunidense e o Partido brasileiro recebeu destaque. Segundo o ex-redator, a primeira iniciativa do novo diretor do Partido estadunidense que assumiu o posto de Budenz, em setembro de 1945, foi “enviar uma extensa mensagem a Luiz Carlos Prestes, o líder comunista brasileiro, acentuando a necessidade de uma campanha destinada a insuflar toda a América Latina contra os Estados Unidos”.¹⁵⁴

Desta forma, é possível afirmar o interesse de *O Cruzeiro* em noticiar as semelhanças entre a organização comunista nos dois países buscando valorizar o estreitamento entre suas práticas políticas.

Em maio de 1950, a coluna *Carroussel do Mundo* noticiou que os Estados Unidos não estavam seguros, pois: “a Rússia não pretende conquistar os Estados Unidos pela força das armas. Pretende, sim, lançar-nos num caos econômico que daria aos comunistas uma oportunidade de apoderar-se do país por infiltração”.¹⁵⁵

De igual forma, em maio de 1951, a coluna *Fatos, Ideias & Opiniões*, assinada por J. Rego Costa, publicou o seguinte excerto: “[...] O Kremlin vem se empenhando de indispor as populações europeias contra os Estados Unidos [...] e visa a solapar a opinião pública plantando a discórdia e a cizânia”.¹⁵⁶ O objetivo da reportagem foi narrar a maneira como a imprensa soviética “semeou” o ódio de

¹⁵² **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 29, mar. 1947.

¹⁵³ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 53, 22, mar. 1947.

¹⁵⁴ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 53, 15, mar. 1947.

¹⁵⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 71, 27 mai. 1950.

¹⁵⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 4, 05 mai. 1951.

populações na Europa (Bélgica, Holanda e Grécia) contra o povo americano. Esse identificando a União Soviética como “o maior imperialista que o mundo já conheceu”.¹⁵⁷

Ao reconhecer o discurso do bem *versus* o mal, *O Cruzeiro* publicou extensas reportagens sobre a infiltração da organização comunista no Brasil. A imagem de uma União Soviética ameaçando a paz mundial e promovendo a subversão foi, ainda, ilustrada por reportagens fotográficas assinadas por repórteres brasileiros e estrangeiros.

A coluna *Carroussel do Mundo* revelou semanalmente as desordens no Brasil. O alerta de uma possível subversão no país foi divulgado nas palavras do correspondente em janeiro de 1948:

Preparemo-nos para sérias dificuldades no Brasil dentro de poucos meses. Os comunistas brasileiros, cujo partido foi declarado ilegal estão engendrando ‘sociedades secretas’ com planos para realizar em futuro próximo grandes demonstrações públicas. O plano já delineado é obrigar o governo do presidente Dutra a empregar as forças militares para reprimir a agitação, que terá seus pontos principais de atividade nos populosos centros do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.¹⁵⁸

Na mesma direção, a reportagem fotográfica intitulada *A Internacional Comunista*, assinada por Jean Manzon, foi publicada duas semanas depois. A reportagem investigativa de cinco páginas tratou da atuação da Internacional Comunista no país. Na primeira página, trouxe o trecho:

O comportamento do Partido Comunista Brasileiro, após o rompimento das relações diplomáticas dos nosso país com a União Soviética, promovendo a existência de um clima de intranquilidade em todo o território nacional sobretudo nos Estados de maior desenvolvimento fabril, veio a deixar evidentes suas ligações com o bloco internacional empenhado em subverter a ordem no mundo.¹⁵⁹

A proximidade da publicação entre a coluna do correspondente e a fotorreportagem afirma a posição de apoio de *O Cruzeiro* ao discurso estadunidense.

As atuações comunistas foram também alvo da série de reportagens assinada pelo brasileiro Arlindo Silva. Intitulada a *5ª Coluna vermelha no Brasil*, a série tinha

¹⁵⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 4, 05 mai. 1951.

¹⁵⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 24, 03 jan. 1948.

¹⁵⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 9, 31 jan. 1948.

como objetivo divulgar a “intensa atividade comunista”¹⁶⁰ em São Paulo, bem como investigar a presença de enviados do *Kominform** no país. No mesmo sentido foram publicadas reportagens assinadas pelo norte-americano John P. McKnight.¹⁶¹

Por meio da análise das reportagens publicadas em *O Cruzeiro*, se verificou a posição de apoio do grupo de pressão à política estadunidense de contenção do comunismo. Tal posicionamento buscou afirmar a postura anticomunista do periódico e, assim, justificar o envio de “ajuda” econômica como forma de bloquear a suposta ameaça de insurreição comunista no Brasil.

O posicionamento do grupo de interesse na órbita estadunidense foi, portanto, pautada no reconhecimento dos Estados Unidos como único credor do pós-guerra capaz de prover o desenvolvimento brasileiro anunciado nas páginas de *O Cruzeiro*.

Assim, na ocasião da *Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança*, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, Jean Manzon assinou a reportagem intitulada *O Novo Mundo e Petrópolis*. A reportagem assinalou que na conferência celebrada no Hotel Quitandinha, os representantes dos países do continente americano procuraram, ao lado dos Estados Unidos, “determinar os métodos pelos quais os povos deste hemisfério se erguerão como um só bloco ante ao ataque a qualquer um deles”.¹⁶² O Brasil apareceu como defensor dos valores democráticos:

As principais figuras políticas do continente, lideradas por Marshall e Raul Fernandes, esgotam dias em entendimentos exaustivos, pelos corredores, salas secretas e nos luxuosos apartamentos, à procura de fórmulas de equilíbrio que expressem o melhor possível à média do pensamento democrático das Américas. Do Congresso de Quitandinha sairá um tratado, compromisso solene de solidariedade, um passo à frente na política que irmanará um dia todas as nações do Novo Mundo.¹⁶³

O Brasil manteve-se, portanto, como aliado dos Estados Unidos. Como anfitrião, coube a Raul Fernandes, o papel de mediador do debate.

A Conferência de Petrópolis foi, ainda, retomada nos meses seguintes na coluna *Corroussel do Mundo*. Em dezembro, foi anunciado que na próxima

¹⁶⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 51, 24 set. 1949.

* Grafia adotada segundo a reportagem intitulada, “Agentes do *Kominform* em São Paulo”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, n. 49, p. 51, 24 set. 1949.

¹⁶¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 55, 27 mai. 1950.

¹⁶² **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 9, 30 ago. 1947.

¹⁶³ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 9, 30 ago. 1947.

Conferência os países do continente americano defenderiam “um pequeno Plano Marshall para o Hemisfério Ocidental”.¹⁶⁴

Cabe ressaltar que, retomando Paulo Roberto de Almeida, a relação entre Brasil e Estados Unidos representa a maior linha de continuidade da diplomacia brasileira. Apesar das relações apresentarem assimetria, os Estados Unidos representam o principal parceiro comercial, científico e cultural do Brasil, desde o último meio século.

Assim, o estreitar de laços foi assegurado nas páginas do periódico. Um mês após a Conferência de Petrópolis, a coluna *Fotografia da Semana* assinada por José Medeiros anunciou a visita do presidente Harry Truman como uma visita de “cordialidade e boa vizinhança”.¹⁶⁵ Nas palavras da reportagem:

Grandiosa, consagradora e emocionante, a homenagem que o povo carioca prestou ao presidente Truman, [...].
Em todos os lugares onde apareceu, nas ruas e nos salões nobres, sua figura simpática e sorridente despertou o entusiasmo e a emoção dos presentes, acabando por conquistar a todos.
A demonstração do povo brasileiro é a reafirmação formal e iniludível do nosso passado histórico: ao lado dos Estados Unidos, do seu povo, do seu presidente, dos antigos camaradas de armas e de ideais, na luta contra o fascismo agora redivivo sob outra bandeira, mas não menos perigoso.
A homenagem do povo brasileiro ao presidente Truman significa que **o Brasil estará, como sempre esteve, espontânea e declaradamente ao lado das democracias** na luta contra o obscurantismo totalitário.¹⁶⁶ [sem grifos no original]

Ao mesmo tempo em que a coluna *Fotografia da Semana* divulgou a homenagem ao presidente estadunidense, a coluna *Carroussel do Mundo* evidenciou a atuação histórica de organizações estadunidenses no país:

Não é mais segredo para ninguém que funciona na América Latina – em comunicação com as embaixadas norte-americanas – uma ampla organização do Serviço de Informação dos Estados Unidos.
[...] Seu plano de ação realiza-se nesses dias em toda a América Latina.
Deve-se isso a que os governos latino-americanos se habituaram à presença de agentes secretos em nossas missões diplomáticas. A partir do ano de 1920, agentes do Bureau Federal de Investigações foram destacados para as embaixadas norte-americanas na maiorias das repúblicas latino-americanas. Ao irromper a guerra, o número desses agentes passava de 700.¹⁶⁷

¹⁶⁴ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 32, 27 dez. 1947.

¹⁶⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 16, 13 set. 1947.

¹⁶⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 16, 13 set. 1947.

¹⁶⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 24, 3 jan. 1948.

Nos seguintes anos, o grupo de pressão continuou a enaltecer a parceria entre o Brasil e os Estados Unidos. Os investimentos estadunidenses foram reconhecidos como o caminho para desenvolver nossa economia. Nesse sentido, a reportagem intitulada *Acheson, maioria diplomática brasileira*, assinada por Neiva Moreira e Flávio Damm, afirmou que:

[...] a visita do secretário norte-americano no Rio e em São Paulo acentuaram esse novo e decisivo estágio do desenvolvimento brasileiro [...] o secretário de Estado norte-americano manifestou, em diferentes ocasiões, suas surpresas pelos índices do crescimento do Brasil, e mais do que isso, pela aguda consciência de seus homens públicos, da responsabilidade [...] na conduta dos assuntos continentais. [...] E que o Brasil deu contribuições inestimáveis em bases estratégicas para a causa democrática.¹⁶⁸

A fotorreportagem exaltou a parceria entre os dois países defensores dos valores democráticos e anunciou um Brasil do futuro. A reportagem afirmou, ainda, que “Acheson informou que os Estados Unidos vão continuar a investir no financiamento industrial, como vem fazendo desde Volta redonda com 410 milhões de dólares e estão dispostos a dar todo o apoio as recomendações da Comissão do Ponto IV”.¹⁶⁹ Assim, vislumbrou a parceria entre o Brasil e os Estados Unidos como o caminho para o desenvolvimento e nacional.

Nos anos pesquisados, entre 1947 e 1952, portanto, o grupo de pressão consolidou sua posição favorável à entrada de investimentos estadunidenses e defendeu os valores democráticos.

Entretanto, durante os anos do pós-guerra, a incapacidade do Brasil de negociar maior simetria no comércio internacional frente aos países desenvolvidos manteve o país com o papel de exportador de materiais estratégicos (manganês, cobre, borracha) e comprador de produtos manufaturados. Desta forma, seu papel no cenário do pós-guerra, foi o de consumidor das economias europeia e estadunidense.

Assim, as reivindicações dos países latino-americanos reproduzidas na coluna *Carroussel do Mundo* não encontraram compatibilidade nos interesses de um Estados Unidos interessado em reconstruir as economias capitalistas europeias:

¹⁶⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 115, 19 jul. 1950.

¹⁶⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 120, 19 jul. 1950.

Pelo menos seis governos latino-americanos estão se consultando em silêncio sobre o melhor meio de dar apoio efetivo a uma recente proposta peruana para introduzir modificações fundamentais no Plano Marshall. [...] Os peruanos pedem que seja canalizada para os países latino-americanos uma parte considerável dos fundos do programa para estimular a produção de matérias primas e o desenvolvimento industrial. [...] Pela mesma razão, é inconcebível esperar que as nações latino-americanas comprem na Europa mercadorias no valor de um bilhão e duzentos milhões de dólares entre 1948 e 1951, como se prevê no Plano Marshall.¹⁷⁰

Assim sendo, os Estados Unidos, que visavam a otimização de seus recursos, restringiram aos países da América Latina empréstimos de capital privado. Esta postura promoveu descontentamento e levou estudiosos brasileiros a acusar os Estados Unidos de negligenciarem a região.

Pesquisas recentes acrescentam à perspectiva da negligência, a percepção, pela diplomacia estadunidense, de que o nosso país não seria seguro para investimentos governamentais, em razão da má administração do dinheiro público e da corrupção.¹⁷¹ Ao Brasil, considerado incapaz de gerenciar os recursos estadunidenses, foram oferecidos empréstimos privados, sob responsabilidade de empresas norte-americanas.

Nesse sentido, em março de 1949, a coluna *Carroussel do Mundo* publicou o aviso de empréstimos privados estadunidenses:

Os Estados Unidos estão desejosos de ajudar os países latino-americanos, não mediante empréstimos diretos aos governos, mas convertendo dinheiro em empréstimos específicos destinados a desenvolver os recursos naturais de cada nação. Confirmando estas declarações [...] o presidente Truman está preparando uma mensagem ao Congresso na qual pedirá 5 bilhões de dólares para ajudar a América Latina.¹⁷²

Entende-se, portanto, que este posicionamento, que ao longo dos anos frustrou governos, diplomatas e historiadores, acabou fortalecendo interpretações que acusavam os Estados Unidos de estarem interessados apenas na exploração dos mercados e matérias primas brasileiros.

No período de 1947 a 1952, concomitantemente à divulgação do seu apoio às políticas estadunidenses, *O Cruzeiro* defendeu a implantação do modo de vida

¹⁷⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 38, 13 mar. 1948.

¹⁷¹ Ver BIAZETTO, Bruno Henz. **A Insurreição no Meu Quintal**: processo decisório e percepção da diplomacia norte-americana durante a Revolução Cubana (1958-1960). Dissertação apresentada ao PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2008.

¹⁷² **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 64, 05 mar. 1949.

americano no Brasil. Em 22 de janeiro de 1949, Franklin de Oliveira em sua coluna intitulada *Sete Dias*, reproduziu a mensagem de Truman ao 81º Congresso:

Os Estados Unidos podem afirmar que seu país se encontra em ‘condições de atender as necessidades do povo e lhe dar uma oportunidade na busca da felicidade’. E acrescentou: ‘Durante os últimos dezesseis anos o povo norte-americano criou uma sociedade que oferece novas oportunidades a todos os homens para gozar sua parte nos benefícios da vida’.¹⁷³

Mesmo “macaqueada”¹⁷⁴, para utilizar a expressão de Franklin de Oliveira, a democracia norte-americana foi reconhecida por *O Cruzeiro* como modelo de sociedade.

As vésperas de 1950, o desenvolvimento via industrialização compunha o imaginário no qual o Brasil era representado como um país do futuro. A fotorreportagem *As refinarias estão chegando* anunciou a produção de petróleo como sinal de desenvolvimento. A fotorreportagem teve como objetivo “mostrar aos brasileiros o que era uma completa refinaria de petróleo”,¹⁷⁵ já que a refinaria de Belém do Pará estava sendo construída no Brasil. A produção de petróleo em solo brasileiro marcaria a “redenção econômica do Brasil”,¹⁷⁶ capaz de modernizar o país, sendo o petróleo “o sangue, a seiva de uma nação”.¹⁷⁷

Nos anos pesquisados, a questão do petróleo ocupou as páginas do periódico. Sua descoberta em solo brasileiro foi anunciada em *O Cruzeiro* como “questão nacional”. Como sinalizou a reportagem intitulada *Petróleo, realidade brasileira*: “nenhuma nação se considera suficiente forte se não dispor do petróleo necessário para o seu consumo. Porque sem ele não existe exército, nem produção, nem transportes. O petróleo é a alma da economia moderna”.¹⁷⁸

No mesmo tom, a reportagem *A caça mundial ao ‘Wild-Cat’* indagou: “se o Brasil possui uma das mais vastas áreas petrolíferas do mundo – Que nos Falta? – Refinarias é a resposta”.¹⁷⁹

¹⁷³ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 7, 22 jan. 1949.

¹⁷⁴ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 7, 22 jan. 1949.

¹⁷⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 47, 15 jan. 1949.

¹⁷⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 52, 15 jan. 1949.

¹⁷⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 52, 15 jan. 1949.

¹⁷⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 108, 7 jul. 1951.

¹⁷⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 110, 28 jul. 1951.

No ano seguinte, a reportagem intitulada *Retrato do Brasil no Ano Novo* traçou “o quadro de um país que progride através do êxito alentador do trinômio petróleo-ferro-energia elétrica”.¹⁸⁰

Desse modo, as páginas do magazine dedicaram crescente atenção a anunciar um modelo de desenvolvimento ancorado na industrialização e planejamento estatal. No entanto, como forma de desenvolver o parque industrial do país reconheceram a entrada de capital estrangeiro, principalmente estadunidense, como saída para a questão de importância nacional.¹⁸¹

Em clima de otimismo, a reportagem *Construindo para um Brasil melhor*, assinada pela dupla Pereira de Carvalho – repórter – e Roberto Maia – fotógrafo –, narrou a construção da nova autoestrada Rio-São Paulo que “será dentro em pouco uma brilhante realidade – Como vem sendo executada a monumental obra, que será orgulho da engenharia nacional”.¹⁸² Este esforço em torno da modernização é anunciado pela revista da seguinte forma:

A importância decisiva da estrada de rodagem na solução de problemas econômicos é coisa que não se discute mais. Todos são acordes em afirmar que a rodovia, mais que qualquer outro meio de comunicação é o que convém para o transporte de tudo que interessa aos grandes centros, não apenas pela rapidez com que as entregas podem ser feitas como, também, pela eficiência do serviço e seu preço de custo.¹⁸³

A reportagem defendia a construção de vias de rodagem e buscava amparo no passado “fantástico” do Brasil em iniciativas como as do presidente Washington Luís para o qual “governar era abrir estradas”.¹⁸⁴ Desse modo, a receita de “como se constroi para um Brasil maior, mais poderoso”¹⁸⁵ foi publicada. A defesa da construção da malha rodoviária esteve presente, também, nas peças publicitárias do anunciante *Standar Oil Company of Brazil*, a ESSO, que utilizou o espaço para afirmar seu apoio ao crescimento do país:

Rasgando montanhas para o Brasil passar! Que caiam os montes, que se aterrem os pântanos e que se rasguem as campinas para fazer passar sobre tudo isso a fita pardacenta das estradas pavimentadas! Porque com essas estradas perenes passará também o Brasil, na sua marcha rumo ao

¹⁸⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 13, 15 jan. 1952.

¹⁸¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 108-10, 7 jul. 1951

¹⁸² **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 46, 30 jul. 1949.

¹⁸³ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 46, 30 jul. 1949.

¹⁸⁴ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 49, 30 jul. 1949.

¹⁸⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 52, 30 jul. 1949.

progresso. [...] A Organização ESSO orgulha-se de vir colaborando em grande parte dos trabalhos rodoviários que se realizam no país, fornecendo lubrificantes e combustíveis para o equipamento e asfalto para as estradas.¹⁸⁶

Talvez, seja possível inferir que presença da campanha ESSO na construção do “Brasil rumo ao progresso” tenha somado para uma visão positiva das ações e produtos oferecidos pela empresa estadunidense:

O Plano Rodoviário Nacional, elaborado pela Comissão do Plano de R. Nacional, e cuja execução está a cargo do Depart. Nacional de estradas de Rodagem, é um extraordinário empreendimento que merece o apoio de todos os brasileiros patriotas. ESSO, saúda todos os que, em todos os pontos do país, colaboram em sua realização.¹⁸⁷

Em suas campanhas, o anunciante afirmou sua posição de parceiro da modernização do Brasil ao oferecer seus produtos e serviços. Tal esforço ajudou a construir uma imagem positiva da presença das empresas no país.

No mesmo sentido, *Coca-Cola Company* publicou sua parceria. Acompanhando a atmosfera de modernização do Brasil, seus anúncios publicitários exaltavam sua participação na movimentação de recursos e mão de obra nacional:

Sua fabricação proporciona emprego de numerosas pessoas. Produzindo Coca-Cola, beneficiamos também outras indústrias brasileiras, porque elementos utilizados na fabricação e distribuição de Coca-Cola, tais como o açúcar, as garrafas, as caixas de madeira e os refrigeradores, são adquiridos e fabricados aqui. Quanto mais aumentar a popularidade de Coca-Cola, tanto maior será nossa contribuição à economia nacional. Haverá mais trabalhos para todos e compraremos mais produtos de outras indústrias brasileiras. [...] Uma garrafa de Coca-Cola proporciona um refrigerante, mas [também] significa emprego, segurança econômica.¹⁸⁸

As peças publicitárias da anunciante estadunidense *Coca-Cola Company* privilegiaram assim um discurso de parceira da empresa com o desenvolvimento da economia brasileira. Nesse sentido, se pode inferir que tal esforço publicitário tenha somado na construção de uma imagem positiva da empresa no Brasil.

Rumo ao ingresso na modernização, os automóveis foram anunciados em *O Cruzeiro*. Nesse caminho, a reportagem *Automóveis, um negócio da China*, assinada por Franklin de Oliveira, publicou a descrição de variados modelos à disposição do

¹⁸⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 52, 15 jan. 1949.

¹⁸⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 52, 15 jan. 1949.

¹⁸⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 90, 25 ago. 1951.

consumidor brasileiro: “De todas as transformações sofridas sobre o modelo de 1948, foi o Ford o mais sensacional, oferecendo um tipo quase quadrado. [...] No Brasil, 69.000,00”.¹⁸⁹ Ao seu lado o modelo Crysler ganhou a descrição: “Difere do modelo anterior por mais espaço interno e maior visibilidade. [...] No Brasil, segundo o tabelamento oficial, preço de venda: 110.000 cruzeiros”.¹⁹⁰

Ao publicar a reportagem *Conheça o seu Automóvel*, *O Cruzeiro* ofereceu aos seus leitores o ingresso no sonho americano:

Há muitos anos, o Chevrolet arrebatou ao Ford o posto de carro preferido das famílias norte-americanas. É um carro seguro, durável de fácil direção, que já faz parte da vida diária da grande maioria de fazendeiros, vendedores e, em geral, de homens que trabalham. Nele as crianças são conduzidas à escola e às compras trazidas para casa nos dias de feira.¹⁹¹

Nos anos do pós-guerra, os Estados Unidos exportaram a era do automóvel à classe média do Brasil. Como sustenta Hobsbawm, o modelo de produção industrial capitalista de Henry Ford se espalhou para indústrias em outros pontos do Globo e para novos tipos de produção, da construção ao *junk food*, os bens e serviços antes restritos a minorias agora eram produzidos para o mercado de massa.¹⁹²

Assim, em 1951, a publicação do escândalo da importação de carros de luxo no Brasil, intitulada *A Bacanal dos “Rabos-de-Peixe”*, evidenciou, portanto, que automóvel já havia se consolidado como ícone de modernidade e status no país.¹⁹³

Acompanhando o *boom* de produção, as páginas de *O Cruzeiro* foram preenchidas com anúncios publicitários de bens de consumo modernos e que estavam ao alcance do leitor-consumidor. As peças publicitárias tornaram, ainda, sedutor o modo de vida americano ao prometerem a seu consumidor sua identificação e seu acesso. As campanhas da *Lever* foram estreladas pelas atrizes de sucesso Hollywoodianas: “A seu alcance o Banho de Beleza de Maria Montez”, do estúdio *Universal*. O produto era, assim, “apresentado no Brasil exatamente como em Hollywood, *Lever* é ultra-econômico. [...] Adote-o e compreenderá porque *Lever* é o sabonete preferido por 9 entre 10 estrelas do cinema”. Ao leitor de *O Cruzeiro* foi oferecido “o sabonete oficial de Hollywood”. A mercadoria oferecida articulava o

¹⁸⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 40, 16 jun. 1949.

¹⁹⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 40, 16 jun. 1949.

¹⁹¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 107, 28 jan. 1950.

¹⁹² HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 276.

¹⁹³ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 88, 7 jul. 1951.

desejo com a necessidade. De acordo com Jean Baudrillard, o objeto a ser consumido já não era o utensílio de um serviço, mas a chave que abria a porta para o sucesso. Sua representação eximia-se da realidade e transformava seus destinatários em veículos de um sonho. Assim, a publicidade enquanto estágio estético da mercadoria transforma cada objeto em signo, convida a consumir sentido e corrige, assim, o simples consumo.¹⁹⁴

Na esteira da divulgação do modelo de beleza das estrelas de Hollywood, Beverly Hills estampou as páginas de *O Cruzeiro* como a vida aproveitada no “melhor estilo”. Na reportagem intitulada *Beverly Hills!*, assinada pelo repórter Francis Neuman, a localidade foi descrita como a “pequena e requintada comunidade de 30.000 almas que se gabam de possuir mais de 1.000 piscinas”.¹⁹⁵ Onde a vida poderia ser mais bem aproveitada no melhor estilo e com todas as modernidades que casas luxuosas e bens de consumo, como carros esportivos, podiam oferecer a seus consumidores.

Apesar de Hollywood ter sido reconhecida nas páginas de *O Cruzeiro* como cidade da riqueza, ostentação e beleza. Ser lembrada como cidade do exagero que “só pensa em ganhar dinheiro” e “produzir escândalos pois a vida das estrelas pertence ao público”¹⁹⁶, a reportagem intitulada *Mentem muito a respeito de Hollywood*, saiu em defesa das ações sociais praticadas pelas estrelas e astros, como a fundação de “Comitês para a Caridade que recebeu contribuição de 17.713 donativos. Disso resultou a maior média individual de donativos (um pouco mais que 69 dólares per capita) nos Estados Unidos”.¹⁹⁷ Nesse sentido, Hollywood, foi reconhecida nas páginas de *O Cruzeiro* como defensora dos valores cristãos.

O mundo do cinema invadiu as páginas de *O Cruzeiro*. O periódico publicou diversas matérias sobre a vida dos astros e estrelas de Hollywood. Atrizes como Lana Turner, anunciada como ícone de beleza e comportamento, chegou a assinar a reportagem intitulada *Não basta ter o Sex Appeal*, com instruções de como as mulheres devem se comportar.¹⁹⁸

Na esteira das reportagens sobre beleza e comportamento, as novidades da moda estadunidense foram reveladas na reportagem *Lançamentos Americanos*,

¹⁹⁴ BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2003.

¹⁹⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 85, 9 jun. 1949.

¹⁹⁶ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 74, 10 nov. 1951.

¹⁹⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 52, 8 set. 1951.

¹⁹⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 60, 20 out. 1951.

assinada por Dickey Corby: “apresentamos, aqui os últimos modelos da moda estadunidense lançados pela grande casa de New York. São modelos que tentam seguir o mais fielmente possível a linha da silhueta feminina.” A reportagem referia, ainda, que: “a característica da moda americana foi e será sempre a grande simplicidade de linhas, estando a elegância de um modelo de boa confecção e na qualidade do tecido usado”.¹⁹⁹

Desta forma, se pode evidenciar que o grupo de interesse responsável por *O Cruzeiro*, por meio da reprodução do discurso de contenção do comunismo se inseriu na órbita de influência estadunidense. Tal posicionamento procurou afirmar a defesa dos preceitos democráticos do periódico e, assim, justificar o envio de “ajuda” econômica. O posicionamento do grupo de pressão foi, portanto, pautado no reconhecimento dos Estados Unidos como único credor do pós-guerra capaz de prover o desenvolvimento brasileiro perseguido nas páginas de *O Cruzeiro*.

Diante do desejo de justificar a chegada de um pequeno Plano Marshall para a América Latina, o magazine reafirmou a “leal” e “histórica” amizade entre os dois países e o seu desejo de bloquear uma suposta ameaça de insurreição comunista no Brasil.

Ao publicar o modo de vida americano, divulgou a reprodução em território nacional da democracia capitalista estadunidense e, assim, proclamou a chegada de uma “nova civilização nos trópicos”.

¹⁹⁹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 91, 14 jan. 1950.

3 A ALEMANHA OCIDENTAL NAS PÁGINAS DO MAGAZINE *DER SPIEGEL*

3.1 O PÓS-GUERRA E AS INTERPRETAÇÕES SOBRE A AMERICANIZAÇÃO E ANTIAMERICANISMO NA ALEMANHA

A historiografia recente tem se dedicado à queda da Alemanha nazista. Sobre o tema, tão importante quanto compreender os passos que levaram à ascensão do nazismo é decifrar como a sociedade alemã conseguiu emergir das cinzas do Terceiro Reich, tornando-se, em menos de uma década, uma sociedade com um governo estável e um comportamento pacífico. De acordo com Richard Bessel, a transição constitui o eixo sobre o qual gira a história da Alemanha e da Europa do século XX, desde o estopim da violência até o início de um período caracterizado por paz e prosperidade.²⁰⁰

Nos primeiros meses de 1945, o grande Reich havia encolhido para uma fatia de terra entre o Reno e o Oder. Enquanto o exército aliado ainda encontrava resistência, o exército vermelho espreitava a capital Berlim. O Terceiro Reich, oprimido entre o avanço da força aliada e o exército vermelho, dava seus últimos suspiros pelas mãos armadas da Juventude Hitlerista. Quando os primeiros dias quentes de primavera chegaram, “os nazistas tinham enfeitado, treinado e sacrificado seus jovens”.²⁰¹ A população alemã, até então poupada, sobrevivendo com os espólios das zonas ocupadas pela *Wehrmacht*, procurava uma rota de fuga para leste, antes da chegada do exército vermelho.

No cessar dos bombardeiros, em maio de 1945, a paz chegou oficialmente. Os alemães chamaram o momento de *Stunde Null*, ou Hora Zero. Berlim caíra, o *Führer* estava morto e o Terceiro Reich agonizava. Pelas cidades do mundo, multidões enlouqueciam. Bandeiras das forças aliadas tremulavam na Trafalgar Square, Piccadilly Circus, Champs-Élysées, Fifth Avenue e na Berlim ocupada. Entre os escombros, a sensação de novo começo. Em Moscou, dia nove de maio foi feriado nacional em homenagem à Grande Guerra Patriótica. Pelas ruas as

²⁰⁰ BESSEL, Richard. **Alemania 1945: de La guerra a Paz**. Barcelona: Ediciones B, 2009.

²⁰¹ SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 57.

peças cantavam em direção à Praça Vermelha, onde cerca de dois a três milhões de pessoas comemoravam.²⁰²

Passada a euforia, os problemas sociais e econômicos vieram à tona. De acordo com Norman Davies, a Europa reunia estimados trinta milhões de refugiados, que agora tentariam voltar para casa.²⁰³ A infraestrutura ferroviária e rodoviária estava destruída. Na Berlim ocupada, os civis alemães sobreviviam com “1200 calorias diárias”.²⁰⁴ Não havia nada para comprar. Milhões de pessoas estavam desalojadas e prisioneiros de guerra viviam em campos improvisados. Os alemães, agora, seguiam as instruções das forças de ocupação. A população sofria com o sistema de abastecimento de água, o gás e a eletricidade paralisados. As telecomunicações e os serviços médicos tinham sucumbido. Nas palavras de Bessel, “ao final do assalto nazista às raízes da civilização, a Alemanha, se achava em ruínas: política, social, econômica e moralmente”.²⁰⁵

Para muitos alemães, o comunismo não representava uma escolha. O avanço do regime soviético significou, para muitas famílias alemãs, dor e sofrimento. A campanha de conquista do exército deu vazão à sede de vingança soviética sobre vilarejos e cidades germânicas. A onda de assassinatos e estupros cometidos pelo exército vermelho a caminho de Berlim levou estimados “8,5 milhões de alemães a fugirem para o oeste, no inverno de 1944-45”.²⁰⁶ A “nobre fúria”,²⁰⁷ como ficaram conhecidas as ações do exército soviético durante a ocupação, provocou a fuga de milhões de civis alemães das províncias orientais do Reich. De acordo com Antony Beevor, por onde passou, o exército vermelho encontrou as cidades e os campos praticamente despovoados. De acordo com o relato do chefe do NKVD da 2ª Frente Bielo-Russa havia “poucos alemães restantes [...] muitos povoados estão completamente abandonados, nas aldeias sobraram cerca de meia dúzia de pessoas de quarenta e cinco anos”.²⁰⁸

É preciso assinalar que durante a incursão das tropas americanas em 1945, na Alemanha, seu comportamento não se distinguiu do das tropas soviéticas. Como argumenta Davies, na Alemanha, as extremas privações sociais e a perda de quatro

²⁰² BEEVOR, Antony. **O Mistério de Olga Tchekova**. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 17-8.

²⁰³ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 220.

²⁰⁴ **Der Spiegel**, Hannover, n. 4, p. 4, 24 jan. 1948.

²⁰⁵ BESSEL, Richard. **Alemania 1945: de La guerra a Paz**. Barcelona: Ediciones B, 2009. p. 11.

²⁰⁶ SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 490.

²⁰⁷ BEEVOR, Antony. **Berlin 1945: a queda**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 65-81.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 79.

a cinco milhões de homens aumentaram o problema da violência, “os americanos olhavam para as alemãs como pilhagem, a onda de estupros chegou a registrar quinhentos casos por semana”.²⁰⁹ Todavia, sem dúvida, o comportamento histórico do exército vermelho de punir com o fuzilamento e estuprar coletivamente as mulheres superou todas as ondas de violência.²¹⁰

Somado ao terror da ocupação vermelha, figurava a imagem de um Estados Unidos mais benevolente. A circulação da imagem de uma nação próspera, defensora da liberdade e justiça, talvez seja a razão pela qual milhares de soldados da *Wehrmacht* procuraram a zona de ocupação estadunidense para se render. A imagem do sonho americano é anterior ao Terceiro Reich. A valorização do modo de vida americano pela mídia impressa alemã, nos anos do pós-guerra, é fruto de um processo que compreende o final do século XIX e a primeira metade do XX.

Autores como Alexander Stephan, Kaspar Maase, Jost Hermand afirmam que apesar de os Estados Unidos só terem começado a exercer seu poder e influência após o término da Segunda Guerra, as raízes do modo de vida americano foram fincadas na Alemanha ainda no início do século XX e, para Michael Ermarth, no final do século XIX. Entre os sobreviventes de uma Alemanha ocupada, o modo de vida americano foi, dentre as escolhas propostas, a favorita.

De acordo com Alexander Stephan, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto o velho mundo era destruído o novo entrava correndo, primeiro com sua música e seus filmes, depois com seus soldados bem vestidos e bem alimentados.²¹¹ Jon Savage argumenta que a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra, além de distribuir efetivos e equipamentos, trouxe todo um conjunto de novas ideias, práticas e costumes que, imediatamente, passaram a transformar a vida de pessoas destruídas pela guerra. Na sua combinação de poder industrial, vitalidade cultural e confiança física, a América personificava o futuro para muitos europeus. Hollywood foi o “embaixador” da cultura americana livre e democrática.²¹²

²⁰⁹ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 372.

²¹⁰ Assuntos delicados como estupro, qualificado como crime hediondo, que no passado raramente era discutido tem recebido crescente atenção dos historiadores da Alemanha no pós-guerra, ganham destaque a obra **Alemania 1945**, Richard Bessel (2009) e **Berlim: a queda**, Beevor (2009).

²¹¹ STEPHAN, Alexander. **The Americanization of Europe: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945**. Oxford: Berghahn Books. p. 2.

²¹² SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 60.

Apesar de o regime nazista ter perseguido grupos de jovens alemães adoradores da música americana e do culto à liberdade, estes conseguiram cultivar um desafiante ar de individualidade no cotidiano da Alemanha nazista. Como aponta o referido autor, estes grupos, acusados de serem adoradores da liberdade sexual e da igualdade entre homens e mulheres, foram cruelmente perseguidos em um regime defensor da rígida segregação de gênero e de valores puritanos. Enquanto a maioria dos jovens alemães trajava uniforme, os rebeldes escutavam seus discos importados, resistiam à Juventude Hitlerista, ostentando cabelos escandalosamente longos e, as meninas, farta maquiagem.

Quando a exaltação da cultura americana invadiu as páginas de *Der Spiegel*, nos anos do pós-guerra, os valores democráticos estadunidenses foram reconhecidos. A promessa de individualidade e liberdade veiculada na propaganda do sistema democrático encontrou eco em uma sociedade assolada por anos de regime nazista. “Os americanos simbolizavam liberdade e fuga”, conclui Savage.²¹³

Alexander Stephan alega que a presença da cultura popular americana é anterior à ocupação estadunidense no pós-guerra. A música e as danças do estilo *shimmy* ao *one-step* e o *Charleston*, já faziam parte do repertório da indústria do entretenimento durante a República de Weimar. O Jazz e as celebridades, como Josephine Baker, já havia se tornado populares em Berlim na década de 1920. Nesta mesma década, os filmes de Hollywood divulgavam imagens da prosperidade e o estilo de vida americano. Autores como Bertold Brecht, referenciavam Chicago e Nova York como ícones do futuro. Em 1929, a *Coca-Cola Company* ofereceu seus produtos nos bares do Terceiro Reich, até os Estados Unidos entrarem na guerra. Em suma, quando os Estados Unidos ocuparam a devastada Alemanha, a imagem de prosperidade e justiça social já tinha as bases fixadas no imaginário da população alemã.²¹⁴

De acordo com Kaspar Maase, desde os anos 1920, historiadores alemães alegam a americanização do entretenimento na Alemanha. Eles acusam as emissoras nacionais de importar a estrutura e a programação estadunidenses. Contudo, o autor sustenta que a americanização dos meios de comunicação não foi

²¹³ SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 449.

²¹⁴ STEPHAN, Alexander. “A special German Case of Cultural Americanization.” In: STEPHAN, Alexander (Org.). **The United States and Germany in the Era of the Cold War, 1945–1990**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 77-8.

imposta, mas propagada a partir de interesses internos tanto dos editores e programadores, quanto do público ávido por entretenimento.²¹⁵

Concordando com Maase e Stephan, Michael Ermarth buscou, ainda, no final do século XIX, a presença do termo *Amerikanismus* (americanismo) nas publicações, e afirmou que a partir de 1910, a literatura alemã produziu expoentes a favor da identificação da Alemanha com os Estados Unidos, reconhecido como nação de futuro. Ao mesmo tempo, literatos já falavam em *Konträr-Amerikanismus* (contra-americanismo).²¹⁶

Todavia, como afirma Jost Hermand, apesar da presença dos ideais de americanismo e antiamericanismo na Alemanha desde o final do século XIX, os pesquisadores são unânimes em reconhecer o período entre 1945 e 1960 como decisivo no processo de americanização da Alemanha e da Europa.²¹⁷ Este período foi marcado pelo esforço estadunidense em assegurar que a democracia planejada haveria de funcionar como modelo econômico capaz de competir com o modelo de sociedade comunista.²¹⁸ Até 1945, economia planejada e estado forte estavam, na Europa, associados a regimes comunistas e estados fascistas, cuja atenção se restringia à segurança e ao policiamento. Depois de 1945, planejamento estatal emergiu ligado à defesa de um estado forte capaz de intervir nas atividades econômicas a fim de ajustar desequilíbrios e proclamar justiça social eliminando, assim, ineficiências e injustiças do livre mercado.

Planejamento passou a significar confiança em um Estado comprometido em garantir melhores condições de vida pautada no planejamento de cidades, na reconstrução da infraestrutura, em estradas, no transporte público e em moradia, na criação de postos de trabalho, na gerência do sistema educacional comprometido com a justiça social, na assistência médica e nos investimentos em espaços de comércio capazes de oferecer bens de consumo diversificados aos sobreviventes de

²¹⁵ MAASE, Kaspar. "From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized." In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and anti-Americanism: the German encounter with American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 78.

²¹⁶ ERMARTH, Michael. "Counter-Americanism and Critical Currents in West German Reconstruction 1945-1960: The German Lesson Confronts the American Way of Life." In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and anti-Americanism: the German encounter with American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 33.

²¹⁷ HERMAND, Jost. "Resisting Boogie-Woogie Culture, Abstract Expressionism, and Pop Art: German Highbrow Objection to the Import of 'American' Forms of Culture, 1945-1965". In: STEPHAN, op. cit., p. 67.

²¹⁸ JUDT, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 83.

anos de privação. Em uma época de dificuldades econômicas e demandas gigantescas por investimentos em todos os setores, o Estado despontou enquanto agente de previdência, segurança, justiça, coesão comunitária e social.

Como sustenta Judt, apesar de os Estados previdenciários europeus pós-1945 terem variado bastante em termos de oferta de recursos e métodos de financiamento a provisão de serviços envolveu, principalmente, educação, moradia, assistência médica, construção de áreas de recreação, transporte público, arte e cultura financiados.²¹⁹ Muitos diplomatas e formuladores dos planos para o pós-guerra eram defensores do papel ativo do estado na definição de políticas econômicas e sociais, herança do *New Deal*.^{*} As diferenças residiram nos esquemas criados para custear as novas coberturas. Alguns países optaram por captar receita através da criação de novos impostos, outros ofereceram benefícios em espécie. No imediato pós-guerra, os defensores do planejamento tinham em comum “a crença no aumento do papel desempenhado pelo Estado em questões sociais e econômicas”.²²⁰

Em suma, o estado previdenciário nasceu de um consenso suprapartidário. Foi implementado, na maioria dos casos, por liberais ou conservadores que entraram para a vida pública bem antes de 1914 e para quem a oferta pública de serviços médicos, seguro desemprego, educação gratuita e transporte público subsidiado não representavam o primeiro estágio do socialismo e, sim, a culminação do liberalismo reformista do final do século XIX. De acordo com Leffler, por todos os cantos do mundo, eclodiram manifestações em defesa da reforma agrária, do estado de bem-estar e da nacionalização da indústria.²²¹ Somente atento ao quadro político e social do pós-1945 é que se pode compreender a controvérsia que democracia e planejamento estatal envolviam em um primeiro olhar.

Desta forma, na Alemanha Ocidental, não foram os socialistas, mas os democratas cristãos que desempenharam o papel principal na instalação e

²¹⁹ JUDT, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 87.

^{*} *New Deal* foi um plano de recuperação econômica dos Estados Unidos durante a presidência de Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Foi um conjunto de medidas com o objetivo de recuperar o nível de vida americano anterior ao *crash* de 1929. Para isso defendia a intervenção do Estado na economia e na sociedade; manutenção e criação de postos de trabalho em grandes obras públicas, garantia de salário mínimo, seguro desemprego, jornada de trabalho reduzida, seguro moradia, transporte público subsidiado, etc.

²²⁰ JUDT, op. cit., p. 83.

²²¹ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra: Estados Unidos, la Unión Soviética y la Guerra Fria**. Barcelona: Crítica, 2007. p. 82.

administração das instituições fundamentais do estado de bem-estar social ativista.* Como afirma Jon Savage, em 1947, os líderes políticos alertaram para duas linhas de pensamento concomitantes; a primeira promovida por planejadores que, defensores da inclusão e justiça social, defendiam a organização de um Estado responsável pelo bem-estar dos seus cidadãos; a outra, era a adoção da cultura popular americana.** No badalar da reconstrução no pós-guerra, na Alemanha, emergiu uma mistura de planejamento e as promessas da “terra de sonhos do consumismo americano”.²²² Ao lado da defesa de um estado previdenciário a democracia de mercado americana ofereceu um conjunto de novas liberdades.

Na Alemanha, as análises interpretativas sobre a conduta do país ocupado colocam em destaque as relações com os Estados Unidos, que, após o final da Segunda Guerra Mundial, adotam uma série de práticas políticas, mantendo uma ampla presença militar, econômica e política no país. Na prática, iniciativas como o Plano Marshall e a criação da OTAN ergueram uma barreira às pretensões soviéticas, mobilizando os países do Ocidente política e economicamente contra as ameaças vindas do Leste.

Nessa linha de argumentação, Richard Pells, Alexander Stephan, Rob Kroes, Kaspar Maase, Thomas Elsaesser e Winfred Fluck chamaram a atenção para a importância da cultura americana no processo de americanização nos países europeus e, em especial, na Alemanha. Para os autores, simultaneamente às políticas de estado de Washington a cultura popular americana invadiu, com nova intensidade e muito mais sucesso, a Europa no pós-guerra.

As obras, organizadas por Junker Detlef e Alexander Stephan, nos anos iniciais da década de 2000, envolveram pesquisadores de vários países que buscavam analisar a influência dos Estados Unidos na Europa do pós-guerra.²²³ Tal esforço visava preencher a lacuna historiográfica de trabalhos sobre a

* Depois de 1948, o setor econômico ficou nas mãos da iniciativa privada, mas com base em acordos publicamente aprovados que tratavam de gestão de fábricas, das relações entre empregados e trabalhadores e das condições de trabalho e distribuição.

** No presente trabalho, com o objetivo de se manter fiel as obras utilizadas, optou-se por manter a expressão “cultura popular americana”, ao invés de cultura popular norte-americana ou cultura popular estadunidense.

²²² SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009. p. 452.

²²³ STEPHAN, Alexander (Ed.). **Americanization and Anti-americanism**: the German encounter with the American culture after 1945. Berghahn Books: Oxford, 2005; STEPHAN, Alexander (Ed.). **The Americanization of Europe**: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945. Oxford: Berghahn Books, 2007; DETLEF, Junker (Ed.). **The United States and Germany in the Era of Cold War, 1945-1990**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

americanização da Alemanha Ocidental e Europa ao longo do “século americano”. O esforço recente é fruto de questionamentos motivados pelos acontecimentos entre 1989 e 2001.²²⁴

Os trabalhos priorizaram o período entre 1945 a 1960, reconhecidos como os anos derradeiros no processo de americanização, embora esta data não possua a mesma ressonância em todos os países da Europa, como a “Hora Zero” na Alemanha.²²⁵ Enquanto os estudos de Alexander Stephan, Kaspar Maase, Jost Hermand, Anselm Doering-Manteuffel e Michael Ermarth destacaram a Alemanha Ocidental como um caso especial de americanização, Russel Berman e Volker Berghahn trouxeram para o debate as concepções de americanização antiamericanismo.

Os autores reunidos falam menos em imperialismo cultural e mais em identificação com o estilo de vida americano. Sustentam a identificação com os valores de liberdade, democracia e economia de mercado como os responsáveis por consolidar a visão positiva do *American way of Life* e o *American model of Democracy* nos países Europeus. Colocam lado a lado as práticas políticas como os centros culturais americanos, *Americanhäuser*, os programas de intercâmbio, eventos como o Congresso para a Liberdade Cultural e a massiva presença de Hollywood, do jazz, da música pop e rock, dos magazines responsáveis por inundar a Europa com imagens – nem sempre realistas – da sociedade americana.

O caso de americanização na Alemanha Ocidental é reconhecido como uma caso especial, *Sonderfall*, uma vez que devido a perda da soberania, o país permaneceu por meio século militarmente dependente dos Estados Unidos. Entretanto, segundo Alexander Stephan e Kaspar Maase, o desenvolvimento da

²²⁴ De acordo com os autores os acontecimentos entre 1989 e 1991; o colapso da União Soviética, a reorganização da Europa Central e Oriental, a queda do Muro de Berlim, a unificação da Alemanha e, posteriormente o 11/9/2001 provocaram, ao mesmo tempo, uma onda manifestações pacifistas na Alemanha e em outros países da Europa e estudos sobre as práticas políticas estadunidenses durante o século americano. Desta forma, os estudos da recente década de 2000 sobre o processo de americanização na Alemanha e Europa são marcados pela busca da compreensão de questionamentos atuais, dos homens de seu tempo.

²²⁵ HERMAND, Jost. “Resisting Boogie-Woogie Culture, Abstract Expressionism, and Pop Art: German Highbrow Objection to the Import of ‘American’ Forms of Culture, 1945-1965”. In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 67; ERMARTH, Michael. “Counter-Americanism and Critical Currents in West German Reconstruction 1945-1960: The German Lesson Confronts the American Way of Life.” In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 32; DOERING-MANTEUFFEL, Anselm. *Wie westlich sind die Deutschen?: Amerikanisierung und Westernisierung im 20. Jahrhundert.* Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1999. p. 34.

cultura do pós-guerra no país não foi resultado de uma deliberada política de americanização, mas de tendências de evolução entre todos os países ocidentais, desejosos de progresso material. Maase cita como exemplo o milagre econômico alemão dos anos 1950, para mostrar que novas formas de comportamento de consumo e o aumento no tempo de lazer foram estimulados menos pelo modelo americano e mais pelo rápido crescimento de oportunidades financeiras e redução nas horas de trabalho. Os jovens alemães foram menos seduzidos pelo conteúdo dos discos de Rock do que pelas novas formas de escutar música proporcionadas pelas casas de discos, rádios portáteis, áudio e vídeo cassete, cada vez mais acessíveis a um maior público e, que mais tarde englobaria a revolução da internet.

A partir da análise da estrutura e da programação das emissoras de rádio e televisão públicas e privadas na Alemanha Ocidental, entre 1920 e 1990, Kaspar Maase avança na interpretação sobre a americanização da sociedade alemã ao sustentar o desejo da população por entretenimento de melhor qualidade foi fator decisivo no processo de americanização dos veículos de comunicação. Refutando, assim, interpretações que apontam a importação deliberada pelas elites²²⁶ do modelo americano como responsável por modificar a estrutura e a programação das emissoras. Sustenta, portanto, que a americanização dos meios de comunicação não foi imposta, tampouco veio de fora, mas foram as disputas internas entre os dirigentes alemães, embasados em pesquisas de audiência, que provocaram alterações na organização da pauta.²²⁷

De acordo com o autor, apesar de as emissoras terem buscado o equilíbrio entre educação e entretenimento, os programas com viés educacional foram marginalizados na década de 1970, mesmo nas emissoras públicas, que atraíam, em geral, segmentos da audiência com nível superior de escolaridade, se comparadas com as emissoras privadas. Nas pesquisas de opinião, os ouvintes se

²²⁶ No presente trabalho a noção de elite foi retirada de Flávio M. Heinz, segundo o autor a noção de elite permite dar conta da análise de um determinado grupo social, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social. Seu emprego garante uma forma de estudar os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção. HEINZ, Flávio M. (Org). **Por Outra História das Elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 8.

²²⁷ MAASE, Kaspar. "From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized." In: STEPHAN, op. cit., p. 78.

mostravam interessados por mais luz, menos falas, mais músicas leves. Em suma, uma programação que os animassem depois de um dia de trabalho duro.²²⁸

Maase argumenta que, apesar de muitos estudiosos, apontarem, desde a década de 1920, o entretenimento orientado como um indicativo de americanização, é preciso levar em conta que as séries de televisão, os shows e a música americana eram muitas vezes superiores em termos de entretenimento. E que a audiência alemã, marcada por anos de regime nazista, simplesmente estava sequiosa por entretenimento.

Importa salientar que, o referido autor coloca em destaque o fato de que os Estados Unidos e Europa são partidários do sistema capitalista ocidental, o que facilitou, mediante a existência de valores como riqueza, progresso, segurança e padrões básicos de trabalho e lazer, a produção de expectativas congruentes de entretenimento.

Assim sendo, o *American way of life* encontrou terreno fértil para prosperar. Uma análise atenta às qualidades sedutoras da arte popular americana ultrapassava as afirmações de imperialismo cultural avassalador, ou importação deliberada do estilo de vida americano pelas elites. Nas palavras do autor, “nós não estamos sendo americanizados. Estamos americanizando nós mesmos” por uma arte popular americana extremamente atrativa, com ofertas de prazer estético requintado, permeadas por promessas de modernidade e libertação.²²⁹ Desta forma, explora como a cultura popular americana influenciou as tomadas de atitudes por grupos de pressão e elites, responsáveis pelos meios de comunicação.

Alexander Stephan defende que a Alemanha, devastada moralmente pelo Nacional Socialismo e fisicamente pelas bombas aliadas, viu nos centros culturais estadunidenses, *Amerikanhäuser*, a esperança de um novo começo. Após anos de censura nazista, os alemães estavam famintos por “cultura de todo o tipo”. Ao mesmo tempo em que a ocupação aliada proporcionou a retomada da liberdade de imprensa, de entretenimento, e de vendagem de livros, Hollywood entrou correndo, primeiro na mochila dos soldados, depois nas salas de cinema e magazines. A censura imposta pelos Estados Unidos, nos primeiros anos do pós-guerra, foi

²²⁸ MAASE, Kaspar. “From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and Anti-americanism: the German encounter with American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 87.

²²⁹ Ibidem, p. 96.

deixada de lado já em 1947. Hollywood conquistou melhores marcas de audiência que os programas de reeducação e desnazificação do pós-guerra.

Ainda de acordo com Stephan, entre 1948 e 1953, os programas estadunidenses, como a Fundação Fullbright e o Congresso para a Liberdade Cultural, foram responsáveis por dar suporte a cerca de 10.000 intelectuais alemães em viagem para os Estados Unidos, em contrapartida, um número muito inferior cruzou o atlântico na direção oposta.²³⁰ Em comparação com o sucesso da cultura popular americana, o êxito das ações dos intelectuais no campo da produção intelectual foi tímido. Assim, o autor concede papel principal à cultura popular americana no processo de americanização na Alemanha Ocidental, apesar de defender a influência da elite intelectual na consolidação do modo de vida americano através dos programas de auxílio dos Estados Unidos.*

Junker Detlef complementou o estudo de Alexander Stephan ao diagnosticar nas atividades de intercâmbio a influência dos atores estadunidenses não-governamentais no processo de americanização.

Jost Hermand argumenta que foi em 1947 que a marcha da cultura popular americana conseguiu dissolver as barreiras impostas pelos alemães e penetrar na cultura erudita.²³¹ No imediato pós-guerra, apesar da tentativa da sociedade alemã em retomar suas raízes, a oferta massiva de produtos *Made in Usa* capturou as maiores fatias do mercado.

Hermand sustenta que a porta de entrada do processo de americanização na Alemanha Ocidental foi a cultura popular americana e seus imediatos beneficiários foram os jovens embriagados pela oferta de sensualidade, vulgaridade e o ritmo acelerado da cultura popular americana. Consequentemente, tudo o que virava “hit” nos Estados Unidos automaticamente angariava fãs do outro lado do atlântico no rádio, no cinema e na televisão.

²³⁰ STEPHAN, Alexander. “A special German Case of Cultural Americanization.” In: STEPHAN, Alexander (Org.). **The United States and Germany in the Era of the Cold War, 1945–1990**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 77.

* Sobre a cultura erudita, *High Culture*, produção intelectual e arte de museu versus a cultura popular americana, *American Popular Culture*, Hollywood e música rock ver: STEPHAN, 2005.

²³¹ HERMAND, Jost. “Resisting Boogie-Woogie Culture, Abstract Expressionism, and Pop Art: German Highbrow Objection to the Import of ‘American’ Forms of Culture, 1945-1965”. In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter with American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 73.

Para o autor, em 1947, a Alemanha iniciou seu processo de “Coca-Colonização”.²³² Neste ano, ao lado dos jovens, a fatia da população com baixa escolaridade, que reunia cerca de 84% da população alemã ocidental era formada por leitores de magazines de ficção, *best-sellers*, revistas em quadrinho do *Superman*, *Donald Duck* e *Mickey Mouse*, novelas e romances policiais, espectadores de filmes populares e amantes de músicas pop. A fatia da população com educação superior, apreciadores de ópera, drama, música clássica, espectadores de documentários, leitores de poesia lírica e frequentadores de galerias de arte e museus, somava somente cerca de 16%.

Hermann concluiu que já na década de 1960 o resultado foi o crescimento da “estética do supermercado”, da difusão do entretenimento lucrativo às custas da marginalização da cultura elitista.

Outro autor, Rob Kroes, em sua análise das representações iconográficas dos Estados Unidos no espaço público europeu, evidencia que a presença massiva do modo de vida americano afetou a percepção do espaço entre os Europeus. O autor entende o espaço público como uma área, além dos quintais das casas privadas e dos espaços de consumo, onde a imagem da cultura de massa estadunidense foi exposta e, assim, projetou a demanda e o desejo pelos produtos *Made in Usa*. O espaço público incluía *outdoors* com imagens dos filmes de Hollywood, com homens comprando carros e cigarros americanos, cosméticos e roupas. A exposição massiva do modo de vida americano nos espaços públicos incentivou a demanda por seus produtos, estabeleceu padrões de beleza, de gosto, de comportamento; americanizou os sonhos e anseios dos observadores europeus; e consolidou a imagem dos Estados Unidos como um reino da fantasia, repleto de heróis.²³³

Contudo, para o referido autor, americanização não pode ser identificada como um “simples jogo de soma-zero” em que as pessoas trocam suas roupas europeias por pares de jeans americanos, mas é mais uma questão de sincretismo cultural, mais um entrelaçamento da cultura americana com os hábitos europeus, no qual todos os empréstimos de elementos da cultura americana provocam mudanças

²³² HERMAND, Jost. “Resisting Boogie-Woogie Culture, Abstract Expressionism, and Pop Art: German Highbrow Objection to the Import of ‘American’ Forms of Culture, 1945-1965”. In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter with American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 74.

²³³ KROES, Rob. “Imaginary Americas in Europe’s Public Space.” In: **Americanization and anti-Americanism: the German encounter with American culture after 1945**. STEPHAN, Alexander (Org.). Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 347.

em seu significado no novo contexto. Ao invés de uma réplica, o cenário europeu sofreu modificações.

Kroes concorda com Maase e Stephan ao sustentar que a única cultura comum entre os Europeus, no século XX, foi a americana.²³⁴

Por sua vez, Stephan cita Kroes e argumenta que a presença dos Estados Unidos ajudou os europeus a encontrarem uma identidade comum baseada nos valores de liberdade, pacifismo, democracia e economia de mercado.²³⁵ No mesmo sentido, Anselm Doering-Manteuffel sustenta que, americanização não é a simples implantação das ideias americanas nas cabeças alemãs. Responde sim, a integração dos alemães com os europeus ocidentais (*Westeuropäer*) em um bloco imunizado contra a influência do mundo comunista.²³⁶

Desta forma, tanto na Europa como em outras regiões do Globo, os produtos americanos e as novas formas de estilo de vida funcionaram como porta para mudanças. Jovens adoradores de rock, desfilando com jeans, não procuravam americanizar sua sociedade, mas buscavam uma libertação das regras. Buscavam criar espaços privados para seu consumo de música e filmes, sem interferência. A modernização da forma de consumo da cultura e do lazer permanece frequentemente associada à marcha da vitória de Hollywood e da televisão comercial sobre os valores antigos.

Nesse sentido, a Alemanha Ocidental poderia muito bem ter se americanizado, eventualmente, mesmo sem nenhuma influência direta americana, afirma Maase.²³⁷

Por outro lado, Alexander Stephan e Russel Berman se debruçam no estudo do fenômeno do antiamericanismo na Alemanha. Em primeiro lugar, Stephan sustenta que alemães conservadores ainda acusam a cultura estadunidense de esmagar a sua. Reclamam que o “mercantilismo”, com seu modo utilitarista de civilização, triunfou sobre os valores e tradições germânicos, que as máquinas de

²³⁴ KROES, Rob. “Imaginary Americas in Europe’s Public Space.” In: **Americanization and anti-Americanism: the German encounter whit American culture after 1945.** STEPHAN, Alexander (Org.). Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 347.

²³⁵ STEPHAN, Alexander. “Cold War Alliances and the Emergence of Transatlantic Competition: an Introduction.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 347.

²³⁶ DOERING-MANTEUFFEL, Anselm. **Wie Westlich Sind Die Deutschen?: Amerikanisierung und Westernisierung im 20. Jahrhundert.** Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1999. p. 11.

²³⁷ MAASE, Kaspar. “From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005.

lavar roupa, geladeiras, e eletrodomésticos usurparam o lugar do humanismo, inteligência e conhecimento; que a tecnologia, grandes cidades e turismo determinaram a destruição da individualidade. A cultura popular americana clamava por consumo de massa e padronização dos gostos, ideais de progresso, tecnologia e modernização como o caminho para o futuro.²³⁸

Não obstante, para Stephan, por trás das críticas de standardização, o movimento antiamericanista estava relacionado às ações da política estadunidense. Os alemães nascidos no pós-1945, educados para a paz, desenvolveram um antiamericanismo baseado na defesa do pacifismo. Como exemplos, o autor identifica os movimentos anticonflito da geração de 1968, as marchas em oposição à implantação dos mísseis em 1980 e, mais tarde, às passeatas contra a participação alemã na guerra do Iraque.²³⁹

Por sua vez, Russel Berman sustenta que na Alemanha Ocidental o antiamericanismo aparece associado às respostas negativas às ações da política externa estadunidense. Os antiamericanistas defendiam a ideia da “mão de Washington” controlando todos os conflitos. Neste sentido, o antiamericanismo era definido como uma resposta negativa ou resistência às transferências de estruturas institucionais, práticas sociais e valores culturais dos Estados Unidos. Esta resposta negativa é identificada quando a argumentação racional dá lugar a generalizações, insinuações hostis, preconceito e à criação de estereótipos que prevaleceram nas estruturas do pensamento.

Para o autor, a existência de indícios de antiamericanismo na Alemanha são anteriores ao pós-guerra. Aparecem pela primeira vez nos relatos dos viajantes europeus pelo “Novo Mundo”, ainda no início do século XIX. Berman traz à luz os escritos de Nikolaus Lenau²⁴⁰ que descreve com termos pejorativos e faz julgamentos negativos a respeito do capitalismo e da democracia dos Estados Unidos. Contudo, em contraste, Berman aponta a era, iniciada pelos escritos de

²³⁸ STEPHAN, Alexander. “Cold War Alliances and the Emergence of Transatlantic Competition: an Introduction.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and Anti-americanism: the German encounter with American culture after 1945.** Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 15.

²³⁹ Idem. In: STEPHAN, Alexander (Ed.). **The Americanization of Europe: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945.** Oxford: Berghahn Books, 2007. p. 10.

²⁴⁰ Nikolaus Lenau, na verdade Nikolaus Franz Niembsch, nasceu em 1802, em Schadat, Hungria e veio a falecer em Oberdöbling, a cerca de Viena, em 1850. Ficou conhecido por sua crítica aos Estados Unidos, após sua viagem em 1832, imortalizada na obra *Verschweinte Staaten von Amerika*. Em Die Deutsche Gedichtbibliothek, hospedada em: <http://www.gedichte.xbib.de/biographie_Lenau.htm>.

Goethe, como a de atração positiva da Alemanha pela América. Desta forma, conclui que o antiamericanismo alemão não pode ser explicado como uma resposta à imposição das formas políticas e econômicas estadunidenses no pós 1918 e pós-Segunda Guerra Mundial.²⁴¹

O processo do antiamericanismo independe do grau de americanização. Não é, portanto, resultado específico das ações estadunidenses, nem é uma resposta à projeção de refazer o mundo no pós-guerra a imagem americana, mas representa uma resposta a forças que provocam mudanças históricas.

Uma vez exposto que, entre os sobreviventes de uma Alemanha ocupada, o modo de vida americano, identificado com os valores de liberdade, democracia e economia de mercado e presente desde o início do século XX, favoreceu o reconhecimento pelos alemães de um Estados Unidos como modelo de sociedade a ser perseguido. No entanto, o desenvolvimento de uma cultura pró-americana no seio da sociedade alemã, não foi resultado de uma deliberada política de americanização por grupos de interesse e elites governamentais e não-governamentais, mas de tendências presentes em uma comunidade ávida por liberdade e progresso material naquele contexto.

Desse modo, nas páginas seguintes se busca traçar um perfil da revista *Der Spiegel* e, assim, compreender o grupo de pressão responsável por sua edição e publicação.

3.2 DER SPIEGEL: O MAGAZINE

A revista *Der Spiegel* é reconhecida como a principal revista alemã do século XX. O magazine da editora de Rudolf Augstein teve seu primeiro exemplar publicado em quatro de janeiro de 1947, na cidade de Hanover, norte da Alemanha, na parte Ocidental.

Sua primeira capa trouxe a foto do enviado austríaco Kleinwächter diante da Casa Branca, em Washington. A reportagem intitulada *Mit dem hut in der Hand* (“Com o chapéu na mão”) remetia o leitor à sessão *Ausland*. O texto questionava a política de zonas e suas consequências para a recuperação da Áustria. Nascia uma revista comprometida com um jornalismo investigativo que, mais tarde, ganharia o

²⁴¹ BERMAN, Russel A. “Anti-Americanization”. In: STEPHAN, Alexander (Ed.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter with American Culture after 1945**. 2007. p. 17.

nome de *Sturmgeschütz der Demokratie* (“a arma de assalto da democracia”). O semanário se notabilizou por seu estilo de reportagens investigativas com ênfase em artigos de opinião. Deixando, pois, o jornalismo de entretenimento em segundo plano, priorizando a informação sobre o mundo político e econômico.

Cabe salientar que o perfil do semanário se manteve ao longo dos anos, procurando sempre consonância com os interesses de seus leitores. Fato possível de ser verificado através dos resultados dos questionários apresentados, aos leitores, no periódico. De acordo com o fascículo vinte e dois do ano 1948, 74% dos leitores recorriam a *Der Spiegel* em busca de informação e a viam com uma leitura adicional aos jornais; 51% buscavam divertimento (*Amusement*).²⁴² A partir dos tais questionários, foi possível verificar que a grande maioria de seu público leitor era masculina (79%) *versus* 21% feminino. Destes, 6% com idade superior a sessenta anos, 21% entre 18 e 25 anos, 23% entre 40 e 60 anos e 50% entre 25 e 40 anos.²⁴³

Seu lançamento, em 1947, atingiu 15.000 cópias, cresceu até as 65.000 no ano seguinte e 437.000 em 1961. De acordo com *Der Spiegel*, se cada exemplar era lido por 7,5 pessoas, sem contar os exemplares de clubes e bibliotecas, passava a ser reconhecido como o principal magazine ilustrado do país.²⁴⁴ Nos anos setenta alcançou as 900.000 cópias. Superou a barreira de um milhão de exemplares nos anos noventa. Atualmente, é o magazine de notícias de maior relevância na Alemanha e com a maior tiragem da Europa, sendo distribuído em 167 países todas às segundas-feiras.²⁴⁵

Nos anos pesquisados, entre 1947 e 1952, a revista passou por uma série de modificações. Nasceu inspirada na revista estadunidense *Time*, mas a baixa qualidade do papel e da impressão disponíveis na Alemanha do pós-guerra comprometeu sua diagramação. Fotos de qualidade e peças publicitárias elaboradas ganharam fôlego somente na metade da década de 1950.

Inicialmente, a revista contou com cerca de quarenta páginas, divididas em dez sessões, entre elas: *Personalien* (Personalidade), *Panorama* (Panorama), *Internationales* (Internacional), *Deutschland* (Alemanha), *Ausland* (No estrangeiro), *Sport* (Esporte), *Wirtschaft* (Economia), *Kultur* (Cultura), *Film* (Filmes). Nos anos

²⁴² **Der Spiegel**, Hanover, n. 22, p. 17, 29 mai. 1948.

²⁴³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 22, p. 17, 29 mai. 1948.

²⁴⁴ **Der Spiegel**, Hanover, n. 22, p. 16-7, 29 mai. 1948.

²⁴⁵ **Der Spiegel**. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

seguintes, anexou algumas novas sessões, tais como, *Musik* (Música), *Theater* (Teatro), *Mode* (Moda), *Automobile* (Automóveis) e *Diverse* (Diversos).

É possível perceber, ao longo da pesquisa, certa continuidade na publicação das sessões, variando o número de páginas dedicado a cada uma. De acordo com a análise, a maior continuidade é evidenciada nas três sessões principais da revista: *Deutschland*, *Ausland* e *Panorama*. De acordo com a própria revista, 49% dos leitores preferem a sessão *Deutschland*, em segundo lugar, com 45%, a sessão festejada é *Ausland*.²⁴⁶ As sessões reúnem reportagens sobre o cenário interno e internacional, respectivamente.

Nos anos pesquisados, a sessão *Panorama* publicou charges de jornais nacionais e internacionais. Com humor, as charges escolhidas pelo grupo de pressão ora ancoraram, ora agregaram significado ao texto. Da Alemanha foram escolhidas charges dos jornais *Berlin Anzeiger*, *Der Ruf*, *Neues Leben*, *Der Mannheimer Morgen*, *Der Steuerzahler* de Stuttgart e o do *Neue Zeitung* de Munique. Da Holanda, direto de Amsterdã, o *Der Groene Amsterdammer*. Da suíça, o *Der Tat* e o *Welt Woche* de Zurique, o *National Zeitung* de Basiléia, e da pequena Rorschach o *Rabinovitsch in Nebelspalter*. De Paris, o *Odre* e o *La Baitalle* exibiram suas caricaturas. Da União Soviética, o internacionalmente conhecido *Prawda* e o *Iswestija* figuraram entre os mais escolhidos. Dos Estados Unidos, uma longa lista ganhou espaço, destacando-se a frequência das charges escolhidas do *New York Times*, *Washington Post*, *Daily Mirror* e *Detroit News*. Fizeram-se presentes também o *The Baltimore Sun*, *Los Angeles Mirror*, *The Chicago Times*, *Chicago Tribune*, *Miami Herald*, *The Portland Oregonian*. As charges do *Daily Herald*, *Daily Mail* e *News Chronicle*, na *Grã-Bretanha*, inundaram a sessão com seu humor mordaz.

Na esteira das charges, *Der Spiegel* reproduziu matérias de jornais estadunidenses, a exemplo do *New York Times*²⁴⁷ e do magazine *Newsweek*²⁴⁸, buscando fundamentar suas reportagens. Por meio da seleção das charges e da reincidência de determinadas matérias de jornais norte-americanos, sua posição de apoio às políticas estadunidense na Alemanha ficou evidente, como veremos, com mais detalhamento, no próximo sub-capítulo.

²⁴⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 22, p. 17, 29 mai. 1948.

²⁴⁷ **Der Spiegel**, Hanover, n. 34, p. 3, 24 ago. 1950.

²⁴⁸ **Der Spiegel**, Hanover, n. 16, p. 13, 20 abr. 1950.

Importante ressaltar que as matérias e reportagens publicadas nas páginas do periódico não são assinadas. No entanto, a ausência de assinatura não foi prática exclusiva de *Der Spiegel*. Até a década de 1970, era comum os periódicos europeus não levarem a assinatura dos jornalistas e editores responsáveis pelas matérias. A equipe de jornalistas, editores, repórteres, diretores, entre outros, era reconhecida como um grupo. Toda e qualquer reportagem representava não o posicionamento de um indivíduo em especial, mas de toda uma equipe. Cada reportagem de *Der Spiegel* representou, portanto, o posicionamento do periódico. Somente ao longo dos anos 1970, é que os autores das matérias ganharam reconhecimento.

Nos anos pesquisados, os nomes dos editores são alinhados sem qualquer informação que os qualifiquem, logo abaixo os jornalistas aparecem também dispostos em bloco, na sequência os créditos das fotos. Em 1949, é feita a primeira referência ao cargo de Redator Chefe estrelado por Rudolf Augstein e o periódico ganha também correspondentes nas cidades de Londres, Roma e Zurique.²⁴⁹

Convidar os leitores a participarem do periódico era prática comum. Nos anos pesquisados, se verifica, desde o primeiro fascículo de janeiro de 1947, a presença de um espaço reservado à participação dos mesmos. Neste fascículo, na página vinte e dois, foi publicada a mensagem ao leitor: “esta página, a partir da próxima semana, está reservada às cartas enviadas pelo leitor”.²⁵⁰ Ao longo dos anos, tal espaço reuniu a publicação de cartas, testes de leitura, opinião do leitor e enquetes. *Der Spiegel*, portanto, se manteve interessada nas manifestações de seu público leitor. Desse modo, é possível afirmar que o periódico, sob responsabilidade de múltiplos indivíduos reunidos em um grupo de interesse, não é fruto de uma agência internacional com o objetivo de cooptar ideologicamente seus leitores. Ao contrário, ciente do jogo político e do espaço que nele ocupava, buscou atender às expectativas de leitores ávidos por informação de qualidade. Nesse caminho, identificou a sessão Sua Opinião (*Ihre Meinung*) como um espaço reservado “para agradar seus leitores e amigos”,²⁵¹ por meio da publicação de cartas com opiniões divergentes da defendida pelo periódico. Nas palavras do semanário: “se *Der Spiegel* traz, na página de cartas do leitor, alegações que contradizem algumas reportagens do semanário, isso não significa que o leitor está certo, mas que sua

²⁴⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 19, p. 28, 07 mai. 1949.

²⁵⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 1, p. 22, 4 jan. 1947.

²⁵¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 1, p. 0, 3 jan. 1949.

opinião enriquece o debate. Sua argumentação será anunciada e o leitor pode, muitas vezes, ser o juiz dos editores”.²⁵² Desta forma, *Der Spiegel* identificava, para si, o papel de assegurar e favorecer a construção da democracia alemã.

Uma vez exposto o perfil de *Der Spiegel* e do grupo de pressão responsável por sua edição e publicação, passa-se a análise do posicionamento do magazine em relação às políticas estadunidenses e ao modo de vida americano.

3.3. DER SPIEGEL: APOIO ÀS POLÍTICAS ESTADUNIDENSES E IDENTIFICAÇÃO COM O MODO DE VIDA AMERICANO

Entre o ano de lançamento do Plano Marshall, em 1947, e seu encerramento, em 1952, *Der Spiegel* editou e publicou reportagens em consonância com o discurso estadunidense de Guerra Fria. Divulgou as políticas dos Estados Unidos para a Alemanha ocupada e anunciou o modo de vida americano como o caminho de “tijolos dourados” para sua reconstrução.

No seu ano de lançamento, o semanário acompanhou o acirramento da disputa por influência entre as zonas de ocupação. Ao mesmo tempo em que denunciou os problemas na administração política provocada pela divisão do país, ratificou a divisão do mundo em esferas de influência. Com simpatia publicou o discurso estadunidense de insegurança mundial. Veiculou na sessão *Panorama*, as palavras do físico Albert Einstein: “não há lugar na terra seguro dos efeitos da bomba atômica [...] O desenvolvimento das relações políticas desde o fim da segunda guerra mundial não nos trouxe, evidentemente, a paz internacional”.²⁵³ Ao publicar as palavras de Einstein, “reconhecido como o pai da bomba atômica na capa da revista *Newsweek*”,²⁵⁴ fundamentou sua posição ao lado dos Estados Unidos.

Acompanhando o discurso estadunidense de bipolarização, consolidou Washington como o novo centro de poder do mundo do pós-guerra e os Estados Unidos como principal credor e planejador da nova ordem mundial. Seus produtos foram anunciados como artigos de consumo desejados. A imagem dos Estados Unidos diligentes da prosperidade entre os povos foi associada, sucessivamente, à

²⁵² *Der Spiegel*, Hanover, n. 22, p. 17, 29 mai. 1948.

²⁵³ *Der Spiegel*, Alemanha, n. 13, p. 0, 29 mar. 1947.

²⁵⁴ *Der Spiegel*, Alemanha, n. 13, p. 0, 29 mar. 1947.

qualidade de seus bens de consumo, como se cada caixa *made in USA* estivesse recheada com a receita estadunidense de sucesso. A escolha por um produto *Colgate* representou a escolha por um estilo de vida. Na reportagem, *Dollars greifen an* (O ataque de Dólares) a política americana foi anunciada como um produto a ser consumido:

... porque você escova os dentes com a *Colgate*, a melhor pasta de dentes. Trazemos a atual missão do subsecretário do Departamento de Estado Americano sobre a importância econômico-política da política de crédito americano para a Europa do Sudeste.²⁵⁵

No excerto se evidencia uma relação forçada entre o produto da marca estadunidense *Colgate* e a política americana, procurando, assim, chamar a atenção do leitor. Na sequência, a imagem da prosperidade estadunidense foi revelada. Washington foi perfilhado nas páginas do periódico como o novo centro de poder econômico. Nos Estados Unidos,

a renda nacional em 1946 atingiu um pico de 165 bilhões de dólares contra 161 milhões em 1945. O mercado interno começa a saturar. Os preços dos artigos de luxo, como peles, joias e alta costura modelo perdem valor. **O que fazer com todas as bênçãos?** Essa é a questão da existência da indústria americana.²⁵⁶ [sem grifos no original]

A resposta para a questão aparece algumas linhas depois. Ao assumir “a posição da Inglaterra como a principal nação credora do mundo”,²⁵⁷ os Estados Unidos esperavam expandir o comércio com os países aliados ao redor do Globo, fortalecendo, assim, suas economias, ao mesmo tempo em que consolidaria seu próprio desenvolvimento. Cabe salientar que o grupo de pressão reconheceu as políticas estadunidenses como uma via de mão dupla, na qual os aliados precisavam de dólares americanos e os dólares precisavam das economias aliadas. De acordo com um trecho da reportagem intitulada *Für Vereinigte Staaten von Europa* (Para os Estados Unidos da Europa), na sessão *Ausland*,

[...] a economia americana funciona a pleno vapor. Os mercados internos já estão em parte saturados. Os preços estão caindo. Apenas o mercado europeu pode eliminar o perigo para a América de uma nova crise econômica. [...] Este é o outro lado da generosa oferta americana de um

²⁵⁵ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 12, p. 14, 22 mar. 1947.

²⁵⁶ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 12, p. 14, 22 mar. 1947.

²⁵⁷ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 12, p. 14, 22 mar. 1947.

crédito global e apoio às commodities.²⁵⁸

Entretanto, na relação entre “protegidos” e “protetor”, a economia protetora exerce poder superior sobre as economias protegidas. Desta forma, a imagem de um Estados Unidos benevolente, produtor de políticas desinteressadas é descartada. Não obstante, na análise das reportagens, se constata que o apoio do grupo de interesse na divulgação da política estadunidense na Alemanha Ocidental parte não da imposição, mas da identificação com a mesma.

A partir da consolidação de Washington como centro irradiador, o grupo de interesse preencheu as sessões de *Der Spiegel* com reportagens de apoio às políticas estadunidenses para a Alemanha Ocidental. Nesta linha de argumentação, na sessão *Panorama*, o grupo de pressão relacionou o discurso sobre a necessidade da reconstrução da Alemanha assolada pela fome ao discurso do presidente americano Harry Truman sobre a construção da paz mundial:

‘A paz mundial só pode ser assegurada se o povo não morrer de fome.’ Falou o presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, em frente ao Congresso. Ele estabeleceu seu pedido de assistência para cinco países europeus e a China. Essa ajuda chamou de ‘um grande passo para a paz’.²⁵⁹

O desejo de uma política efetiva dos Estados Unidos na Alemanha, capaz de reverter o caos social foi coroada com a seleção de uma charge selecionada do jornal *Daily Herald*.²⁶⁰ Esta, com humor, defendeu o apoio efetivo internacional na reconstrução de uma Alemanha assolada pela “fome” e o “desespero” evitando, assim, um novo conflito mundial. A charge apresenta três planos. No primeiro, aparecem três personagens. No centro, está a alegoria Alemanha (*Deutschland*) sendo rendida por dois assaltantes, à esquerda pela alegoria fome (*Hunger*) e à direita pelo desespero (*Verzweifung*). Com as mãos para o alto, a Alemanha (*Deutschland*) assustada olha para trás implorando proteção à alegoria da cooperação internacional (*Internationale Zusammenarbeit*) que, no segundo plano, aparece de costas, aparentemente, sem dar atenção para a Alemanha (*Deustchland*) em perigo. No terceiro plano, ao fundo e à direita, estão desenhadas as ruínas da Alemanha arrasada conforme se pode constatar a seguir:

²⁵⁸ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 25, p. 7, 21 jun. 1947.

²⁵⁹ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 21, p. 0, 24 mai. 1947.

²⁶⁰ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 21, p. 0, 24 mai. 1947.

Figura 1 – “Hilfe”! (“Ajuda”)



Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 21, p. 0, 24 mai. 1947.

Quando em julho de 1947, os Estados Unidos anunciaram o Plano Marshall para os países europeus e Ásia, *Der Spiegel* reconheceu a ajuda desejada. O discurso de George Marshall foi, com destaque, emoldurado e grifado, reproduzido na sessão *Ausland*, sob o título, *Kernsätze* (Princípios fundamentais) e endereçado a todos os países Europeus contra a fome e o caos:

‘Nossa política não é dirigida contra nenhum país ou doutrina, mas contra a fome, a pobreza, desespero e caos ...’

‘Essa assistência, estou convencido, não deve ser concebida como uma obra que levará a uma série de crises. Toda a ajuda, que o nosso governo pode oferecer, será, no futuro, mais um remédio do que um mero paliativo. Cada governo que desejar ajudar na recuperação, vai, tenho a certeza, encontrar apoio total dos Estados Unidos. No entanto, qualquer governo que tentar bloquear recuperação de outros países, não pode esperar ajuda de nós...’

[...] ‘A iniciativa, creio eu, precisa vir da Europa. O nosso papel deve ser de ajuda amigável, [...] de apoio a um programa, na medida do possível para nós’.²⁶¹

Importa salientar que a escolha da União Soviética em negar a Ajuda Marshall e orientar seus satélites a fazerem o mesmo, não surpreendeu as expectativas políticas do mundo do pós-guerra. Apesar da iniciativa dos Estados Unidos de incluírem todos os países que alegassem precisar de auxílio econômico, era

²⁶¹ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 27, p. 5, 5 jul. 1947.

esperado que Moscou renunciasse a ajuda americana. De acordo com a análise das reportagens publicadas em *Der Spiegel*, no primeiro semestre de 1947, a desconfiança soviética em relação ao Plano Marshall esteve presente em suas páginas.

Como se evidencia na retomada da reportagem intitulada, *Für Vereinigte Staaten von Europa* (Para os Estados Unidos da Europa), que publicou os comentários de Moscou:

Implementação do Plano Marshall para a reconstrução econômica da Europa, todos os países europeus e, também os Asiáticos, receberam um longo questionário sobre suas necessidades econômicas de bens industriais e produtos agrícolas. Até os russos receberam um. [...] Todas as nações européias estão incluídas na oferta de ajuda.

[Contudo] Molotov explicou que ‘a União Soviética não foi informada sobre o assunto o suficiente para expressar uma opinião’. O primeiro comentário russo sobre a oferta americana não soa encorajador. O *Prawda* o descreveu como ‘a nova versão da Doutrina Truman que exerce pressão política por meio de dólares’.²⁶²

No mesmo número, ainda, a sessão *Panorama* veiculou o julgamento dos jornais franceses à reação do Kremlin ao Plano Marshall “como um programa de guerra contra a Rússia”.²⁶³

Por sua vez, a reportagem intitulada *Für die Bedrängten* (Para os aflitos) veiculou na sessão *Ausland* o discurso estadunidense:

O sucesso final do Plano Marshall dependente da Alemanha. Este país, que ainda é o coração industrial da Europa, no qual se encontram as minas e fábricas (principalmente na região do *Ruhr*), é impensável sem o Plano.

Com estas palavras o *New York Times* identificou a nova ofensiva de paz dos Estados Unidos, a Alemanha pode olhar esperançosamente para Washington.

Em Washington, o secretário de Estado George C. Marshall falou para os governadores dos 48 estados. ‘Se os Estados Unidos não concederem ajuda à Europa, é bastante provável que os países agredidos pela guerra serão conduzidos para os braços do comunismo’.²⁶⁴

A reportagem permanece vinculada ao discurso estadunidense de segurança nos anos iniciais de Guerra Fria. Ao editar as palavras do periódico norte-americano *New York Times* reitera seu posicionamento ao lado do aliado Ocidental. Importa

²⁶² *Der Spiegel*, Alemanha, n. 25, p. 7, 21 jun. 1947.

²⁶³ *Der Spiegel*, Alemanha, n. 27, p. 0, 5 jul. 1947.

²⁶⁴ *Der Spiegel*, Alemanha, n. 29, p. 7, 19 jul. 1947.

salientar que, na mesma sessão, a reportagem *Moskau voraus* (Moscou à frente) procura chamar a atenção do leitor para o avanço da esfera de influência soviética. A reportagem anunciava que do outro lado da Cortina de Ferro o domínio soviético enfrentava o Plano Marshall com forte planejamento: “Na verdade, a esfera de influência dos russos tem agora uma vantagem de pelo menos 18 meses, com o planejamento de uma entidade econômica supranacional”.²⁶⁵

Alguns números depois, a sessão *Panorama* cingiu a ameaça comunista na Europa. A matéria, que parafraseia o jornal americano *The Street Journal*, anuncia que as revoluções comunistas na Itália e França, sustentadas pela situação social caótica, estão levando o comunismo ao poder:

O jornal conclui que, apenas a presença das tropas russas poderia *levar ‘o comunismo ao poder’* [*den Kommunismus in den Sattel heben*]. Em vista disso, somente a retirada de todas as tropas russas poderia salvar a Europa do comunismo. Que corresponderia, no entanto, a retirada das tropas aliadas.²⁶⁶

No segundo semestre de 1947, *Der Spiegel* publicou reportagens que reproduziam o discurso estadunidense sobre o avanço das ideias comunistas nos países deflagrados pela guerra, como forma de justificar o recebimento da Ajuda Marshall. Nesse sentido, o grupo de interesse editou e publicou o posicionamento de periódicos americanos, como os jornais *New York Times*, *The Street Journal* e o semanário *Newsweek*. Apoiou, assim, tanto o discurso estadunidense relacionado à contenção do suposto expansionismo comunista, quanto a atuação das suas práticas políticas na Alemanha Ocidental. Como pode ser verificado no excerto da reportagem *Marshall-Plan ohne Theater* (Plano Marshall, sem teatro):

A primeira fase do Plano Marshall está galgada. As negociações Parisienses entre as dezesseis nações sobre o futuro de 400 milhões de europeus foram concluídas. Os Estados Unidos sabem agora, o que o velho contingente precisa para se tornar saudável.

[...] A Europa espera 22,4 bilhões de dólares. Destes, o Banco Mundial prometeu 3,1 bilhões imediatamente. O restante precisa ser aceito pelo Congresso americano. Sobre sua rápida convocação o presidente Truman não emitiu decisão.

[...] Marshall informou seu colega francês Bidault, que colocar em movimento o seu plano antes da primavera era impossível. Seu representante Robert A. Lovett, no entanto, admitiu publicamente a

²⁶⁵ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 29, p. 7, 19 jul. 1947.

²⁶⁶ **Der Spiegel**, Alemanha, n. 44, p. 0, 1 nov. 1947.

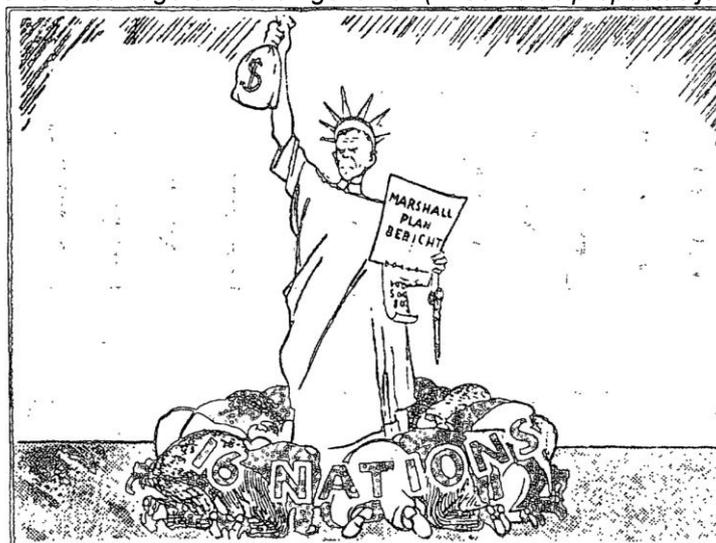
necessidade imediata da ajuda. **Newsweek apoia esta ideia.** Os Estados Unidos precisam ajudar a evitar a ofensiva política de Moscou.

Enquanto a Europa Ocidental teve a pior safra desde 1830, na Rússia foi amadurecida a melhor desde o início da guerra. A revogação do racionamento de pão na União Soviética é provável. Ainda, podem ser exportadas quatro milhões de toneladas de trigo. **Se o plano de ajuda Stalin se justapor ao projeto Marshall, poderá trazer resultados inesperados nas eleições municipais francesas em outubro.**²⁶⁷ [sem grifos no original]

De acordo com o excerto, portanto, a revista se empenhou em justificar a imediata remessa de dólares. Já na reportagem intitulada *Mit amerikanischer Tempo* (“Velocidade americana”), *Der Spiegel* noticiou a reivindicação de “21,9 milhões de ‘bons’ dólares americanos, para promover, até o final de 1951, uma nova vida ao velho continente”.²⁶⁸

Cabe salientar que consciente da dependência econômica estadunidense o semanário sinalizou com humor sua posição na escolha da charge do jornal *Prawda*, na sessão *Panorama*. Na charge abaixo, em primeiro plano e ao centro, está a alegoria da Estátua da Liberdade representando os Estados Unidos. Com a feição retesa, ostenta na mão direita a escritura do Plano Marshall e, na esquerda, erguida, um saco de dólares americanos ao invés da chama da liberdade. Ao seus pés, de joelhos e fazendo reverência aparecem as dezesseis alegorias referentes as nações que aceitaram o referido plano:

Figura 2 – “Sogar die voranschläge sin schon gekürzt!” (“Mesmo as propostas já foram cortadas!”)



Fonte: *Der Spiegel*, Hanover, n. 38, p. 0, 20 set. 1947.

²⁶⁷ *Der Spiegel*, Hanover, n. 39, p. 7-8, 27 set. 1947.

²⁶⁸ *Der Spiegel*, Hanover, n. 38, p. 7, 20 set. 1947.

Consciente, portanto, da sua dependência econômico-financeira, *Der Spiegel* divulgou na sessão *Ausland*, a reportagem intitulada, *Moskauer Rotkäppchen* (“Chapeuzinho Vermelho Soviética”) que reproduziu parte da crítica do escritor russo Ilya Ehrenburg às intenções de “fada madrinha” dos Estados Unidos por trás do Plano Marshall. De acordo com as palavras de Ehrenburg:

Se somos chamados em seus jornais de ‘os Vermelhos’, não somos a Chapeuzinho Vermelho. Na história de Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, o lobo vestiu a camisola da vovó. Ele sussurrou para a Chapeuzinho palavras doces. Mas a menina o reconheceu por sua terrível boca grande.²⁶⁹

Na reportagem, Ehrenburg critica ferozmente “a hipocrisia imperialista”²⁷⁰ estadunidense e anuncia que a União Soviética não pode aceitar as propostas da Ajuda Marshall, pois não é ingênua e consegue reconhecer as intenções por trás das palavras doces do “Lobo Mau”. Em contrapartida, na mesma sessão, a reportagem *Schonungslos offen* (Brutalmente franco), publicou as palavras do secretário americano Dean Acheson: “a política externa da Rússia é agressiva e expansionista”.²⁷¹ Cabendo, assim, aos Estados Unidos ceder “empréstimos e doações, somente aos países em que predominam os ideais democráticos”.²⁷²

Desta forma, na mesma sessão, em que a reportagem *Moskauer Rotkäppchen* denuncia o imperialismo estadunidense, a revista publicou, em contrapeso, a reportagem *Schonungslos offen* defendendo a política estadunidense.

Entre julho de 1947, lançamento do Plano Marshall, e junho de 1948, início do Bloqueio de Berlim, o semanário consolidou sua posição de apoio às políticas estadunidense para a Alemanha. O lançamento do Plano Marshall, responsável por dividir a Europa em duas áreas de influência, partiu a Alemanha. A partir da cisão derradeira o discurso ideológico maniqueísta do bem *versus* o mal ganha fôlego nas páginas da *Der Spiegel*. Segundo a sessão *Panorama*,

a maré vermelha cresce na Berlin bloqueada. [...] Os russos injetam, na zona leste, sua nova moeda. Incluindo Berlim, incluindo os setores ocidentais. Os aliados ocidentais declararam que esta influência nos seus

²⁶⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 5, 17 mai. 1947.

²⁷⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 5, 17 mai. 1947.

²⁷¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 5, 17 mai. 1947.

²⁷² **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 5, 17 mai. 1947.

setores é nula. Na Berlim Ocidental circula o novo Marco Alemão. O enlace com a Europa Ocidental está se transformando cada vez mais em linhas ideológicas. Correios e bens não podem passar. 'Este é o maior absurdo', comentou o jornal *New York Herald Tribune* - Berlim está [...] entre Washington e Moscou.²⁷³

Nos meses seguintes, o semanário veiculou, na mesma sessão, o discurso de uma União Soviética temível e escravista:

Segundo as estimativas das potências ocidentais a União Soviética mantém entre 8 a 14 milhões de pessoas, das quais quase dois milhões de alemães, em 'campos de trabalho escravo' [*Skavenarbeitslagern*]. Os 'meios desumanos' de trabalho forçado estão se espalhando cada vez mais no Oriente, advertiu o secretário de Estado britânico Mayhew. [...] Hoje, cerca de 20 a 30 mil trabalhadores alemães estão atrás de arame farpado na Zona Soviética.²⁷⁴

Ao mesmo tempo, na reportagem se verificava a construção da imagem de um Estados Unidos democrático, onde os trabalhadores eram livres e anticomunistas, portadores do direito de manifestação, de saírem às ruas e reivindicarem, quando insatisfeitos, melhores condições de trabalho e salários mais altos. A construção da imagem de uma União Soviética temível contrapõe-se à defesa de um Estados Unidos livre, democrático e justo, que "procura proporcionar o desenvolvimento de uma nova década feliz".²⁷⁵

Instituída a cisão derradeira entre um mundo Ocidental e outro Oriental, o grupo de pressão veiculou a construção de uma imagem democrática e pacificadora dos Estados Unidos. Na sessão *Panorama*, "a grande pergunta é, esclareceu Marshall, como os Estados Unidos pode ajudar todos os governos nacionais"?²⁷⁶

A importação de alimentos dos Estados Unidos para a Alemanha era fundamental. Em "primeiro de abril vai ser entregue ao alemão ocidental 100 gramas de gordura, 500 gramas de açúcar e 500 gramas de frutos secos".²⁷⁷ Neste sentido,

o plano é [...] gastar 16 a 20 milhões de dólares em 16 países europeus. A primeira parcela do período de quatro anos será de 7,5 bilhões de dólares. [Para a] Alemanha Ocidental estão previstos 300 milhões. [...] O auxílio será em forma de presente ou empréstimo.²⁷⁸

²⁷³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 26, p. 1, 26 jun. 1948.

²⁷⁴ **Der Spiegel**, Hanover, n. 8, p. 1, 19 fev. 1949.

²⁷⁵ **Der Spiegel**, Hanover, n. 2, p. 1, 10 jan. 1948.

²⁷⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 49, p. 2, 27 nov. 1949.

²⁷⁷ **Der Spiegel**, Hanover, n. 12, p. 1, 20 mar. 1948.

²⁷⁸ **Der Spiegel**, Hanover, n. 46, p. 7, 15 nov. 1947.

Desse modo, *Der Spiegel* espelhou o discurso estadunidense do pós-guerra ao reconhecer o Plano Marshall como “aquele gigantesco esforço de recuperação da Europa Ocidental”,²⁷⁹ ao divulgar o discurso ideológico de bipolarização do Globo associado ao avanço do espectro do comunismo e ao veicular a imagem de uma União Soviética temível.

Em suas páginas, veiculou o debate entre as potências vencedoras sobre o futuro da nação alemã. Divulgou positivamente as ações estadunidenses nas Conferências. Apoiou o discurso de George Marshall e apontou Molotov como o principal inimigo, fato que pode ser constatado na reportagem, *Die Türen schließen sich* (As portas se fecham), da sessão *Ausland*:

Com poucas palavras, ele [George Marshall] solicitou que as delegações acelerassem seu trabalho. Os quatro pontos principais da Conferência devem ser limitados: a questão da unidade econômica da Alemanha, a questão da produção industrial alemã, a questão das reparações e a questão do governo provisório da Alemanha. Marshall também não salvou seus colegas de acusações diretas. Seu primeiro golpe foi dirigido a Molotov. Ele acusou-o de tornar impossível chegar a um consenso.²⁸⁰

No mesmo fascículo, a reportagem intitulada *Made in Germany*, concordava com o posicionamento estadunidense em relação à necessária retomada da industrialização da Alemanha. Em oposição à União Soviética, que desejava transformar a Alemanha em um país agrário, *Der Spiegel* ajustou seu posicionamento ao dos Estados Unidos que apareceu como defensor da recuperação alemã.²⁸¹

Na mesma linha de argumentação, o fascículo seguinte assinalou a importância da presença dos dólares americanos, tanto na reconstrução das estruturas físicas quanto na importação de matérias primas, evidenciado na reportagem *Baumwolle in deutschen Fabriken* (Algodão nas fábricas alemãs).²⁸²

No entanto, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos foram reconhecidos nas páginas do semanário como guardião da reconstrução alemã, a dependência alemã da importação de alimentos americanos foi exposta. Na reportagem *Amerikas Weizen blüht* (Flores de trigo da América) os Estados Unidos aparecem como os exportadores da farinha de trigo necessária à sobrevivência da população

²⁷⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 11, p. 1, 13 mar. 1948.

²⁸⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 14, p. 7, 3 abr. 1947.

²⁸¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 14, p. 14, 3 abr. 1947.

²⁸² **Der Spiegel**, Hanover, n. 15, p. 14-5, 12 abr. 1947.

germânica. Segundo a matéria, os Estados Unidos “planejam uma oferta de 120.000 toneladas de farinha de trigo, ou a quantidade adequada à zona americana e britânica”.²⁸³

Nos anos pesquisados, o grupo de interesse editou e publicou múltiplas reportagens em apoio às políticas estadunidenses para a Alemanha ocupada. Assim sendo, veiculou seu apoio ao discurso estadunidense de recuperação do parque industrial alemão, revelando sua dependência econômica. Associando a ampla divulgação positiva das práticas políticas estadunidenses para a Alemanha Ocidental, o grupo de pressão construiu em suas páginas a imagem heroica do presidente Harry Truman e de seu secretário de estado, George Marshall.

O discurso do presidente Truman, no qual o futuro dos Estados Unidos dependia da recuperação alemã foi anunciado em *Der Spiegel*. Para Truman, “a Alemanha e o Japão são as grandes oficinas da Europa e da Ásia”²⁸⁴ e, por esse motivo, devem ser prioridade da política externa norte-americana.

A capa do quadragésimo terceiro fascículo de *Der Spiegel* estampou a imagem do presidente norte-americano com a legenda: o “repórter número um dos Estados Unidos”.²⁸⁵ A reportagem de capa narra a história do garoto Harry, um menino de interior que alcançou o posto de presidente dos Estados Unidos. Com palavras gentis faz referência a seu primeiro trabalho como vendedor em uma farmácia até a conquista do posto de senador pelo Missouri. “Antes desconhecido é hoje líder do mundo”. Apesar de sua rotina árdua Truman aprendeu que “a fórmula do sucesso é ser natural. Ele ama o seu trabalho. E ele não pede para rezar por ele. Ele trabalha duro. E metodicamente”.²⁸⁶

No mês seguinte, a campanha a favor do presidente Truman enquanto corajoso líder mundial seguiu com a reportagem da sessão *Ausland, Good Luck, Mr. Luckman* na qual, Charles Luckman, então presidente do grupo *Lever Brothers*, aponta algumas sugestões para superar o desafio de reunir o montante sugerido pelo presidente a ser enviado à Europa ainda no inverno de 1947. A imagem de Truman, enquanto defensor da democracia, continuava a ser editada em *Der Spiegel*. Na reportagem *Truman-Trubel* (Turbulência Truman), o espírito de combate

²⁸³ *Der Spiegel*, Hanover, n. 15, p. 14, 12 abr. 1947.

²⁸⁴ *Der Spiegel*, Hanover, n. 21, p. 8, 24 mai. 1947.

²⁸⁵ *Der Spiegel*, Hanover, n. 43, capa, 25 out. 1947.

²⁸⁶ *Der Spiegel*, Hanover, n. 43, p. 8-10, 25 out. 1947.

do presidente foi glorificado. Apesar de ter muitos opositores, o presidente, eleito democraticamente, foi descrito como herói internacional.²⁸⁷

Em novembro de 1948, o presidente dos Estados Unidos emprestou seu rosto para a reportagem do quadragésimo quinto fascículo de *Der Spiegel* intitulada *Sei ein guter Junge, Harry* (Seja um bom garoto, Harry)²⁸⁸ na qual aparece saudando a vitória do “homem de aço” norte-americano em sua reeleição à Casa Branca. Outra vez o magazine descreveu sua história de vida, seus percalços, seus opositores e seus defensores.

Pode-se constatar que, nos dois primeiros anos de publicação de *Der Spiegel*, a incidência de reportagens que reproduziam as falas do presidente estadunidense Harry Truman e de George Marshall foi elevada. A partir do início de 1949, se verifica certa diminuição na divulgação tanto de reportagens sobre os líderes norte-americanos, quanto o enfraquecimento da publicação de reportagens de apoio ao Plano Marshall. Desta forma é possível afirmar que *Der Spiegel* considerou consolidada sua posição de afirmação das políticas estadunidenses para a Alemanha Ocidental e as reportagens se voltaram aos problemas internos do país dividido.

Ao mesmo tempo em que a revista veiculou seu apoio aos líderes estadunidenses, a construção da imagem dos líderes soviéticos, do general Stalin e Molotov tomou forma nas páginas do semanário. Em fevereiro de 1947, a reportagem *Kandidat Nr. 1* (Candidato número 1) narrou a ineficiência do governo soviético e o caráter desumano de seu representante máximo: Stalin.

Ainda no mês de fevereiro, a reportagem *Kolonisation - diesmal russisch* (Colonização - desta vez russa) publicada na sessão *Ausland*, revelou o caos social na zona ocupada pelo exército soviético, colocando em evidência a organização da vida sob a égide do regime comunista. Narrou, também, os processos eleitorais das fazendas coletivas e a vida dos trabalhadores. Assinalou a falta de perspectiva da população e provocou ao revelar os assustadores números de suicídios na região ocupada:

Não há muitos alemães no novo território russo. Uma grande parte da população perdeu a vida nos pesados combates. O número de suicídios, que tomou proporções assustadoras nos primeiros meses após o colapso, é

²⁸⁷ *Der Spiegel*, Hanover, n. 28, p. 12, 10 jul. 1948.

²⁸⁸ *Der Spiegel*, Hanover, n. 45, capa, 6 nov. 1948.

ainda considerável. Os números de *Konigsberg* são chocantes. Trezentos e oitenta mil moradores foram contados durante a guerra. Na primavera de 1946 havia somente cinquenta mil e, em julho de 1946, esse número caiu para 22 000.²⁸⁹

A imagem do medo coletivo das populações sob a égide do exército vermelho foi afirmada. O discurso estadunidense maniqueísta revelou, na reportagem da sessão *Ausland*, intitulada *Uebungen in der Dialektik* (Exercícios na dialética), a imagem da União Soviética como a vilã da Conferência de Moscou para a paz: “ninguém foi tão ingênuo em esperar, a partir desta conferência, um tratado de paz definitivo para a Alemanha”.²⁹⁰ Apesar dos representantes das quatro potências diagnosticarem a necessidade de ajuda imediata para os países europeus, a União Soviética procurou boicotar a paz. Por sua vez, o representante estadunidense, George Marshall, foi descrito pela reportagem como o “super homem” (*der starke Mann*) do encontro em Moscou, ao identificar a necessidade de uma ação efetiva da Conferência: “o paciente torna-se cada vez mais fraco, enquanto os médicos recomendam”.²⁹¹

No fascículo seguinte, o grupo de pressão retificou, com humor, a posição da União Soviética enquanto “boicotador” da Conferência de Moscou. A charge escolhida do Jornal *Daily Mail* e publicada na sessão *Panorama*, identifica no título o papel da União Soviética no jogo de futebol a qual a charge faz referência: *Kein Wunder, daß Del Ball platzte* (“Não é a toa, que a bola estourou”). Na charge que segue, se observa ao centro uma bola de futebol em disputa por quatro chuteiras. A bola traz a inscrição *Moskau Konferenz* (Conferência de Moscou) representando a Conferência. Ao seu redor, aparecem quatro chuteiras, cada uma carrega a inscrição, na faixa que cobre o início da chuteira, como alegoria do país que representa. A chuteira que está na parte superior direita carrega a inscrição *Russland* (Rússia); a da inferior direita carrega *Frankreich* (França); a da parte superior esquerda *England* (Inglaterra); e, a da parte inferior esquerda, a inscrição *U.S.A* (Estados Unidos). Na disputa pela bola a chuteira com a inscrição *Russland* tem suas garras em forma de espinhos, com o objetivo de furar a bola enquanto as outras três chuteiras entram “limpas” na disputa.

²⁸⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 8, p. 12, 22 fev. 1947.

²⁹⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 18, p. 7, 3 mai. 1947.

²⁹¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 18, p. 7, 3 mai. 1947.

Figura 3 – *Kein Wunder, daß Del Ball platzte.* (“Não é a toa, que a bola estourou”).



Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 29, p. 0, 10 mai. 1947.

Diante do que foi anteriormente exposto, pode-se afirmar que *Der Spiegel* veiculou reportagens de apoio às políticas dos Estados Unidos para a Alemanha. No acirramento da disputa ideológica ao longo de 1947, anunciou sua inserção na esfera estadunidense e divulgou o discurso do avanço do comunismo em todas as áreas do Globo. Confeccionou a imagem positiva de seus líderes, Harry Truman e George Marshall em detrimento de Iosif Stalin e seu ministro das relações exteriores, Molotov. A partir de 1949, *Der Spiegel* reposicionou seu olhar. Consolidada sua posição de apoio aos Estados Unidos, as reportagens referentes ao Plano Marshall e aos líderes americanos cederam lugar às disputas internas de poder em uma Alemanha dividida em duas zonas. Os desafios políticos ganharam as páginas do periódico. Neste período, a Alemanha bi-zonal é o principal palco das disputas nucleares.

Na edição de fevereiro, a revista divulgou, na sessão *Deutschland*, a nova política mundial da “trincheira-Oeste-Leste”.²⁹² De um lado da trincheira, rasgada durante o bloqueio de Berlim, a Alemanha Oriental economicamente arrasada e politicamente subordinada a Moscou. Do outro, a Alemanha Ocidental, economicamente dependente e politicamente orientada por Washington.

Em julho de 1949, a reportagem *Die vierte Runde* (A quarta rodada), revelou o franco desenvolvimento da zona Ocidental. Na reportagem, graças aos novos

²⁹² **Der Spiegel**, Hanover, n. 15, p. 1, 9 abr. 1949.

mercados abertos por meio do bem-sucedido Plano Marshall, os Estados Unidos continuaram a dar suporte às economias europeias. Como uma via de mão dupla, a dependência econômica do velho ao novo mundo foi exposta no periódico. De acordo com a matéria, a saúde das economias dependiam diretamente do sucesso da economia americana, pois as complicações econômicas e políticas de um reverberaram diretamente no outro.²⁹³

A partir do ano de 1949, a reestruturação do parque industrial da zona Ocidental alemã garantiu tanto a exportação de bens de consumo aos Estados Unidos, quanto o suprimento do mercado interno por bens nacionais. A reportagem, publicada na sessão *Panorama*, intitulada *Symptome* (Sintomas), anunciou que qualquer recessão nos Estados Unidos seria a responsável por criar dificuldades aos exportadores alemães, engatilhando, assim, o abalo “da própria estrutura do plano de reconstrução da Europa”.²⁹⁴ Em outras palavras, o semanário procurou veicular a ideia de que a economia da Alemanha dependia diretamente dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos dependiam da recuperação da Europa.

Com a transferência de dólares do Plano Marshall, a indústria nacional alemã em 1949, apresentou índices de produção impressionantes. De acordo com a reportagem *Nur das Geld Fehlt* (Falta apenas o dinheiro), publicada na sessão *Deutschland*, “o setor de móveis foi reerguido e apresentou níveis de produção significativos”.²⁹⁵

Em 1949, portanto, não era mais preciso valorizar a ajuda estadunidense, os frutos já estavam sendo colhidos. Os desafios políticos em reorganizar a nação dividida ganharam as páginas do periódico. O discurso maniqueísta recebeu novas tintas: a crescente ameaça nuclear soviética. As matérias publicadas em *Der Spiegel* veicularam a imagem de uma nação em alerta.

A reportagem intitulada *Stop Stalin-Strategie* (Parem, a estratégia Stalin) denunciou o cessar do diálogo entre Washington e Moscou. Segundo o secretário de estado americano Dean Acheson, “nenhum novo diálogo será aberto com o Kremlin, enquanto a força centrípeta aumenta a cada dia, mais e mais”.²⁹⁶

A imagem de uma União Soviética ameaçando a Alemanha Ocidental e toda a Europa foi anunciada na capa. A matéria intitulada *Atom* (Atômico) assinalou o

²⁹³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 28, p. 24, 7 jul. 1949.

²⁹⁴ **Der Spiegel**, Hanover, n. 32, p. 3, 4 ago. 1949.

²⁹⁵ **Der Spiegel**, Hanover, n. 27, p. 25, 30 jun. 1949.

²⁹⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 53, p. 19, 29 dez. 1949.

desenvolvimento de testes atômicos por Moscou, desde maio de 1948, quando “os russos tentaram obter sua primeira bomba atômica, que foi lançada sobre a península da *Wanghyschlak* do Mar Cáspio”.²⁹⁷

Na charge abaixo escolhida do jornal *La Baitalle*, de Paris, *Der Spiegel* assinalou, com humor, a situação da ofensiva atômica entre Estados Unidos e União Soviética:

Figura 4 – “*Nun laß uns plaudern Harry!*” (Agora vamos conversar Harry!)



Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 43, p. 14, 20 out. 1949.

Em fevereiro de 1950, a reportagem *Töten jetzt billiger* (Matar agora mais barato) publicou que a qualquer instante o Kremlin podia coordenar um ataque às cidades europeias: “em Washington todos já sabem que os russos agora têm a bomba”.²⁹⁸

Nos meses seguintes, *Der Spiegel* publicou uma série de reportagens sobre a bomba atômica em tom alarmista. A sensação de um desastre nuclear era iminente. Segundo a reportagem *Aus jedem Leitungshahn* (Em todas as torneiras), os principais cientistas nucleares dos Estados Unidos “alertaram que depois da explosão os ventos podem transportar poeira radioativa ao redor do globo. [...] Cobrindo com partículas de radiação os continentes, envenenando a atmosfera, isso seria o fim de todos os seres vivos”.²⁹⁹ Sob a ameaça de atentados atômicos, *Der Spiegel* apoiou o discurso estadunidense do avanço da “força centrípeta” soviética.

²⁹⁷ **Der Spiegel**, Hanover, n. 42, p. 19, 13 out. 1949.

²⁹⁸ **Der Spiegel**, Hanover, n. 5, p. 14, 2 fev. 1950.

²⁹⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 14, p. 38-9, 6 abr. 1950.

Ainda no final de 1950, com a posse do segredo atômico, Washington e Moscou instituíram um frágil equilíbrio de poder, no qual era preciso tanto convencer o inimigo de que se estava disposto a lançar uma bomba quanto lutar pela paz. A revista editou e publicou entre 1950 e 1952 o frágil equilíbrio internacional.

A reportagem *Wie stark ist Russland?* (Quão forte é a Rússia?) assinalava o tom das edições dos próximos dois anos. Ao longo das seis páginas da reportagem, *Der Spiegel* divulgou o quadro político mundial reproduzindo as palavras da revista estadunidense *Time*. Foi referenciada como “o periódico mais lido no mundo e que representa o pensamento americano”. A reportagem reconheceu que os Estados Unidos e a União Soviética estavam em Guerra e o fortalecimento da América dependia diretamente dos movimentos União Soviética:

A Rússia tem 65 milhões de habitantes com menos de 15 anos que em breve serão capazes de portar armas ou trabalharem na indústria e na agricultura. Os Estados Unidos possuem apenas 40 milhões. Os russos sempre foram e ainda são excelentes combatentes. O número total de aeronaves operacionais é estimado em 14 mil máquinas, principalmente caças e bombardeiros leves. Os últimos dois anos sugerem que a Rússia se esforça para se tornar uma das principais potências marítimas. A União Soviética atual pode garantir uma vitória vermelha na primeira fase de uma futura guerra. [...] e dominar metade da esfera global.³⁰⁰

Por meio da análise das reportagens verificou-se, assim, a posição de apoio do grupo de pressão às políticas estadunidenses também nos anos 1950.

Por sua vez, esta posição aparece vinculada à divulgação do modo de vida americano no semanário. Ao lado das matérias sobre a boa política dos Estados Unidos, o *way of life* preencheu as páginas da revista. Juntos, a democracia de mercado e os padrões de beleza e comportamento estadunidenses foram apregoados. A era do *Amerikanische Tempo*, ou seja, a vida na velocidade americana anunciou a despedida da era de penúrias e proclamou a chegada do bem-estar representado nas telas e nos produtos estadunidenses.³⁰¹

Entre janeiro de 1947 e dezembro de 1952, *Der Spiegel* publicou o vigoroso receituário de beleza das atrizes de Hollywood e sua adoção pelas mulheres estadunidenses. Neste clima de otimismo, a sessão *Mode* (Moda), dedicada à moda e comportamento, entrelaçada à sessão *Film* (Filme), dedicada as notícias sobre a

³⁰⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 52, p. 3-8, 25 dez. 1950.

³⁰¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 38, p. 7, 20 set. 1947.

vida das estrelas de cinema e aos lançamentos cinematográficos, divulgaram as tendências da moda e beleza mundial como ressonância das telas de Hollywood.

O semanário anunciou a mulher estadunidense como padrão de beleza: das atrizes de Hollywood às donas de casa. A reportagem *Frau nach Maß* (mulher sob medida) publicou imagens da Miss Los Angeles 1947 e da atriz hollywoodiana Cyd Charisse como modelos de beleza a serem reproduzidos por todas as mulheres do mundo.³⁰²

A sessão *Mode* (moda) noticiou o fim das restrições dos tempos de guerra. Com o retorno dos soldados aos lares, as mulheres poderiam abandonar seus postos de trabalho, retomando a sofisticação e o glamour femininos deixados de lado. A reportagem intitulada *Mehr hübsch als praktisch* (Mais bonita do que prática), citando a revista estadunidense *Weekend*, apelou às leitoras: “se você desejar estar na moda, se você quiser parecer antenada em 1947, então deve esquecer a praticidade e concentrar-se em ficar linda. A revista americana *Weekend* publicou esse conselho a suas leitoras”.³⁰³ Citando o semanário estadunidense, *Der Spiegel* anunciou um novo tempo de abundância e sofisticação marcado pela despedida da jornada de trabalho feminina e o retorno aos cuidados femininos “sem restrições”. A “moda americana, símbolo de prosperidade, provocou a troca dos confortáveis sapatos de solas grossas por saltos finos, o retorno do corte de princesa (*Priceßmode*) e das saias plissadas, a valorização dos vestidos de noite mais luxuosos, de seda, tules, renda e brocados”.³⁰⁴

Neste novo tempo, os penteados das estrelas de Hollywood não ficariam mais restritos às telas de cinema, de acordo com as instruções publicadas na reportagem fotográfica *Alle für die Dämmen* (Tudo para as mulheres). As mulheres alemãs poderiam copiar os luxuosos penteados das estrelas.³⁰⁵ O esforço de ensinar as mulheres o modelo de beleza e comportamento das estrelas de Hollywood foi publicado na reportagem intitulada *Nach dem Kommando* (Sob o comando):

Na Escola de Caroline Leonetti em Hollywood, a diretora de moda e comportamento ensina as mulheres americanas a contornar suas sobrancelhas e aplicar em seus lábios o batom vermelho. Depois do curso,

³⁰² **Der Spiegel**, Hanover, n. 28, p. 11, 12 jul. 1947.

³⁰³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 18, p. 19, 03 mai. 1947.

³⁰⁴ **Der Spiegel**, Hanover, n. 18, p. 19, 03 mai. 1947.

³⁰⁵ **Der Spiegel**, Hanover, n. 30, p. 21, 26 jul. 1947.

cada aluna está apta a maquiar-se, escolher belas roupas e, seduzir todos os homens.³⁰⁶

De acordo com a reportagem, Hollywood foi assinalada como modelo de beleza e comportamento.

Na mesma linha, *Der Spiegel* anunciou a suas leitoras ávidas de modernidade, na reportagem de capa *Absatz-Markt* (Mercado de sapatos), que a sandália usada pelas estrelas de Hollywood seria, finalmente, produzida em solo alemão: “o modelo de sandália, com salto alto e alças cruzadas na parte dianteira e enroladas ao redor do tornozelo, de cores vibrantes como o verde ácido, vermelho e azul-violeta já começou a ser produzida”, e, em breve, “as consumidoras alemãs poderiam adquirir este ícone de beleza e sofisticação”. Graças “a ampla comercialização dos produtos estadunidenses na Alemanha”.³⁰⁷

Acompanhando a divulgação de modernos produtos, os anúncios publicitários completaram as páginas do periódico. A seu consumidor foi ofertado a entrada na vida “moderna” das comidas enlatadas e da possibilidade de usar a mesma pasta de dente que milhões de pessoas nos Estados Unidos.³⁰⁸

Desta forma, associado à imagem do modo de vida americano, as peças publicitárias responsáveis por anunciar os bens de consumo da América, foram veiculadas. Para Rob Kroes, a imagem do *Malboro Country* e o do *Malboro Man* americanizaram os anseios europeus. A paisagem ocidental de um pôr do sol refletido em formações rochosas brilhando tom avermelhado, cavalos se refrescando em um córrego de água e, ao seu lado, *cowboys* descansando depois de um dia de trabalho, oferecia aos europeus um espaço para a fantasia e fuga.³⁰⁹

Nas páginas de *Der Spiegel*, os anúncios de cigarros foram veiculados ao longo dos anos pesquisados por este trabalho e, acompanhando a melhora da diagramação do periódico, foram anunciados em página inteira. Como se observa no anúncio dos cigarros TEXAS,³¹⁰ ou da marca FOX, que anunciou que “todos preferem o ritmo de vida feliz da América: o *Amerikas Tempo* (tempo americano)”.³¹¹

³⁰⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 50, p. 0, 12 dez. 1947.

³⁰⁷ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 22, 15 mai. 1948.

³⁰⁸ **Der Spiegel**, Hanover, n. 31, p. 13, 28 jul. 1949.

³⁰⁹ KROES, Rob. “Imaginary Americas in Europe’s Public Space.” In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and anti-Americanism: the German encounter with American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005. p. 349.

³¹⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 15, p. 11, 13 abr. 1950.

³¹¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 12, p. 7, 9 abr. 1949.

Talvez, a veiculação de peças publicitárias ao longo dos anos possa ter somado na construção de uma imagem positiva dos Estados Unidos.

A reportagem *Indiskretionen aus Hollywood* (Indiscrições de Hollywood), ao mesmo tempo em que reconheceu as estrelas e astros de Hollywood como modelos mundiais de beleza, revelou também algumas de suas pequenas imperfeições camufladas pela indústria da beleza. Entre as estrelas e astros estavam: Bette Davies, Marlene Dietrich, Lana Turner, Ingrid Bergman e Joan Crawford e, entre os astros, Clark Gable, Fred Astaire e Bing Crosby. Aos leitores, anunciou os truques e as novas tecnologias utilizados nos bastidores da produção cinematográfica. Apesar de “as pernas torneadas de Marlene Dietrich estarem entre as coisas mais perfeitas deste mundo, havia dúzias de atrizes que, neste quesito, tinham menos sorte”. Como saída, os repórteres procuravam ângulos mais discretos em frente às câmeras, a exemplo de Bette Davies que alegou “ter o *sex appeal* de um pelicano” dependendo do ângulo em que se posicionava. Já, a atriz Lana Turner “alterou a cor do cabelo, para conseguir seu primeiro papel no cinema e adotou vestidos decotados que a conduziram ao posto de estrela mais fotografada nos Estados Unidos.” Para Ingrid Bergman, foi “a colocação de cílios postiços que lhe garantiu o título de atriz mais popular do mundo”.

A mesma reportagem relatava, ainda, o uso de perucas como o principal truque utilizado pelas estrelas: “muitas atrizes usam perucas não para esconder o tom natural de seus cabelos, mas para entrar em sintonia com o estilo da personagem interpretada”. Joan Crawford revelou que sempre usou perucas em seus filmes e que recorreu dentro e fora dos estúdios para não correr o risco de ser descoberta, assumiu ainda que possuía mais de 25 modelos de perucas. Entre os astros, Fred Astaire e Bing Crosby assumiram que recorreram a perucas em seus filmes para esconder a sua perda de cabelo. Por sua vez, Clark Glabe, além de assumir o uso de peruca, comentou que já “sorriu com dentes falsos”, e que sempre procurou o melhor ângulo para disfarçar suas orelhas de abano.

Por fim, a reportagem afirmou que “muitas vezes eram as imperfeições dos astros e estrelas do cinema que os tornavam perfeitos”.³¹² A imagem de perfeição se escondia nos bastidores dos estúdios de Hollywood, mas uma vez desvendados

³¹² **Der Spiegel**, Hanover, n. 3, p. 19, 18 jan. 1947.

podiam ser utilizados por todos os leitores e leitoras de *Der Spiegel*. Era esse o papel que o magazine se propunha a perseguir.

Na reportagem intitulada *Für Lana* (Para Lana) a beleza e o frisson que Lana Turner causava por onde passa foi anunciado:

Ela vem, ela não vem, em contagem regressivamente os soldados americanos (*GIs*) na Alemanha. Até que finalmente ela chegou: Lana Turner, a estrela loira de Hollywood, deusa de todas as meninas entre o Pacífico e o Atlântico, a *pin-up* dos soldados entre Tóquio e Munique.³¹³

Na capa, a estrela hollywoodiana Lana Turner foi anunciada como modelo de beleza para as mulheres alemãs e símbolo de desejo masculino.

As estrelas de Hollywood foram reconhecidas como padrão de beleza. A reportagem *25 Oscars wurden verteilt* (25 Oscars foram entregues) reconheceu a cerimônia como “a premiação mais importante da indústria cinematográfica mundial”. A reportagem narra a sua trajetória:

Desde 1928, desde a introdução do filme sonoro, Hollywood conhece a distribuição de prêmios da academia. São 25 as estátuas: melhor atriz, melhor ator, melhor ator coadjuvante, melhor filme, melhor produção, melhor fotografia, melhor música, melhor filme original, e assim por diante. [...] Não há segundo lugar, nem menção honrosa.³¹⁴

Na sequência, a reportagem anunciava o reconhecimento da cerimônia pelo cinema britânico que no ano de 1947 “teve que se contentar com três Oscars: Lawrence Olivier foi premiado por seu trabalho como diretor no filme a cores de Shakespeare, *Henrique V.* [...] Os outros dois foram para Murel e Sydney Box com o roteiro de *The Seventh Veil* e Clemens Dane melhor roteiro com o filme *Brief Encounter*”.³¹⁵

Nas páginas de *Der Spiegel* Hollywood foi anunciada como centro produtor cinematográfico, responsável pelos “grandes filmes”.³¹⁶ O magazine seguiu com a publicação de inúmeras reportagens sobre os lançamentos da cidade das estrelas que afiançou a imagem positiva dos estúdios de Hollywood, enquanto seus astros e suas estrelas foram reconhecidos como modelo de beleza mundial.

³¹³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 28, p. 28, 10 jul. 1948.

³¹⁴ **Der Spiegel**, Hanover, n. 12, p. 20, 22 mar. 1947.

³¹⁵ **Der Spiegel**, Hanover, n. 12, p. 20, 22 mar. 1947.

³¹⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 2, p. 19, 10 jan. 1947.

A reportagem intitulada *Iphigenie im 19. Jahrhundert* (Ifigênia no século XIX) da sessão *Film* anunciou a estreia do filme estadunidense *Anna und der König von Siam*, “ao mesmo tempo em Nova York, Paris e Berlin”.³¹⁷ A reportagem evidencia o esforço da revista em inserir Berlin no roteiro dos filmes dos estúdios de Hollywood. Nessa linha de divulgação, *Der Spiegel* publicou a imagem positiva do presidente Truman na sessão *Film* acompanhando o posicionamento do grupo de pressão na construção da imagem positiva do presidente Truman. Publicou, também, a reportagem *Saure Drops, Mr. Truman* (Gotas de ácido, Sr. Truman) uma análise sobre o filme lançado em Nova York, intitulado *Anfang oder Ende*, rodado pela Paramount e Metro-Goldwyn-Mayer. A reportagem narrava a história do filme que misturava realidade histórica e ficção. No filme, os Estados Unidos são forçados a investir em programas nucleares na busca de se equipararem à Alemanha nazista: “enquanto isso, na Europa, a guerra estourou e cientistas alemães trabalham febrilmente em pesquisas sobre a questão nuclear”.³¹⁸

Na sequência, a reportagem anunciava que o presidente Roosevelt “hesita, por um momento, levar a América a produzir armas nucleares”, mas em defesa do bem estar da humanidade autorizou as pesquisas. “Enquanto isso, nos bastidores, ganhava destaque o esforço de Truman em descobrir os detalhes sobre o programa atômico”.³¹⁹

Cabe salientar que *Der Spiegel* identificou a propaganda estadunidense por trás de suas produções. Como se verifica na reportagem intitulada *Streikposten am Eisernen Vorhang* (Piquete na Cortina de Ferro):

Centenas de pessoas foram atraídas para o Madison Square Garden, a poucos quarteirões de distância do Cinema Roxy na 50 Street, em protesto contra a estréia do filme *Der Eisernen Vorhang* (A Cortina de Ferro). [...] Os manifestantes carregavam cartazes de inspiração comunista: ‘Não compre ingressos para a Guerra’.³²⁰

De acordo com a reportagem o filme tratava “sobre o círculo secreto dos diplomatas soviéticos e sua relação com as organizações comunistas locais,” e contava a história de “Igor Gouzenko, que inserido nesse anel de ferro, tenta fugir com sua jovem esposa.” O filme reconhecido pelo semanário como “parte da

³¹⁷ *Der Spiegel*, Hanover, n. 28, p. 26, 12 jul. 1947.

³¹⁸ *Der Spiegel*, Hanover, n. 10, p. 21, 08 mar. 1947.

³¹⁹ *Der Spiegel*, Hanover, n. 10, p. 21, 08 mar. 1947.

³²⁰ *Der Spiegel*, Hanover, n. 21, p. 27-8, 22 mai. 1948.

campanha anticomunista de Hollywood, lançada simultaneamente em 400 cinemas [é descrito] em apenas uma palavra: ‘melodrama tendencioso’”.

Na mesma sessão, a reportagem seguinte intitulada *Filme vom Fließband* (Filmes na Linha de montagem) colocou o leitor diante de Hollywood e procurou explicar o funcionamento dos sets de filmagens, descortinando, assim, toda a linha de montagem por trás de uma produção cinematográfica: “O nascimento de um filme precisa de nove meses, esclareceu Sidney Box”, então diretor de Hollywood. O set é organizado de acordo com as cenas descritas no roteiro. Em cada cena são necessárias “cinco câmeras e gravadores de som, cada conjunto está em uma parte específica do cenário e se sobrepõe,” cobrindo assim toda a cena. Se “os atores precisam ir durante uma cena de uma sala para outra, duas câmeras são ligadas para o momento de ação. Então, uma substitui a outra”. Entretanto, antes das gravações começarem os atores faziam provas de set, a fim de que as câmeras estivessem posicionadas corretamente na hora de gravar as cenas. Deste modo “as câmeras estão à espera dos atores e não vice-versa”.³²¹

Apesar da aclamação, a reportagem *Filmindustrie* (Indústria cinematográfica) procurou sinalizar a invasão das produções internacionais sob as produções cinematográficas nacionais em 1950. Neste ano, segundo a reportagem a “produção da indústria nacional era inferior a 30 filmes e o mercado de cinema da Alemanha Ocidental já estava inteiramente nas mãos de produtores estrangeiros e dos distribuidores”:

No ano passado, a Alemanha Ocidental passou 300 filmes estrangeiros, 45% por cento de todos os filmes exibidos foram importados, e apenas 7% foram novas produções nacionais. [...] A previsão para 1950 é de quase 500 filmes estrangeiros. Assim, conclui a reportagem que as oportunidades para a produção de novos filmes alemães está encolhendo.³²²

Ao mesmo tempo em que *Der Spiegel* alertou para a invasão das produções cinematográficas na Alemanha, a reportagem intitulada *Hollywood*, foi reconhecida como uma “civilização do negócio”, onde os lucros das produções eram tão importantes quanto a beleza e o talento de suas estrelas.³²³

Desta forma, por meio da análise das reportagens publicadas em *Der Spiegel*, é possível inferir que a posição pró-americana defendida pelo grupo de pressão

³²¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 21, p. 28, 22 mai. 1948.

³²² **Der Spiegel**, Hanover, n. 8, p. 30, 23 fev. 1950.

³²³ **Der Spiegel**, Hanover, n. 47, p. 35-7, 22 nov. 1950.

responsável pela edição e publicação do periódico esteve vinculada à divulgação do modo de vida americano. Ao lado das matérias sobre a boa política dos Estados Unidos, Hollywood foi reconhecida como a produtora mundial do modelo de beleza a ser perseguido pela sociedade alemã.

O semanário, ao reproduzir o discurso estadunidense de um suposto avanço dos ideais comunistas na Alemanha, procurou justificar o recebimento da Ajuda Marshall para a sua reconstrução. Ao noticiar a disputa entre as potências de ocupação, divulgou positivamente as ações estadunidenses. Para Michael Walla e Thomas Schwartz, o impacto do Plano Marshall na Alemanha foi acima de tudo psicológico. No final da arremessa de “ajuda”, o Plano deu a eles a chance de retomar a responsabilidade sobre o seu próprio futuro e os tornou membros da comunidade de nações novamente.³²⁴

Contudo, ao reconhecer a liderança de Harry Truman e George Marshall tanto nas reportagens, quanto nas telas de Hollywood, não deixou de expor os interesses estadunidenses por trás da recuperação econômica alemã, bem como, a propaganda estadunidense divulgada nos filmes de hollywoodianos.

Uma vez exposto o posicionamento pró-americano de *Der Spiegel* e *O Cruzeiro*, busca-se o desenvolvimento de uma abordagem comparativa visando compreender as origens do comportamento e posicionamento comum dos grupos de pressão responsáveis pelo magazine alemão e o brasileiro.

³²⁴ WALLA, Michael. “The Marshall Plan ante the Origins of the Cold War”. In: DETLEF, Junker (Ed.). **The United States and Germany in the Era of Cold War, 1945-1990**. A Handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.77; SCHWARTZ, Thomas A. “No harder enterprise: Politics and Policies in the German-American Relationship, 1945-1968”. In: DETLEF, Junker (Ed.), 2004. p. 31.

4 CONGRUÊNCIAS NAS REVISTAS ILUSTRADAS

4.1 O CRUZEIRO E DER SPIEGEL GÊNESE HISTÓRICA

Em maio de 1948, *O Cruzeiro* atingiu a publicação de 205.000 exemplares. De acordo com o diretor de redação Accioly Netto, considerando a leitura de cada exemplar por cinco pessoas o periódico teria, na época, a maior circulação do país. No mesmo mês, *Der Spiegel* atingiu a tiragem de 65.000 exemplares, segundo seu editor-chefe, Rudolf Augstein, estimando-se que cada exemplar tenha sido lido por 7,5 pessoas, a revista também alcançaria a máxima representação nacional alemã.³²⁵

O Cruzeiro visava, primordialmente, ao entretenimento de seu leitor-consumidor. Priorizou, assim, a publicação de fotorreportagens capazes de articular textos inéditos a imagens de qualidade. Ao mesmo tempo, publicou anúncios de bens de consumo, relegando, portanto, a segundo plano, o jornalismo de ideias e opiniões.

Por sua vez, *Der Spiegel* trouxe para a sociedade alemã o debate de temas importantes à reorganização da “jovem democracia”. Procurou suprir uma sociedade interessada primeiro em informação e, depois, em entretenimento. Defendeu os interesses de seus leitores, menos por meio de assuntos referentes à arte e mais por assuntos internos da Alemanha e de política internacional.³²⁶

Com efeito, ambos os semanários procuraram identificar e suprir os desejos dos seus leitores. As duas revistas buscaram conquistar certa autonomia frente aos editores-chefes e partidos políticos. Apesar desta busca, o sucesso dos semanários permaneceu atrelado ao cenário econômico e político-jornalístico no qual se inseriam e ao qual pretendiam servir.

Desse modo, esquadrihar o jogo de relações em que tais revistas estiveram envolvidas é impreterível ao trabalho histórico, na medida em que toda publicação jornalística responde aos estímulos de uma sociedade.

³²⁵ As estimativas de circulação, averiguadas nos capítulos anteriores, foram divulgadas pelos próprios semanários interessados em analisar seu alcance no seio da sociedade.

³²⁶ De acordo com a pesquisa de opinião realizada pelo magazine alemão com seus leitores em maio de 1948, as reportagens sobre arte eram as que menos interessavam. Em: **Der Spiegel**, Hannover, n. 22, p. 17, 29 mai. 1948.

Nos anos pesquisados, os semanários desfrutaram de um cenário econômico com indicativos de prosperidade. No Brasil, *O Cruzeiro* acompanhou o compasso da balança comercial favorável que, devido a divisas acumuladas nos anos de guerra, despertou investimento em parques industriais, ao mesmo tempo em que uma política permissiva a investimentos estrangeiros promoveu um sensível aumento no volume de anunciantes. Em clima de otimismo, o periódico publicou, lado a lado, reportagens sobre a construção de estradas de rodagem e anúncios de carros *Chevrolet*. As novas geladeiras *Frigideire* e as bateadeiras *Arno* foram anunciadas sob medida para os novos apartamentos erguidos no centro da cidade. *O Cruzeiro* acompanhou o surgimento de novas necessidades da sociedade brasileira. Em suas páginas, antigos itens de luxo tornaram-se padrão desejado, anunciado como ao alcance de todos. Segundo Hobsbawm:

Que mais em termos materiais, podia a humanidade querer, a não ser estender os benefícios já desfrutados pelos povos favorecidos de alguns países aos infelizes habitantes de outras partes do mundo, reconhecidamente ainda a maioria da humanidade, que não haviam entrado no ‘desenvolvimento’ e na ‘modernização’?³²⁷

Na Alemanha Ocidental, *Der Spiegel* acompanhou a chegada dos empréstimos viabilizados pelo Plano Marshall. A recuperação da economia alemã anunciada nas reportagens foi afirmada no processo de crescimento dos anúncios publicitários. No seu primeiro ano, os anúncios quase não existiam. No ano seguinte, foram anunciados alguns produtos, a grande maioria nacional: farmácia e drogaria *FWB*, creme infantil *Diaderma*, vinho *Dujardin Uerdingen RH*, e conservante para frutas e pepinos *Runfn*.³²⁸ O padrão de anúncios variados foi mantido nos anos seguintes. Contudo, é preciso ressaltar as limitações da recuperação alemã nos primeiros meses do Plano Marshall. Em junho de 1948, em carta à *Der Spiegel*, um leitor escreveu que a revista “não deveria trazer tantos anúncios onde, na verdade, não existe nada para comprar”.³²⁹

Em 1949, os anúncios publicitários ganharam mais espaço. Surgiram as peças de página inteira que, em geral, anunciavam produtos estrangeiros, como os

³²⁷ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 263.

³²⁸ **Der Spiegel**, Hanover, p. 14, n. 23, 05 jun. 1948.

³²⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 1, p. 16, 22 mai. 1948.

cigarros estadunidenses *Texas*³³⁰ e *Fox*.³³¹ Nos anos seguintes, a média de páginas se manteve, mas produtos importados ocuparam maior espaço. *Der Spiegel* desfrutou, assim, de um ambiente econômico em recuperação, via Plano Marshall e, ao mesmo tempo, foi receptiva aos anunciantes estadunidenses.

Em relação ao cenário jornalístico, *O Cruzeiro* desfrutou de um ambiente livre de censura. Seus repórteres e jornalistas gozavam de liberdade de pauta, editavam matérias internacionais e tinham permissão para viajar por todo o Brasil em busca de notícias espetaculares. Livre de censura e usufruindo de um cenário político democrático, *O Cruzeiro* estampou ora reportagens em consonância com a administração do presidente Dutra, ora criticando suas políticas de governo.

Em um trecho da reportagem *Construindo para um Brasil melhor*, o presidente Dutra, por se demonstrar a favor das obras de interesse nacional defendidas por *O Cruzeiro*, foi reconhecido como “o atual chefe da Nação, com a alta visão que o caracteriza das coisas úteis, deu incontinentemente todo o seu apoio à ideia do seu ministro da Viação, para que fosse levado avante e no mais curto espaço de tempo, tão relevante e imprescindível melhoramento”.³³²

Por outro lado, uma série de reportagens intituladas, *Para Dutra ler na cama*, criticou as ações de governo, por não promover a modernização do parque têxtil no país, defendida nas páginas da revista.

O Cruzeiro, ciente do debate Cepalino, veiculou, ainda, reportagens em defesa do planejamento estatal, mas apoiou a entrada de capital internacional como meio para desenvolver o país. O grupo de pressão se manteve afastado da filiação a um partido político: “a política partidária seria tão incongruente numa revista do modelo de *O Cruzeiro* como num tratado de geometria”.³³³

Na Alemanha, *Der Spiegel* desfrutou de uma posição de absoluto predomínio em um mercado jornalístico desarticulado, primeiro em razão dos anos de regime nazista e, posteriormente (entre 1945 e 1947), pela censura estadunidense, preocupada com o processo de desnazificação. De acordo com Alexander Stephan, as autoridades de ocupação não hesitaram em retirar licenças de revistas como o magazine *Der Ruf*, por defender a nacionaldemocracia. Entretanto, foram poucos os

³³⁰ *Der Spiegel*, Hanover, n. 15, p. 11, 13 abr. 1950.

³³¹ *Der Spiegel*, Hanover, n. 43, p. 20, 20 out. 1949.

³³² *Der Spiegel*, Hanover, n. 41, p. 53, 30 jul. 1949.

³³³ Primeiro editorial de *O Cruzeiro*. In: Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10111928/101128_4.htm>. Acesso em: 02 abr. 2011.

casos em que a censura estadunidense atuou. Já no início dos anos 1950, estava claro, para Washington, que a batalha das *Americanhäuser* haviam vencido.³³⁴

No cenário político, *Der Spiegel* procurou se manter afastada das disputas entre os partidos. Seu objetivo foi alcançado como evidencia a pesquisa de opinião realizada com seus leitores que ao serem questionados: “É *Der Spiegel* imparcial?” Responderam que sim 83% e, que não, apenas 12%; “É *Der Spiegel* politicamente imparcial?” Como resposta 62% de avaliações positivas e 25%, negativas. Das negativas, o SPD garantiu 12% das opiniões, seguido por 4% no CDU e 3% para os Partidos Ocidentais (*Westparteien*). O magazine procurou, portanto, se manter “politicamente imparcial”, servindo na consolidação da democracia na sociedade alemã.

4.2 GÊNESE HISTÓRICA COMPARATIVA DO PROCESSO DE AMERICANIZAÇÃO E ANTIAMERICANISMO NO BRASIL E NA ALEMANHA

A escolha do período histórico analisado neste trabalho se deu em função da importância dos anos de Plano Marshall na intensificação do processo de americanização no Brasil e na Alemanha Ocidental.

No Brasil, os estudos sobre o fenômeno da americanização se restringem à primeira metade do século XX. A produção historiográfica é restrita ao período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

Os estudos priorizam a influência das agências estadunidenses na política brasileira e procuram afirmar os laços de dependência do Brasil aos Estados Unidos. Apesar de Lúcia Lipp de Oliveira, Paulo Roberto de Almeida e Luís Fernando Ayerbe evidenciarem a presença dos ideais de liberdade e democracia estadunidense nas obras dos intelectuais brasileiros do início do século XX, o processo de americanização no Brasil somente é estudado nos anos de conflito internacional, a partir da instalação de “*Offices*” de inteligência sob-responsabilidade de Washington no país.

³³⁴ STEPHAN, Alexander. A Special German Case of Cultural Americanization. In: **The Americanization of Europe: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945**. Oxford: Berghahn Books, 2007. p. 73.

Com o “esvaziamento”,³³⁵ para utilizar a expressão de Pedro Tota, das agências de cooperação, os estudiosos brasileiros, interessados em evidenciar os laços de dependência entre os dois países, deixam de se debruçar sobre a análise da americanização no país.

Portanto, as interpretações se dividem entre os defensores dos efeitos de modernização da americanização e os que a acusam de efeito destruidor de nossa autonomia cultural. Entre os que reconheceram os Estados Unidos como modelo de sociedade a ser perseguido e os que o acusam ora de imperialismo, ora de negligência.

Em sua maioria, os estudos foram produzidos entre as décadas de 1970 e 1990 e tem seus argumentos ancorados na teoria marxista. As obras de Gerson Moura e Nelson Werneck Sodré, veem a americanização como um processo de transferência do modo de vida americano em via de mão única, dos Estados Unidos para a sociedade brasileira, primeiro pelos “*Offices*” e, na sequência, pelos *mass media*.

A obra posterior de Pedro Tota procura qualificar o conceito de americanização. Tota aborda o fenômeno da americanização como responsável por produzir novas formas de manifestação cultural no país, por meio do modo de vida americano, em um complicado processo de recriação. Apesar do esforço de Tota, a historiografia brasileira carece de debates engajados sobre o tema.

Não atenta às especificidades de suas situações históricas fundantes e a ausência de estudos referentes à historicidade do conceito provocou seu emprego de forma universal. Sendo a dimensão histórica no uso de conceitos e categorias lição básica de todo o trabalho histórico, a historiografia permanece ansiosa.

Da mesma maneira, o conceito de antiamericanismo, deslocado do embate histórico, passa a ser amplamente associado às frustrações das expectativas da intelectualidade brasileira frente às promessas de ajuda econômica de Washington ao longo das décadas. Com excelência, Paulo Roberto de Almeida e Lincoln Gordon defendem que a ausência de um programa modesto de ajuda econômica

³³⁵ TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 176.

ao Brasil, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, poderia ter reduzido o componente antiamericano nas décadas do pós-guerra.³³⁶

Na Alemanha, as obras referentes ao processo de americanização e antiamericanismo são frutos de questionamentos motivados pelos acontecimentos entre 1989 e 2001. Os trabalhos priorizam o período entre 1945 a 1960, anos reconhecidos como os derradeiros do processo de americanização. Não obstante, o período não possui a mesma ressonância em todos os países da Europa, a exemplo da Alemanha, destacada como um caso especial, *Sonderfall*.

Autores como Alexander Stephan, Kaspar Maase, Jost Hermand afirmam que, apesar de os Estados Unidos só terem começado a exercer inteiramente seu poder e influência após o término da Segunda Guerra, as raízes do modo de vida americano foram fincadas na Alemanha ainda no início do século XX. Já Michael Ermarth sustenta a presença do ideal de americanismo ainda no final do século XIX. Para os autores, a valorização do modo de vida americano pela mídia impressa alemã nos anos do pós-guerra é fruto de um processo que compreende o final do século XIX e a primeira metade do XX, no qual a circulação da imagem de uma nação próspera, defensora da liberdade e justiça foi reconhecida.

Em oposição aos estudiosos brasileiros, na Alemanha é reconhecida a importância simultânea entre as políticas de estado de Washington e a difusão da cultura popular americana no processo de americanização. As pesquisas exploram como a cultura popular americana influenciou tanto as tomadas de atitudes por grupos de pressão, detentores dos meios de comunicação, quanto a forma como as elites intelectuais consolidaram o modo de vida americano a partir de 1947. Na Europa e em outras regiões do globo, os produtos americanos e as novas formas de estilo de vida funcionaram como uma porta para mudanças. Apesar da modernização na forma de consumo da cultura e do lazer ter permanecido frequentemente associada à marcha da vitória de Hollywood e da televisão comercial sobre os valores antigos.

Na Alemanha, o antiamericanismo recebe atenção como um processo único e independente da existência do grau de americanização. Para os estudiosos que se inclinam sobre o tema, o movimento antiamericanista passa a ser relacionado às

³³⁶ ALMEIDA, Paulo Roberto de. As relações do Brasil com os Estados Unidos em perspectiva histórica. ALMEIDA, Paulo Roberto de Almeida; BARBOSA, Rubens Antônio (Organizadores). **Relações Brasil - Estados Unidos: assimetrias e convergências**. São Paulo: Saraiva, 2006.

respostas negativas às ações da política estadunidense independe do grau de americanização.

O antiamericanismo não é, pois, resultado específico das ações estadunidenses, tão pouco é um reflexo da projeção de refazer o mundo no pós-guerra à imagem americana, mas representa uma resposta às forças que provocam mudanças históricas.³³⁷

4.3 SIMILITUDES NO APOIO ÀS POLÍTICAS ESTADUNIDENSES E O MODO DE VIDA AMERICANO NAS PÁGINAS DE *O CRUZEIRO* E *DER SPIEGEL*

Uma vez evidenciada, nos capítulos anteriores, a publicação de reportagens por *O Cruzeiro* e *Der Spiegel*, em consonância com as políticas estadunidenses nos anos de Guerra Fria, se faz necessário verificar similitudes nos temas e abordagens expostos pelos respectivos grupos de pressão.

Nas páginas de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel*, a conduta do Brasil e da Alemanha Ocidental apareceu intimamente ligada à dos Estados Unidos. Diante da bipolarização do Globo, a carta de Albert Einstein à Assembléia das Nações Unidas quanto à insegurança mundial foi anunciada nos dois periódicos. Acompanhando o discurso estadunidense de Guerra Fria, portanto, em suas páginas, a revista ilustrada brasileira identificou os Estados Unidos como principal parceiro comercial e exaltou a amizade histórica entre os dois países. Por sua vez, em *Der Spiegel*, os Estados Unidos foram noticiados como a potência de ocupação responsável por orientar a reconstrução e a reorganização do país após a derrota nazista.

Com efeito, o discurso maniqueísta do bem *versus* o mal foi publicado reiteradamente nos semanários. Ao mesmo tempo, uma imagem positiva dos líderes de Washington e negativa dos líderes de Moscou foi construída nas páginas dos magazines.

Associado à publicação do discurso maniqueísta, o perigo da infiltração comunista no Brasil e na Alemanha Ocidental foi apregoado. Em *O Cruzeiro*, a partir do reconhecimento do desejo de cooperação econômica dos Estados Unidos, enquanto única nação credora do pós-guerra, se pode compreender a divulgação da ameaça de uma revolução comunista no Brasil.

³³⁷ BERMAN, Russel A. "Anti-Americanization". In: STEPHAN, Alexander (Ed.). **Americanization and Anti-Americanism: the German encounter with American Culture after 1945**. 2007.

Cabe salientar que o discurso de *O Cruzeiro* se coadunava com os atos do governo, que fechou o Partido Comunista Brasileiro em 1947, com o intuito de reafirmar a amizade histórica entre Brasil e Estados Unidos, garantindo com isso uma posição de privilégio.

O grupo de interesse, portanto, ao anunciar a caminhada da sociedade brasileira em direção a uma nova civilização dos trópicos, nos moldes da moderna e próspera sociedade estadunidense, defendeu a inserção do país em sua órbita de influência e afirmou a aproximação entre os países como forma de garantir cooperação econômica.

Por sua vez, *Der Spiegel*, a partir do reconhecimento dos Estados Unidos como a potência de ocupação capaz de reerguer a economia alemã, de retomar os preceitos democráticos e, não menos importante, de oferecer liberdade e prazer instantâneo a seus cidadãos é que o avanço das ideias comunistas, anunciado nas páginas da revista, pode ser compreendido como uma ameaça a ser derrotada. Este discurso encontrou ressonância nos líderes políticos da Alemanha Ocidental no pós-guerra. Apesar disso, *Der Spiegel* procurou sustentar certa autonomia.

Consciente do jogo político e econômico da reconstrução da Alemanha Ocupada, *Der Spiegel* defendeu sua imparcialidade política e objetivou contribuir para a “renovação” democrática. De acordo com as palavras de Rudolf Augstein, este papel pode ser afirmado por meio das pesquisas de opinião publicadas na revista: “*Der Spiegel* serve à jovem democracia alemã?” Sessenta por cento dos leitores responderam que sim e apenas 12% responderam que não. “*Der Spiegel* tem contribuído para desintoxicar a atmosfera entre as potências ocidentais e os alemães?” Cinquenta e três por cento dos questionados responderam que sim e 20% que não.³³⁸

Apesar de garantir seu apoio às práticas políticas dos Estados Unidos, *Der Spiegel* se mostrou consciente também dos interesses estadunidenses na reconstrução da Alemanha. Assim, entre as reportagens de apoio, publicou o alerta do jornal *Prawda*, na sessão *Panorama*, o qual referia ser o Plano Marshall uma garantia de mercados estrangeiros para os produtos estadunidenses. Tal garantia tinha como objetivo “a criação de um bloco ocidental antissoviético, a consolidação da Alemanha Ocidental em uma base militar do imperialismo americano e, a

³³⁸ *Der Spiegel*, Hanover, n. 51, p. 0, 24 dez. 1947.

liberação da Europa do Leste da União Soviética”.³³⁹ A reportagem, ancorada pela charge do *Miami Herald*, reafirmou a divisão do mundo entre a águia e o urso:

Figura 5 – Brutgeschäft (Ninhada)



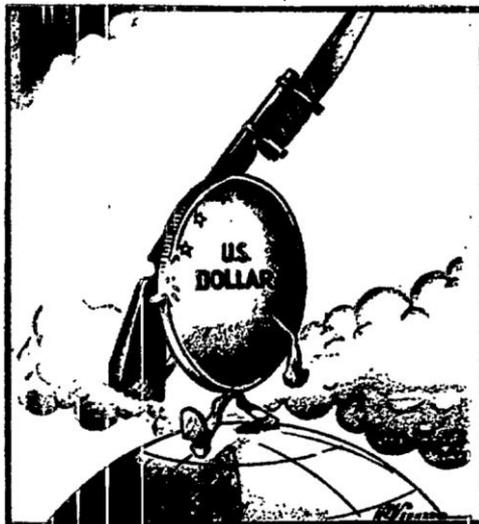
Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 32, p. 0, 9 ago. 1947,

Na imagem, sentadas sobre duas esferas que representam dois mundos distintos, aparece, na direita, uma águia, alegoria dos Estados Unidos, e, ao seu lado, na esquerda, um urso, alegoria da União Soviética. Cada mundo carrega a inscrição *Wirtschaftsplan* (Plano Econômico). Em frente às alegorias, um mapa da Europa. Em cima de cada globo, a águia e o urso vigiam e aguardam a decisão dos países de serem incluídos no mundo sob seus pés.

Ao mesmo tempo em que a ajuda Marshall foi reconhecida como o caminho de “tijolos dourados”, sua política agressiva foi assinalada nas páginas do semanário. É o que ilustra a charge do jornal *Buffalo Evening News*, na qual, sobre o globo, aparece caminhando a alegoria da ajuda estadunidense, representada por uma moeda de dólar armada:

³³⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 32, p. 0, 9 ago. 1947.

Figura 6 – *Mittelmeer-Patrouille (Patrulha do Mediterrâneo)*



Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 16, p. 0, 19 abr. 1947.

Verifica-se, assim, não haver inocência na publicação das reportagens multicidadas, uma vez que resta clara a percepção do grupo de pressão quanto ao interesse dos Estados Unidos na reconstrução da Alemanha.

Ainda, por meio da comparação entre as experiências alemãs nas zonas de ocupação, se pode ilustrar a escolha imposta favorita de *Der Spiegel* ao apoiar as políticas estadunidenses. A charge do jornal londrino *Daily Mail* ilustra tal constatação:

Figura 7 – *Deutscher Doppeladler (Dupla águia alemã)*



Fonte: **Der Spiegel**, Hanover, n. 6, p. 4, 9 fev. 1950.

Na imagem, ao centro, aparece uma águia de duas cabeças pousada sobre a inscrição *Germânia* (Alemanha). No lado direito, *Right View*, vê-se uma Alemanha (águia) recuperada e bem nutrida, sob responsabilidade dos Estados Unidos. Em 1950, data da charge, a Alemanha Ocidental, portanto, estaria recuperada e desfrutaria de fartura de alimentos. Já no lado esquerdo, *Left View*, sob responsabilidade da União Soviética, a águia se mostra debilitada e deprimida, o que representaria a pilhagem e a fome na zona alemã sob o comando soviético.

A charge evidencia, ainda, por meio da alusão à águia de cabeça dupla – uma aberração da natureza – a crítica do periódico à situação anômala da divisão do território alemão em duas zonas independentes.

É perceptível na charge, portanto, que, dentre as escolhas possíveis, para o grupo de pressão, os Estados Unidos foram defendidos como a opção favorita.

Contudo, somente a partir de um modelo de sociedade ideal, cunhado no interior do grupo de pressão, com interesses e qualidades específicas, que sua defesa pode ser compreendida. Assim sendo, a partir da identificação dos interesses específicos de um agente histórico particular é que se pode compreender a divulgação positiva das políticas estadunidenses e da defesa do modo de vida americano nas páginas de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* simultaneamente. Igualmente, por meio da identificação e exposição dos motivos particulares de cada agente histórico é que se pode identificar similitudes nas publicações. Assunto a ser abordado nas páginas seguintes.

4.4 AMERICANIZAÇÃO DA ALEMANHA NAS PAGINAS DE O CRUZEIRO E AMERICANIZAÇÃO DO BRASIL NAS PAGINAS DE *DER SPIEGEL*

Verificado o apoio do grupo de pressão de *O Cruzeiro* e o de *Der Spiegel* às políticas estadunidenses do pós-guerra, procura-se evidenciar, neste sub-capítulo, a americanização da Alemanha nas páginas de *O Cruzeiro* e, da mesma forma, a americanização do Brasil, nas páginas de *Der Spiegel*.

A partir do cruzamento entre as análises dos magazines se evidenciou congruências na abordagem dos temas e na construção de uma imagem positiva dos Estados Unidos. Por meio de uma abordagem comparativa, se busca, portanto, identificar as motivações que levaram aos respectivos grupos de pressão a afirmarem a americanização da Alemanha e do Brasil em suas páginas.

Em *O Cruzeiro*, na reportagem intitulada *Reconstrução da Alemanha*, defendeu a necessidade do apoio efetivo dos Estados Unidos na reconstrução da produção industrial alemã:

[...] o major William H. Draper – diretor econômico da zona norte-americana – falou [...] sobre os planos norte-americanos para fazer reviver a indústria alemã, especialmente a do carvão. [...] O general Draper disse que o plano norte-americano para o aumento da produção industrial [tem] três pontos: 1 - Deve-se aumentar a ração diária na Alemanha. Os mineiros alemães precisam de mais calorias para sua subsistência. 2 – Deve-se enviar para a Alemanha materiais especiais escassos, inclusive possivelmente aço em bruto. Faltam às minas equipamentos mecânicos. 3 - Todas as minas devem ser colocadas de novo sob a direção alemã. [...] Tudo que temos feito na Alemanha até agora é evitar que o povo morra – [...] A ração diária de calorias é muito inferior ao mínimo prescrito pela saúde normal e que sequer as donas de casa estão recebendo essa quota completa.³⁴⁰

De acordo com a reportagem, portanto, *O Cruzeiro* justificou o suporte estadunidense na retomada da industrialização alemã como forma de proteger a população assolada pela guerra.

Na sequência, na reportagem *As tropas americanas não podem sair de Berlim*, *O Cruzeiro* apoiou a presença das tropas estadunidenses em solo alemão. Quando o General Lucius Clay foi questionado sobre a questão de Berlim:

O embaixador Robert Murphy representante do Departamento de Estado na Alemanha, tomou a palavra para responder por ele. Infelizmente, disse Murphy, [...] todos na Europa receiam que quando os norte-americanos se retirarem da Alemanha Ocidental, os russos ocupem todo esse território. Isto significaria o confisco de toda a propriedade privada.

O embaixador Murphy disse que isto era uma das principais razões para a manutenção das forças norte-americanas em Berlim. 'Se abandonarmos Berlin agora', disse Murphy, 'dirão que é fatalmente o que ocorrerá mais tarde na Alemanha Ocidental: perderão a confiança em nós'.

[...] O general Clay concordou com Murphy em que esse fator psicológico é uma das razões mais importantes para a manutenção das tropas norte-americanas em Berlim. Retirá-las significaria a destruição da confiança que os Alemães Ocidentais tem nos Estados Unidos.³⁴¹

Como afirma a reportagem, a presença estadunidense na Alemanha visou à proteção da população e do estado democrático. A reportagem assinala a ideia de confiança e generosidade das ações estadunidenses na Alemanha ocupada. A imagem de um Estados Unidos protetor e benevolente foi veiculada frente à imagem

³⁴⁰ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 16, 13 set. 1947.

³⁴¹ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 64, 28 ago. 1948.

de uma União Soviética agressora e temível. Os Estados Unidos, enquanto nação defensora da paz e da prosperidade alemã, foi veiculado em *O Cruzeiro*.

Por sua vez, a mensagem de confiança, também foi, no mesmo tom, encontrada nas reportagens publicadas em *Der Spiegel* sobre as ações estadunidenses em relação ao Brasil, como será verificado adiante.

A reportagem intitulada *Anticomunistas no Exército Vermelho*, amparou a construção da imagem positiva de Washington:

Nota – o descontentamento que existe por detrás da Cortina de Ferro como indicam os informes anteriores, é uma nova razão para que o Departamento de Estado norte-americano realize a sua propaganda imediatamente, afirmando, ao povo russo a amizade norte-americana e contradizendo as mentiras da rádio de Moscou.³⁴²

Acompanhando a construção de um Estados Unidos protetor e benevolente da nação alemã *versus* uma União Soviética promotora da discórdia, foi noticiado, na mesma coluna, alguns meses depois:

A decisão final de apresentar a Crise de Berlim a consideração das Nações Unidas foi tomada depois que os enviados ocidentais se entrevistaram com Molotov. [...] Isto pôs ponto final às esperanças ocidentais. Em resumo, a resposta do Kremlin às questões para se alcançar um acordo era um terminante e definitivo “Não”. As Nações Unidas são, portanto, o local onde se representará a segunda fase da Batalha de Berlim.³⁴³

Nos anos seguintes, *O Cruzeiro* manteve a publicação de reportagens dos Estados Unidos como responsável pela reconstrução da Alemanha, via Plano Marshall e a União Soviética interessada na sua exploração:

Em 1951, Berlim é ainda mais uma cidade em ruínas. Embora outras cidades alemãs tenham progredido bastante no caminho para o estabelecimento da normalidade, há muitos pontos em Berlim que ainda são terra de ninguém. Na zona russa há montões de tijolos cuidadosamente empilhados e montes de ferro velho, porque os russos separam os escombros com o intuito de levar todo esse material para a Rússia.³⁴⁴

Com efeito, *O Cruzeiro* consolidou a imagem de um Estados Unidos defensor da paz, da democracia e da prosperidade ao lado da imagem temível da União Soviética, interessada em pilhar sua zona de ocupação e de transformar a

³⁴² *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 68, 11 set. 1948.

³⁴³ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 43, p. 60, 23 out. 1948.

³⁴⁴ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 78, 19 mai. 1951.

Alemanha em um país agrário. Ao divulgar a imagem positiva da ajuda estadunidense via Plano Marshall, a revista afirmou o apoio da Alemanha Ocidental às políticas estadunidenses no pós-guerra.

Contudo, é possível identificar interesses particulares de *O Cruzeiro* na reconstrução da Alemanha por meio da ajuda estadunidense. Assim sendo, o interesse na americanização da Alemanha é evidenciado no interior do grupo de pressão responsável pela edição e publicação das matérias, como arguiu a reportagem intitulada *A quarta Alemanha* assinada pela dupla de repórter e fotógrafo, Franklin de Oliveira e David Seymour:

A Alemanha transformou-se em presa dos soviéticos mais que dos ocidentais – este foi o trágico resultado da divisa da Germânia. Imediatamente viram os russos que, mesmo com uma só parte da Alemanha sob seu poder, poderiam ameaçar o mundo ocidental e a verdade é que o ameaçaram. O bloqueio de Berlim testemunhou esta ameaça e a Ponte Área um dos maiores feitos da aviação mundial, significou a resposta ao primeiro desafio vermelho. Tem, assim, o mundo, esta situação paradoxal diante de si: a Alemanha que muitos fizeram crer ser ameaça permanente à paz é hoje um dos baluartes da paz mundial – a Alemanha Ocidental como última fronteira do mundo democrático e a Oriental, como reduto que detém o avanço soviético sobre o Ocidente. Assim se desvanecem as versões de que à Alemanha cabia um destino brutal, o de agredir o mundo. [...] A rearticulação nacional da Alemanha é uma necessidade inadiável da ordem democrática.

Do Ocidente, nenhum país deve estar mais interessado na reedificação democrática da Alemanha que o Brasil. **Razões brasileiras, que são aquelas que se referem ao nosso comércio, a nossa indústria e a nossa economia.** A Alemanha em todos os tempos, sempre foi o melhor mercado europeu do Brasil. Suas compras de produtos tropicais, que são os nossos produtos, fez-se sempre na forma de atender da melhor maneira os nossos interesses nacionais.

[...] Temos, pois, o interesse vital de negociar com a Alemanha. Ainda agora nosso Cônsul em Frankfurt, Sr. Mario Calábria, organizava uma lista dos produtos de que precisam os alemães e, em sua maioria absoluta, são os produtos que o Brasil sempre forneceu aos tedescos e que podemos voltar a fornecer, sobretudo quando eles entram em declínio em outros mercados. Por outro lado, o governo alemão entregou ao nosso consulado em Frankfurt uma relação de matérias manufaturadas que podem ser exortadas para o Brasil e sendo máquinas, sobretudo, são parte daquilo de que mais necessitam a indústria e a economia nacional.³⁴⁵ [sem grifos no original]

A partir da análise da reportagem é possível verificar, claramente, a existência de interesses próprios do grupo de pressão de *O Cruzeiro* na retomada do crescimento econômico e na estabilidade política da Alemanha.

³⁴⁵ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 25-8, 4 fev. 1950.

Da mesma forma, nas páginas de *Der Spiegel*, se busca verificar os interesses implícitos do seu grupo de pressão na americanização do Brasil.

A partir da preocupação de *Der Spiegel* com manutenção do envio de “ajuda” estadunidense à Alemanha, é que se pode compreender a defesa de um Plano Marshall para a América Latina, como forma de consolidar o sistema capitalista democrático no Brasil. Se a inserção do Brasil no sistema capitalista mundial representava a própria segurança do sistema liderado pelos Estados Unidos, a segurança da Alemanha Ocidental dependia, também, da estabilidade brasileira.

O alinhamento do Brasil às economias ocidentais reafirmava a segurança da Alemanha, uma vez que o Brasil era reconhecido como exportador de matérias primas estratégicas e mercado de consumo dos produtos alemães, que agora seriam necessários a sua economia em reconstrução.

Importa ressaltar que a influência positiva dos Estados Unidos em outras regiões do globo, também, reafirmava que os alemães não necessitavam ter medo da “ajuda” estadunidense.

Der Spiegel publicou, na sessão *Ausland*, a reportagem de página inteira, *Kaffeeland in der Krise* (País do café em crise) a expansão da ameaça comunista no Brasil:

Observadores norte-americanos, que retornaram de longas turnês de na América do sul, relataram, [...] que os partidos comunistas por toda a América do Sul tiveram grande progresso. Estes representam maior ameaça aos EUA do que os partidos nazista ou fascista representam em Berlim, Roma ou Madrid.

Na sequência, a reportagem noticiou a situação política em um país com as dimensões do Brasil, onde o avanço das ideias comunistas poderiam produzir resultados desastrosos nas eleições:

[...] Com 47 milhões de habitantes, o Brasil é o maior país da América do Sul. Tem 18 vezes o tamanho da Alemanha de 1937. E, atualmente, não se pode obter uma imagem clara da situação política. [...] Há disputas dentro do grande partido brasileiro a União Democrática Nacional, que está atualmente na oposição. Restam, duas possibilidades, que são o segredo das próximas eleições: Vargas o ex-ditador com seu Partido dos Trabalhadores do Brasil ou Partido Comunista sob Luiz Carlos Prestes.

Embora hoje a imprensa brasileira seja 95% anticomunista, embora os militares e a igreja realizem propaganda anticomunista, é preciso aceitar

que os comunistas nas próximas eleições podem aumentar consideravelmente seus votos.³⁴⁶

A reportagem é, ainda, ancorada por uma imagem da cidade de São Paulo sob a inscrição: “São Paulo, a cidade com a maioria dos votos comunistas”.³⁴⁷ A partir da reportagem analisada, *Der Spiegel* evidenciou a efervescência do movimento comunista no Brasil em 1947. A reportagem baseada nos relatórios produzidos por observadores estadunidenses expôs o progresso das atividades comunistas no Brasil e os seus possíveis resultados desastrosos.

No entanto, em maio de 1947, *Der Spiegel* repercutiu o fechamento do Partido Comunista Brasileiro, noticiando a medida como “tomada de precauções necessárias”³⁴⁸ e acompanhou o “esforço do presidente Dutra para trazer a economia do Brasil de volta à ordem”.³⁴⁹

Após a entrada do Partido Comunista na ilegalidade, “em maio, o Tribunal Superior Eleitoral declarou com três votos a dois, o Partido Comunista ilegal”. *Der Spiegel* justificou, mais uma vez, que a tomada de posição do presidente brasileiro havia sido motivada pelo crescente sucesso do partido nas urnas: nas primeiras eleições que se seguiram, ele marcou 600 000 votos e enviou 18 comunistas no Congresso Federal. Em fevereiro de 1947, seus votos subiram para 700 000, tornando-se assim o partido mais forte nas grandes cidades brasileiras.³⁵⁰ Desta forma, ao anunciar os feitos do presidente brasileiro “contra a direção vermelha”³⁵¹ que o país estava seguindo, *Der Spiegel* afirmou o alinhamento da política brasileira à estadunidense.

Ao anunciar a ameaça comunista no Brasil através dos olhos dos observadores estadunidenses, *Der Spiegel* reconheceu o distante país. Assim sendo, *Der Spiegel*, mais uma vez, se posicionou ao lado dos EUA no pós-guerra. No entanto, mais que reafirmar seu posicionamento na esfera estadunidense no mundo do pós-guerra, as reportagens reproduziam o discurso dos Estados Unidos atentos as insurreições comunistas no seu quintal e, a partir desta preocupação, noticiaram a provável tomada de posição e o envio de ajuda econômica para a América Latina.

³⁴⁶ **Der Spiegel**, Hanover, n. 3, p. 10, 18 jan. 1947.

³⁴⁷ **Der Spiegel**, Hanover, n. 3, p. 10, 18 jan. 1947.

³⁴⁸ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 6, 17 mai. 1947.

³⁴⁹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 20, p. 6, 17 mai. 1947.

³⁵⁰ **Der Spiegel**, Hanover, n. 29, p. 10, 19 jul. 1947.

³⁵¹ **Der Spiegel**, Hanover, n. 29, p. 10, 19 jul. 1947.

Nesta linha de argumentação, a reportagem intitulada *Coca-Cola für Panamerika* (Coca-Cola para a Pan-américa), na sessão *Ausland*, em setembro de 1947, por ocasião da Conferência Panamericana no Rio de Janeiro, publicou o anúncio de ajuda nos moldes de um Plano Marshall para a América Latina, ao mesmo tempo em que afirmou o papel de bom vizinho do Brasil:

O presidente Truman, radiante na companhia de sua esposa e filha, apareceu triunfante no Rio de Janeiro. Os Cariocas entusiasmados sabiam que eles, os 'bons vizinhos', eram os culpados por inundar seu carro com confetes coloridos. Também o seu Secretário de Estado Marshall apareceu triunfante com sua esposa.³⁵²

A imagem de um presidente Truman fulgurante, ao desembarcar na cidade do Rio de Janeiro, marcou o início da reportagem. Confiante na boa recepção que receberia, o presidente veio acompanhado de sua esposa e filha. De acordo com Fared Zakaria, o padrão estabelecido por Roosevelt, da especial atenção dada à diplomacia, levou Truman a atravessar o Atlântico em um gesto de confiança no país anfitrião, o Brasil. A deferência com que tratou seu aliado, associada ao tom estadunidense de generosidade, deu margem para *Der Spiegel* anunciar a consolidação de um Plano Marshall para a América Latina.

Na sequência, a reportagem afirmou que todas as nações concordaram com o plano de defesa estadunidense, consagrando assim a política da boa vizinhança. Contudo, em tom militante, o presidente Truman disse em seu discurso que os Estados Unidos, depois de vencerem uma guerra para qual foram arrastados, ainda construiriam um mundo livre, orquestrado para todas as nações, onde todos podiam prosperar e que, apesar dos esforços de seu governo, foram acusados pelas nações americanas de "dominação estrangeira":

No sábado, na Conferência Pan-americana em Petrópolis, todos já haviam concordado sobre o plano de defesa dos Estados Unidos. [...] Truman consagrou a política da boa vizinhança (*guten Nachbarschaft*) com um discurso.

O discurso foi militante. O presidente estava decepcionado com o resultado da guerra. Os EUA foram arrastados para a Guerra, e criou um mundo livre. Agora, no entanto, foram acusados pelas nações americanas de dominação estrangeira. [...] 'Muitos povos na Europa vivem na sombra da agressão', observou Truman rogando que o amor pela paz dos Estados Unidos (*Friedensliebe der USA*) não seja mal interpretado.

³⁵² **Der Spiegel**, Hanover, n. 36, p. 8, 6 set. 1947.

A reportagem assinala que antes de retornar a seu *Heimat* (terra natal), o presidente Truman procurou enaltecer a cordialidade entre o Brasil e os Estados Unidos ao discursar perante o Congresso. Na exaltação, tanto da especial atenção ao líder estadunidense, quanto na descrição extremamente cordial da recepção da comitiva Truman em terras brasileiras, se evidencia o compasso entre os interesses estadunidenses e brasileiros. Assim sendo, foi proclamado nas páginas de *Der Spiegel* o desejo do Brasil, alinhado aos Estados Unidos, pelo anúncio de um acordo comercial favorável e de um Plano Marshall para a América Latina:

Antes de Truman retornar, no domingo, a bordo do navio 'Missouri', o presidente vai fazer um discurso perante o Congresso brasileiro. Lá o Brasil espera um tom ainda mais cordial do que em Petrópolis. O Brasil espera um novo acordo comercial e que um 'Plano Marshall para a América' seja finalmente proposto.

Tendo os Estados Unidos atingido os seus objetivos na conferência, *Der Spiegel* anunciou a ansiedade dos países americanos no lançamento de um Plano para o continente: "Em Petrópolis os Estados Unidos puderam impor as suas ideias quase que inteiramente. A defesa do Canal do Panamá está garantida, o seu domínio é mais forte do que nunca".

No final da reportagem, colada a uma breve descrição da "enorme" cúpula do hotel Quitandinha, *Der Spiegel* anunciou que garrafas de coca-cola, símbolo da presença estadunidense, foram distribuídas para os jornalistas:

Coca-colas foram distribuídas. Sob a grande cúpula do hotel Quintandinha, com diâmetro de 15 metros, maior que a cúpula da Basílica de São Pedro em Roma, os jornalistas da conferência ganharam um carregamento de coca-cola para beber. De graça.

Para finalizar, *Der Spiegel* coroou a reportagem com a imagem do General Marshall acompanhado de sua esposa, "muito sorridente", ao desembarcar no Rio de Janeiro.³⁵³ Assim sendo, o discurso da boa vizinhança entre o Brasil e os Estados Unidos, sua aliança histórica e o desejo de um Plano Marshall para a América Latina foi apregoado nas páginas do semanário alemão.

Portanto verificou-se certa congruência entre as reportagens analisadas. Ambos os semanários colocaram o Brasil em posição de destaque no seio da

³⁵³ *Der Spiegel*, Hanover, n. 36, p. 8, 6 set. 1947.

América.³⁵⁴ Os dois periódicos afirmaram o apoio brasileiro às políticas estadunidenses, reconhecendo a política da boa vizinhança em ação. Ambos identificaram a existência dos ideais e de ameaças comunistas, principalmente, nas grandes cidades brasileiras. Assim, um e outro, defenderam a implementação de um Plano Marshall para o Brasil. Contudo, tal posicionamento surge no interior de cada grupo de pressão e obedece a seus interesses particulares.

Cabe salientar que a ordem criada pelos Estados Unidos no pós-guerra, teve como fundamento ajudar a reerguer os países destruídos pelos conflitos. Assim, procurou dinamizar o comércio internacional com a transferência de dólares de um lado para outro do Atlântico. A inserção da América Latina no projeto estadunidense se deu na medida em que estes cumpriam o papel de mercado consumidor dos países em reconstrução, auxiliando sua reorganização econômica. A atenção dos Estados Unidos fixava-se, portanto, no crescimento da ameaça de desintegração da sociedade capitalista. Desse modo, verifica-se a vinculação entre a existência real da ameaça e o efetivo envio de ajuda econômica. Contudo, com o passar do tempo, a amenização do perigo de insurreição comunista provocou um esvaziamento do interesse estadunidense nas economias da América Latina. Em razão disso, a tão esperada ajuda econômica estadunidense acabou restrita ao envio de capital privado.

É preciso levar em conta, ainda, que o auxílio econômico estadunidense priorizou os países desenvolvidos. Assim, o desejo por uma relação comercial mais simétrica teve de esperar as rodadas de negociação dos anos 60.

Desse modo, tem-se que a conjuntura formada estimulou os estudiosos brasileiros a se restringirem a acusar os Estados Unidos de dominação e desinteresse pela América Latina. Tal compreensão influenciou diretamente a percepção dos intelectuais acerca do fenômeno da americanização do Brasil.

No presente subcapítulo, verificou-se, portanto, que além dos semanários pesquisados afirmarem seu apoio às políticas estadunidenses, *O Cruzeiro* defendeu a americanização da Alemanha e *Der Spiegel* defendeu a americanização do Brasil motivados por interesses particulares. Motivos estes que surgiram no interior de cada grupo de pressão, de acordo com as realidades particulares de cada país.

³⁵⁴ Evidenciado tanto na análise das reportagens, bem como na farta referência de *Der Spiegel* ao Brasil, que sobrepôs a todos os outros países da América Latina.

4.5 O GRUPO DE PRESSÃO DE *O CRUZEIRO* E *DER SPIEGEL*, TRAJETÓRIA DE SEUS SUJEITOS HISTÓRICOS

Uma vez cumprida a tarefa de analisar o comportamento dos grupos de pressão em *O Cruzeiro* e *Der Spiegel*, impõe-se um exame mais particularizado quanto aos indivíduos que deram feição a cada um destes grupos.

O exame da trajetória destes indivíduos, que ocuparam posições de destaque dentro dos grupos de pressão, permite compreender seu posicionamento pró-americano.

A seleção de indivíduos empreendida tem como base o grau de autonomia desfrutado por estes dentro dos grupos de pressão. De acordo com Norbert Elias, a margem de decisão de um indivíduo varia conforme os instrumentos de poder controlados por ele dentro da rede de relações.

Assim, esta escolha obedeceu à capacidade de cada indivíduo de influenciar a autorregulação e à postura de outros indivíduos no interior do grupo de pressão. Desse modo, na revista *O Cruzeiro* foram selecionados, no corpo editorial, Assis Chateaubriand e, no corpo de redatores, Austregésilo de Athayde.

Por sua vez, na revista *Der Spiegel* foram selecionados, no corpo de editores, Rudolf Augstein e, no corpo de redatores, Hans-Detlev Becker.

No que concerne ao grupo de pressão existente em *O Cruzeiro*, destacou-se o dono do conglomerado *Diários Associados*, Assis Chateaubriand, entre os atores que desfrutaram de um maior grau de autonomia.

Francisco de Assis Chateaubriand nasceu em 4 de outubro de 1892, na cidade de Umbuzeiro, Paraíba. Filho de Maria Carmem Guedes Gondim Silveira e José Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo, juiz municipal em Umbuzeiro. Segundo filho de quatro irmãos. Desde pequeno se interessou pela imprensa. Seu primeiro emprego foi na *Gazeta do Norte* em Pernambuco. Formou-se em direito na Faculdade do Recife, onde concorreu a uma cátedra com Joaquim Pimenta protegido de Dantas Barreto. A disputa foi parar no Rio de Janeiro, com o presidente Venceslau Brás interferindo a favor de Chateaubriand. A vitória articulou ao seu redor a intelectualidade carioca ansiosa por esmagar o populismo do general Dantas Barreto governador de Pernambuco, que protegia Pimenta. Chateaubriand foi, assim, reconhecido como o jornalista que sobreviveu à repressão de Dantas Barreto e que vencera Joaquim Pimenta. Um mês depois, no

entanto, deixou Pernambuco e se mudou para São Paulo onde, gozando de prestígio, publicou notas políticas em *A Época*, no *Jornal do Comércio* e no *Correio da Manhã*. Chegou, também, a publicar artigos em *O Estadinho*, o vespertino lançado pelo Estado de São Paulo.

Paralelamente às atividades de jornalista advogou, a convite de investidores estrangeiros como Alexander Mackenzie, presidente da *Holding Brazilian Traction*, filhada da *Light & Power* que controlava os bondes, luz, gás, eletricidade em várias capitais brasileiras e, também, defendeu os interesses de Percival Farquhar, dono do *Rio de Janeiro Light & Power*, da Companhia *Telefônica Brasileira*, da Estradas de Ferro e proprietário do porto de Belém do Pará e da *Amazon Development Land Colonization Co*. Assim, nos artigos jornalísticos e na tribuna, defendeu a internacionalização da economia brasileira como forma de desenvolver o Brasil. De acordo com Fernando Moraes, lutou para defender os interesses dos investidores estrangeiros, como uma “cruzada cívica” e, assim, “para os nacionalistas, passou a ser o símbolo da entrega das riquezas brasileiras”.³⁵⁵

Assim, com o apoio de investidores estrangeiros, Assis Chateaubriand iniciou a trajetória do maior conglomerado de notícias da América Latina, o *Diários Associados*. Ao longo de sua vida, ocupou inúmeros cargos políticos, incluindo um mandato de senador. Orgulhou-se em ser amigo de personalidades com Rockefeller. No cenário político nacional, foi amigo, também, de Getúlio Vargas que o ajudou a fundar *O Cruzeiro*, de Eurico Gaspar Dutra e de Juscelino Kubitschek, pelo qual foi nomeado embaixador do Brasil na Inglaterra e ganhou a honra de ser o primeiro brasileiro a cumprimentar o presidente dos Estados Unidos Dwight Eisenhower em sua visita oficial ao Brasil durante o governo Kubitschek. Entre o final da década de 1920 a 1960, foi, portanto, um dos homens mais influentes do cenário brasileiro.

Por meio da sintética descrição da trajetória de Assis Chateaubriand, é possível compreender a origem do seu alinhamento às práticas políticas estadunidenses, à defesa dos valores capitalistas e democráticos.

A escolha de Austregésilo de Athayde justifica-se por sua importância e notoriedade dentro do periódico, uma vez que sua coluna era a responsável por abrir a leitura da revista.

³⁵⁵ MORAES, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 123-4.

A trajetória de Athayde como jornalista defensor dos ideais democráticos e cristãos tem início em Pernambuco. Filho do Desembargador José Feliciano Augusto de Athayde e bisneto do tribuno e jornalista Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, desde pequeno seguiu o caminho das letras. Ingressou no *Seminário da Prainha* aos doze anos e lá estudou para o sacerdócio até o 3º ano de Teologia. Quando deixou o seminário, passou a colaborar com a imprensa, em Pernambuco, até 1918, quando se mudou para o Rio de Janeiro.

Na cidade carioca, iniciou a carreira jornalística no jornal *A Tribuna*. Em 1921, passou a colaborar no *Correio da Manhã*, dedicando-se à crítica literária, e mais tarde, em *A Folha*. Foi tradutor e redator das agências *Associated Press* e *United Press*.

Em 1924, convidado por Assis Chateaubriand, assumiu a direção de *O Jornal*, ponto de partida para a organização dos *Diários Associados*, em que exerceu intensa atividade.

Adversário da Revolução de 1930 participou, ao lado de Assis Chateaubriand, do Movimento Constitucionalista em São Paulo, tendo sido preso e exilado para a Europa em novembro desse ano.

De volta ao Brasil, em 1948, tomou parte como delegado do Brasil na III Assembleia da ONU, em Paris, tendo sido membro da comissão que redigiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Feito pelo qual foi homenageado, durante a administração Jimmy Carter, por ocasião do 30º aniversário da declaração, em carta enviada pelo presidente estadunidense, na qual este reconhecia a liderança exercida por Athayde na elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem.³⁵⁶ Esta ocasião também lhe rendeu o *Prêmio Maria Moors Cabot*, em 1952, concedido pela Universidade de Columbia aos comunicadores que deram reconhecida contribuição ao jornalismo. Um ano antes, Athayde fora eleito para ocupar a cadeira nº8 da Academia Brasileira de Letras.

Em entrevista concedida à Academia, Austregésilo orgulhou-se de não ter escrito nenhum “artigo que não expressasse a linha de minhas convicções democráticas. Nunca elogiei partidos, homens ou grupos”. [...] “Sou incapaz de ser a favor de homens. Sou a favor de ideias, de pontos de vista. O que almejo mesmo é o

³⁵⁶ Homenagem referenciada pela Academia Brasileira de Letras. In: Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=305&sid=137>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

pensamento democrático, a preservação de nossa unidade nacional e o bem do povo brasileiro”.³⁵⁷

Nas páginas de *O Cruzeiro*, Athayde defendeu a liderança dos Estados Unidos enquanto representante dos ideais democráticos e cristãos. Em janeiro de 1951, brindou a chegada do ano novo ao lembrar-se do esforço dos homens de “boa-vontade” ao defenderem a paz, mesmo oprimidos por crenças avessas aos valores do cristianismo. Em sua coluna, lembrou a importância dos valores cristãos na edificação de um mundo onde a paz impere e a liberdade individual seja respeitada:

A maior de todas as revoluções que se operam na terra foi a do Cristianismo. [...] Milhões de almas encontram nela consolo, o caminho e a vida e vêm para o Cristianismo tingidas pelos desesperos e inanidades de outras crenças. [...] A maior conjuntura da nossa era trama-se contra o Espírito e os seus direitos. [...] como acontece nos regimes que não prezam a liberdade individual. [...] Entramos todos neste novo ano com o coração cheio de medo, vendo, distanciar-se a realização primeira de todas as promessas cristãs que é a da paz aos homens de boa-vontade.³⁵⁸

Esse mundo cristão, onde os “homens de bem” defendem as liberdades individuais é o mundo ocidental que se coloca em oposição ao mundo dos homens ateus, defensores do regime autoritário, “descivilizado” e comunista, representado pelo oriente.

Por meio desta sintética biografia de Athayde, é possível compreender a origem do seu alinhamento aos ideais estadunidenses de democracia, liberdade e valores cristãos.

No que concerne ao grupo de pressão existente em *Der Spiegel*, destacou-se o fundador e editor-chefe Rudolf Augstein. Caçula de sete irmãos, filho de Frederick Augstein, o qual era dono de uma loja de câmeras fotográficas. Cresceu em uma família católica de classe média. Em 1933, com a ascensão do nacional socialismo, seus pais o enviaram ao ginásio católico *Kaiserin-Auguste-Viktoria-Gymnasium* em Linden, com o objetivo de afastá-lo da influência nazista. Em 1941, após sua formatura em comunicação na *Hanover High School*, começou como aprendiz no jornal *Hannoverscher Anzeiger*. No entanto, a guerra interrompeu sua carreira, em

³⁵⁷ Trajetória publicada no site da Academia Brasileira de Letras. In: Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=305&sid=137>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

³⁵⁸ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 5, 6 jan. 1951.

abril de 1942, foi recrutado para servir como operador de rádio na frente Ocidental. Foi prisioneiro de guerra dos Estados Unidos. No final do conflito, retornou a Hanover, na zona britânica, onde passou a trabalhar no jornal *Hannoversche Nachrichtenblatt*, licenciado pelas autoridades britânicas. Em 1946, decidiu se envolver no empreendimento de montar uma revista alemã para os alemães, nasceu, assim, *Der Spiegel*.*

Foi possível verificar, por meio da narrativa da trajetória individual de Rudolf Augstein, as prováveis origens de seu alinhamento aos ideais dos Estados Unidos.

Assim, da mesma forma que Assis Chateaubriand e Austregésilo de Athayde, Rudolf Augstein foram orientados pelos dogmas que fundamentaram a diferença absoluta e sistemática entre Ocidente racional, desenvolvido, humanitário, superior e, Oriente, aberrante, não desenvolvido, inferior.³⁵⁹

A escolha de Hans Detlef Becker redator de *Der Spiegel* justifica-se por seu papel destacado, primeiro como redator e, na sequência, como o sucessor de Augstein como diretor-chefe da revista entre 1959-1962.

Amigo do fundador de *Der Spiegel*, Hans Detlev Becker nasceu em 11 de junho 1921 em Freiburg, estudou em *Staatliche Reform-Realgymnasium* em Peine e na *Staatliche Goethe-Oberschule* em Hanover. Formou-se na Universidade de Münster/Westphalia em direito e ciências políticas. Entre 1939-45, durante a Guerra, foi oficial da *Funkabwehr des Oberkommandos* (OKW).

Entre 1946-1947 trabalhou como editor da *New Tageblatt* em Osnabrück. Em 1947, foi trabalhar em *Der Spiegel* quando se tornou o braço direito de Augstein e sucessor de seu trabalho. Durante a década de 1960, ao final da 1980, manteve-se em *Der Spiegel*.

Com essa sintética análise da trajetória de indivíduos selecionados no interior do grupo de pressão de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* respectivamente, procurou-se dar visibilidade aos nexos existentes entre posição social, origem e formação intelectual. Com sua exposição foi possível buscar regularidades nos condicionamentos de sujeitos históricos inseridos em uma determinada sociedade.

* Biografia retirada da Stiftung Rudolf Augstein. In: Disponível em: <<http://www.rudolf-augstein-stiftung.de>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

³⁵⁹ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 401.

O conceito de Ocidente, o qual une os dois grupos de pressão enquanto detentores de influência no interior uma realidade histórica determinada, só pode ser reconhecido enquanto constructo ideológico.

Para Edward Said, em seu estudo intitulado *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, o conceito de Ocidente é um corpo teórico elaborado pelo Ocidente, o qual, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. Assim, tanto o Ocidente, quanto o Oriente, não são inertes à natureza, mas uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade.³⁶⁰

Segundo o referido autor, a partir dos anos 1950, particularmente, nos Estados Unidos, a construção da ideia de Oriente representou perigo e ameaça vindos do oriente islâmico e da União Soviética.

Fareed Zakaria também sustenta que a dominação intelectual e material do Ocidente não é recente. Vivemos num mundo ocidental há meio século, desde a ascensão dos Estados Unidos no pós-guerra.³⁶¹

Cabe salientar que apesar de, nos imediatos do pós-guerra, os Estados Unidos estarem dispostos a implementarem o sistema democrático nos países europeus com o uso da força, sua atuação é lembrada como pacífica. O que talvez tenha inspirado a visão positiva das ações estadunidenses ao redor do Globo, mantendo assim o Ocidente pró-americano, como afirma Zakaria.³⁶²

Todavia, a defesa da ideia de Ocidente por cada grupo de pressão deve levar em conta o envolvimento de seu sujeito histórico inserido em circunstâncias próprias. Um alemão se aproxima da ideia de Ocidente, primeiro como um alemão, da mesma forma que um brasileiro se aproxima da ideia de Ocidente, primeiro como um brasileiro. Dessa forma, a defesa da ideia de Ocidente despertou no interior de cada grupo de pressão a construção de um “nós-ideal”.

³⁶⁰ SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 31.

³⁶¹ ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 63.

³⁶² Ibidem, p. 242.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os Estados Unidos emergiram vitoriosos dos dois conflitos mundiais, as páginas de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* reconheceram *American way of life* e o *American model of democracy* como o modelo de sociedade a ser perseguido.

A partir da análise dos periódicos, se pode inferir que a narrativa historiográfica tradicional, responsável por dividir o mundo entre um Ocidente, democrático, capitalista e cristão *versus* um Oriente, autoritário, comunista e ateu foi exposta nas páginas dos semanários analisados. Em congruência com as análises historiográficas, os grupos de pressão defenderam sua aproximação com o mundo Ocidental e, assim, seu alinhamento a um Estados Unidos, reconhecido como líder e credor da nova ordem mundial do pós-guerra.

Contudo, como evidenciado, os motivos que levaram os grupos de pressão de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* a defender um posicionamento pró-americano surgiu a partir de seus interesses relacionados às “realidades” nacionais.

Em *O Cruzeiro*, tal posicionamento obedeceu ao desejo de modernização e progresso material da sociedade brasileira. Assim, os Estados Unidos foram reconhecidos como os únicos credores do pós-guerra e modelo de sociedade democrática e capitalista de sucesso. Já para *Der Spiegel* o desejo de reconstruir sua economia via Plano Marshall e sua democracia depois de anos de regime autoritário fez com que os Estados Unidos fossem identificados como o modelo de sociedade a ser perseguido.

Retomando Lefler, o discurso pró-americano encontrou eco nos povos latino-americanos através de suas aspirações modernizadoras e o desejo de progresso material, já os alemães foram seduzidos pelo apelo democrático do Ocidente frente à desilusão de décadas de guerra e obediência ao regime autoritário e depressão econômica.³⁶³

Os autores estudados sustentam, assim, a identificação com os valores de liberdade, democracia e economia de mercado como os responsáveis por consolidar a visão positiva do modo de vida americano. Importa salientar que o Brasil e a Alemanha como partidários do sistema ocidental facilitaram a produção de expectativas congruentes de desenvolvimento. Desta forma, se pode afirmar

³⁶³ LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra**: Estados Unidos, la Unión Soviética y la Guerra Fria. Barcelona: Crítica, 2007. p. 22.

que o progresso da cultura pró-americana nos anos pesquisados não foi o resultado de uma deliberada política de americanização imposta pelos grupos de pressão, mas de tendências de “evolução” entre o Brasil e a Alemanha enquanto parte de um mundo Ocidental.

A partir da análise das reportagens publicadas em *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* se verificou, portanto, que os grupos de pressão responsáveis pela edição e publicação dos semanários, por meio da reprodução do discurso de contenção do comunismo, se afirmaram na órbita de influência estadunidense durante os anos iniciais da Guerra Fria. Ao divulgarem a ameaça de subversão comunista nos seus países, defenderam a intervenção econômica aliada. Ao anunciarem o modo de vida americano, perseguiram o “sonho americano”.

Simultaneamente a divulgação positiva das políticas Washington, a *cultura popular americana*, símbolo de modernidade e prosperidade, foi defendida em suas páginas.

Desse modo, os grupos de pressão dos periódicos se mostraram cientes do papel que ocupavam em um mundo polarizado entre Ocidente e Oriente. Apesar do ideal de Ocidente capitalista, “democrático” e “cristão” que os uniram terem sido os mesmos, os objetivos que os levaram a este posicionamento foram particulares.

O grupo de pressão responsável por *O Cruzeiro* diante da promessa de ajuda econômica estadunidense via Ponto IV da Doutrina Truman, lançado em 1947, encontrou o caminho para promover o desenvolvimento do Brasil nos moldes anunciados nas páginas do periódico. Assim, reafirmou sua proximidade histórica e amizade aos Estados Unidos. Identificou a sociedade estadunidense como o modelo da “nova civilização nos trópicos” que surgiu em sua páginas.

Contudo, com o passar dos anos, as expectativas brasileiras de remessa de ajuda estadunidense foi frustrada por um Estados Unidos mais interessado na reconstrução das economias capitalistas arrasadas pela guerra na Europa e no Japão. Na nova ordem mundial, o papel do Brasil foi o de ajudar na reconstrução europeia por meio da “aquisição de mercadorias na Europa no valor de 1 bilhão de dólares entre 1948 e 1951”,³⁶⁴ e como exportador de matérias primas estratégicas para sua recuperação. Tal papel, frustrou os governos latino-americanos e motivou historiadores e intelectuais das décadas do pós-guerra a acusarem os Estados

³⁶⁴ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 38, 13 mar. 1948.

Unidos de negligenciarem o país e a região da América Latina, reservando a estes o papel de exportador de matérias primas e mercado para os produtos americanos e europeus.

Desta forma, apesar do real apelo do *American way of life*, os Estados Unidos em parte fracassaram em tirar proveito dos benefícios do comportamento pró-americano da região nos anos entre 1947-1952. Assim como, a ausência de um programa de ajuda nos moldes de um pequeno Plano Marshall para a América Latina poderia ter diminuído o sentimento antiamericano dos estudos brasileiros das décadas seguintes.

Por sua vez, na Alemanha, o grupo responsável por *Der Spiegel* anunciou a “ajuda” estadunidense, via Plano Marshall, como saída para a recuperação econômica e social dos anos de guerra. A chegada da vida na velocidade americana, *Amerikanische Tempo*, foi noticiada como despedida da era de censura e sofrimento dos anos de guerra nacional socialista. A sociedade alemã, então, ávida por *entretenimento evasivo*, visava à superação dos amargos anos vivenciados e marcados pelo silêncio imposto a toda manifestação do espírito.

Desse modo, o discurso do presidente Truman, no qual o futuro dos Estados Unidos dependia da recuperação alemã, bem como a recuperação alemã dependia dos Estados Unidos foi anunciado em *Der Spiegel*. A partir desta perspectiva é que se pode compreender os motivos que levaram os historiadores alemães do pós-guerra a sustentar que a Alemanha não foi americanizada, mas “se americanizou”.

Contudo, ao mesmo tempo em que os magazines reconheceram os Estados Unidos como credores de suas expectativas econômicas e sociais, é preciso levar em conta que as séries de televisão, os shows e a música americana eram muitas vezes superiores, em termos de entretenimento, às nacionais e que a audiência nos dois países, vivendo momentos decisivos do processo de modernização e individualização, se identificou com as promessas de entretenimento oferecidas.

O presente estudo defende, portanto, que a denominada e atribuída *cultura popular americana* influenciou as tomadas de posição pelos grupos de pressão detentores da edição dos meios de comunicação, a partir, contudo, da identificação de objetivos particulares com o modelo de sociedade veiculado em suas páginas.

Desse modo, o presente trabalho concorda com Kaspar Maase ao sustentar que a americanização dos meios de comunicação não foi imposta, mas propagada a partir de interesses internos dos editores e colaboradores dos dois periódicos.³⁶⁵

Importa salientar que, somente por meio de uma análise comparativa entre os dois processos de americanização no Brasil e na Alemanha foi possível identificar similitudes e diferenças, verificando, assim, a existência de interesses específicos, que levaram cada grupo de pressão a “se americanizar”.

Dessa forma, o trabalho que partiu da constatação da insuficiência das explicações dadas pela historiografia brasileira sobre o processo de americanização no país, encontrou, no estudo comparativo, o caminho teórico-metodológico para responder sua questão central: os motivos que levaram determinado grupo de pressão a escolher, defender e divulgar a *via americana* tanto no Brasil como na Alemanha.

³⁶⁵ MAASE, Kaspar. “From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and anti-Americanism: the German encounter with American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

REFERÊNCIAS

- AGNOLETTO, Taiane Caroline. **Um Mosaico do Brasil Através das fotorreportagens de José Medeiros em O Cruzeiro (1946-1962)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 2009.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. As relações do Brasil com os Estados Unidos em perspectiva histórica. ALMEIDA, Paulo Roberto de Almeida; BARBOSA, Rubens Antônio (Organizadores). **Relações Brasil - Estados Unidos: assimetrias e convergências**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Relações Internacionais e Política Externa Brasileira: história e sociologia da diplomacia brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa, Caricatura e Historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande: Fundação da Universidade Federal do Rio Grande, 2006.
- ALVES, Júlia Falivene. **A Invasão Cultural Norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988.
- ARENDT, Hanna. **Compreender, Formação, Exílio e Totalitarismo (Ensaio)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AYERBE, Luís Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: UNESP, 2002.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um Olhar e Duas Temporalidades. In: MOREL Marco & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Org.) **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos: anais do colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ, IFCH, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. "História comparada: Um modo de ver e fazer História". In: **Revista História Comparada**, v. I, n. 1, jul. 2007.
- BAUDRILARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. E. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BEEVOR, Antony. **Berlin 1945: a queda**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- _____. **O Mistério de Olga Tchekova**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BEHRMAN, Greg. **The Most Noble Adventure**: The Marshall Plan and how America helped rebuild Europe. New York: Free Press, 2007.

BERMAN, Russel A. "Anti-Americanization". In: STEPHAN, Alexander (Ed.). **Americanization and Anti-Americanism**: the German encounter with American Culture after 1945. 2007.

BESSEL, Richard. **Alemania 1945**: de La guerra a Paz. Barcelona: Ediciones B, 2009.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O Imaginário e as Guerras da Imprensa**: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira na guerra da Coréia (1950-1953) e Guerra do Vietnã na sua chamada fase americana (1964-1973). Tese defendida na UNICAMP, 2001. (p. 15 ver).

BIAZETTO, Bruno Henz. **A Insurreição no Meu Quintal**: processo decisório e percepção da diplomacia norte-americana durante a Revolução Cubana (1958-1960). Dissertação apresentada ao PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 2008.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento Econômico Brasileiro**: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BLOCH, Marc. "Para uma história comparada das sociedades européias". In: **História e Historiadores**. Textos reunidos por Étinne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal LTD., 2003.

BRAGA, José Luiz. "Questões metodológicas na leitura de um jornal." In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. **O Jornal da Forma ao Sentido**, São Paulo, Paralelo 15.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro**: historia dos Diário Assosiadados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CERVO, Luiz Amado. **Política Exterior e Relações Internacionais do Brasil**: enfoque paradigmático. Bras. Poli. Int. n. 46, 2003.

_____. **O desafio internacional**: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Contendo a Democracia**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DETLEF, Junker. **The United States and Germany in the Era of the Cold War, 1945–1990**. A Handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DOERING-MANTEUFFEL, Anselm. **Wie Westlich Sind Die Deutschen?: Amerikanisierung und Westernisierung im 20. Jahrhundert**. Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Escritos & Ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Nortbert Elias por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELMIR, Cláudio Perreira. “Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica”. In: **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, n. 13, dezembro de 1995.

ERMARTH, Michael. “Counter-Americanism and Critical Currents in West German Reconstruction 1945-1960: The German Lesson Confronts the American Way of Life.” In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

ESPIG, Márcia Janete. “O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado.” In: **Estudos Ibero-americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 271, dez. 1998.

GORDON, Lincoln. **A Segunda Chance do Brasil: a caminho do primeiro mundo**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

_____. “Variações do nacionalismo: meio século de relações brasileiro – americanas”. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de Almeida; BARBOSA, Rubens Antônio (Organizadores). **Relações Brasil - Estados Unidos: assimetrias e convergências**. São Paulo: Saraiva, 2006,

HAFFNER, Jacqueline A Hernández. **CEPAL: uma perspectiva de desenvolvimento latino-americano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

HAUPT, Heinz-Gehard. **Comparative History: a contested method**.

HEINZ, Flávio M. (Org). **Por Outra História das Elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HERMAND, Jost. “Resisting Boogie-Woogie Culture, Abstract Expressionism, and Pop Art: German Highbrow Objection to the Import of ‘American’ Forms of Culture,

1945-1965". In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGAN, Michael J. America, **The Marshall Plan: Britain and the reconstruction of Western Europe, 1947-1952**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JUDD, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____. **Reflexões Sobre um Século Esquecido, 1901-2000**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KISSINGER, Henry A. **Diplomacia**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2007.

KOCKA, Jürgen. **Norbert Elias desde El Punto de Vista de Un Historiador**. Rio de Janeiro: Reis, [sem ano].

KROES, Rob. "Imaginary Americas in Europe's Public Space." In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

LEFFLER, Melvyn P. **La Guerra Después de La Guerra: Estados Unidos, la Unión Soviética y la Guerra Fria**. Barcelona: Crítica, 2007.

LIMA, Luís Ferreira. **Imprensa e Desenvolvimento Econômico**. Santos: 1961.

LOBATO, Monteiro. **América: Os Estados Unidos**. São Paulo: Brasiliense Limitada, 1946.

MAASE, Kaspar. **BRAVO AMERIKA: Erkundungen zur Jugendkultur der Bundesrepublik in den fünfziger Jahren**. Hamburg: Junius, 1992.

_____. "From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized." In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and Anti-americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.

MALERBA, Jurandir. "Acontecimentos: definições e propriedades". In: **Ensaio: teoria, história & ciências sociais**. Londrina: Eduel: 2011.

MARTINS, Estevão Rezende. Cultura, Ciência, Teoria e Filosofia. **Crítica Revista de Filosofia**. 30 ago. 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>. Acesso em: 12 maio 2011.

MELO, Lima. O negócio de publicidade no Brasil. In: **O Observador Econômico e Financeiro**, Rio de Janeiro, n. 221, jul. 1954.

MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MORAES, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Tio Sam Chega o Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NETTO, Accioly. **Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'BRIAN, Thomas. **Making the Americas: The United States and Latin America from age of revolutions to the era of globalization**. New México: University of New México Press, 2007.

OLIVEIRA, Altemani de. **A Operação Panamericana e a Política Externa Independente**. São Paulo: Saraiva, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Lipp. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**. 2. ed. ampl. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

POLETTI, Dorivaldo W. (coord.). **Anais do Seminário Internacional: 50 anos do manifesto da CEPAL**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PRADO Júnior, Caio. **Formação Econômica do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1942.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTORI, Giovanni. "Comparación y método comparativo". In: SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo. **La Comparación em Lãs Ciências Sociais**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

SATO, Eiiti. 40 Anos de Política Externa Brasileira, 1958-1998: três inflexões. **Revista Brasileira Política Internacional**, n. 41 (n.º. especial 40 anos), 1998.

SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito do *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: ROCCO, 2009.

SEBAG MONTEFIORE, Simon. **Stálin**: a corte do czar vermelho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARTZ, Thomas A. "No harder enterprise" Politics and Policies in the German-American Relationship, 1945-1968". In: DETLEF, Junker (Ed.). **The United States and Germany in the Era of Cold War, 1945-1990**. A Handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SILVEIRA, Mauro Cesar. **A Batalha de Papel**: a guerra do Paraguai através da caricatura. Porto Alegre: LP&M, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1986.

STEPHAN, Alexander. "Introduction". In: STEPHAN, Alexander (Org.). **Americanization and Anti-americanism**: the German encounter whit American culture after 1945. Berghahn Books: Oxford, 2005.

_____. (Ed.). **The Americanization of Europe**: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945. Oxford: Berghahn Books, 2007;

_____. "A Special German Case of Cultural Americanization". **The Americanization of Europe**: culture, diplomacy, and anti-Americanism after 1945. Oxford: Berghahn Books, 2007.

STERN, James. **El Daño Oculto**: um viaje a La Alemanha de posguerra junto a W.H. Auden. Madrid: Lengua de Trapo, 2010.

TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WAINBERG, Jacques A. **O Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977.

WALLA, Michael. "The Marshall Plan ante the Origins of the Cold War". In: DETLEF, Junker (Ed.). **The United States and Germany in the Era of Cold War, 1945-1990**. A Handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZICMAN, Renée Barata. "História através da imprensa: algumas considerações metodológicas". In: **Revista do Programa de Pós-Graduados em História/PUCSP**, São Paulo, PUCSP, n. 4, 1985.

OBRAS CONSULTADAS

ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

ALMEIDA, Jorge; BADER, Wolfgang (orgs.). **O Pensamento Alemão no Século XX: grandes protagonistas e recepção no Brasil**. v. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BARBOSA, Marialva. "O *Cruzeiro*: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira". In: **Ciberlegenda**, n. 7, p. 1-15, 2002.

BARROS, José D'Assunção. **Origens da História Comparada: as experiências com o comparativismo histórico entre o século XVIII e a primeira metade do século XX**. Porto Alegre, anos 90, v. 14, n. 25, p. 141-73, jul. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas**. São Paulo: Senac, 2001.

CERVO, Amado. **Política Exterior e Relações Internacionais do Brasil: enfoque paradigmático**. Bras. Poli. Int. n. 46, 2003.

CHARTIER, Roger. **Formação Social e *Habitus*: uma leitura de Norbert Elias**. Capítulo III. Lisboa: DIFEL, 1985.

CHOMSKY, Noam. **O Que o Tio Sam Realmente Quer**. Brasília: Editora da Universidade, 1993.

COHEN, Débora. Comparative History: Buyer Beware. **GHI Bulletin**, n. 29 (Fall 2001), p. 23-33.

DALMÁZ, Mateus. **A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DROZ, Jacques. **História da Alemanha**. Lisboa: Coleção Saber, 1999.

ELIAS, Norbert. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1985.

_____. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. 1 v.

_____. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.

_____. **Teoria Simbólica**. Portugal: Celta Editora, 1994.

_____. "Norbert Elias". In: **Entrevista do Le Monde: Ideias Contemporâneas**. São Paulo: Ática, 1981.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. Ensaio Bibliográfico: a interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. **Revista MANA**, 1998; 4(1):141-52.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada**. São Paulo: Editora 34, 2004.

HAFFNER, Jacqueline Angélica Hernandez. **A CEPAL e a Industrialização Brasileira (1950-1961)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HAHN, Erich J. C. "The occupying Powers and the Constitutional Reconstruction of West Germany, 1945-1949". In: DETLEF, Junker; BOEMEKE, Manfred E.; MICUNEK, Janine (Eds.). **Cornerstone of Democracy: The West Germany Grundgesetz, 1949-1989**. Washington: German Historical Institute, 1995.

HAUPT, Heinz-Gehard. "O lento surgimento de Uma História Comparada". In: **Passados Recompuestos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOCKA, Jürgen. "Comparison and beyond." In: **History and Theory: Studies in the philosophy of History**. v. 42, n. 1, p. 39-44, feb. 2003.

KOESTLER, Arthur. **O Deus que Falhou**. Rio de Janeiro: Editores Irmãos Pongetti, 1952.

_____. **O Zero e o Infinito**. Porto Alegre: Globo, 1964.

MAASE, Kaspar. "Massenkultur, Demokratie und Verordnete verwestlichung: Bundesdeutsche und Amerikanische Kulturdiagnosen der 1950er Jahre". In: **Modernisierung als Amerikanisierung?**. KOCK, Lars (Ed.) Bielefeld, 2007.

MAASE, Kaspar; HALLENBERGER, Gerd; VAN ELTEREN, Mel. **Amerikanisierung der Alltagskultur?** Zur Rezeption Us-Amerikanischer Popülrkultur in der Bundesrepublik und in den Niederlanden. Diskussionspapier: Hamburger Institut für Sozialforschung, 1990.

MALERBA, Jurandir. **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais**: temas, atores e visões. Petrópolis: Vozes, 2004c.

PRADO, Marília Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História**, 153 (2º-2005), p. 11-33.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 1950**: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Pedro Augusto Gomes. **A Classe Média vai ao Paraíso**: JK em Manchete. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SELLERS, Charles. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**: de colônia a potência imperial. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Schildt, Axel. "Americanization". In: DETLEF, Junker (Ed.). **The United States and Germany in the Era of Cold War, 1945-1990**. A Handbook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.635.

SKIDIMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TÁVORA, Araken. **Pedro II Através da Caricatura**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1975.

WIGHT, Martin. **A Política do Poder**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo da revista **Der Spiegel**. Disponível on-line e na Biblioteca de Tübingen Eberhard Karls Universität Tübingen Bibliothek. Disponível em:
<<http://www.uni-tuebingen.de/einrichtungen/universitaetsbibliothek/home.html>>.

Arquivo digital **Der Spiegel**, hospedado no site:
<<http://www.spiegel.de/spiegel/print/index-1947.html>>.

Acervo da revista **O Cruzeiro**. Disponível no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Setor Imprensa. Porto Alegre.

APÊNDICE A - Sobre os Autores

Alexander Stephan, atualmente é professor emérito da University of Ohio. É doutor pela Princeton University (1973). Especialista em estudos transatlânticos, relações Estados Unidos e Europa, cultura americana e antiamericanismo, bem como história do Terceiro Reich e Guerra Fria. Além de muitas obras publicadas sobre o tema é editor das coleções que reúnem os estudos sobre o antiamericanismo do *German Historical Institute*, Washington. Entre suas obras recentes publicadas se destacam: *America on my mind: Zur Amerikanisierung der deutschen Kultur seit 1945* (2006) e *The Americanization of Europe: Culture, Diplomacy, and Anti-Americanism after 1945* (2007).

Inselm Doering-Manteuffel, nascido em 1949, é professor da Universität Tübingen, Diretor do Centro de Pesquisa de História Contemporânea da Universidade de Tübingen. Sua obra principal intitulada *Wie westlich sind die Deutschen?: Amerikanisierung und Westernisierung im 20. Jahrhundert*, trata do processo de americanização e a ocidentalização da Alemanha durante o século XX. Atualmente ministra cadeiras: Americanização da Alemanha; Fascismo; e em companhia do Prof. Dr. G. Schild, História dos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial.

Junker Detlef, estudou História, Ciência Política, Filosofia e Germanistik. Em 1967 recebeu seu doutorado pela Universität Kiel. Foi professor na Universität Stuttgart, e, em 1975 assumiu como emérito na Universität Heidelberg. Atuou como diretor do *Deutsche Historische Institut Washington*, onde editou coletâneas reconhecidas sobre o tema da americanização. Desde 2003, é diretor do *Heidelberg Center for American Studies*, criado por sua iniciativa.

Jost Hermand, nasceu em Kassel, Alemanha. Professor emérito da *University of Wisconsin*. Formou-se pela University of Marburg em *Germanistik*, Filosofia e História da Arte. Titulou-se doutor em literatura e história da arte em Marburg em 1955, onde entrou para o departamento em 1958. Foi professor visitante em Austin (Texas), Harvard, Berlim, Bremen e Marburg, Giessen, Kassel, Essen, Freiburg,

Oldenburg, Potsdam e Munique. Membro da Academia de Viena, e membro da Academia Saxon, em Leipzig. Sua pesquisa abrange literatura alemã desde 1750, com especial ênfase para as tradições democráticas na Alemanha após de 1945. Publicou recentemente: *Deutsche Kulturgeschichte des 20. Jahrhunderts* (2006) e *Freundschaft: zur Geschichte einer sozialen Bindung* (2006).

Kaspar Maase, nasceu em 1946, estudou *Germanistik*, Sociologia, História da Arte e Teoria da Cultura, em Munique e Berlin. Professor na Ludwig-Uhland-Institut für Empirische Kulturwissenschaft der Universität Tübingen. Atualmente é membro do *Institut für Sozialforschung*. Tem como pontos de interesse Americanização, Cultura Popular entre os séculos XIX e XXI. Entre suas obras publicadas, destaca-se *BRAVO Amerika* (2000); *Culture to go - Wie amerikanisch ist Tübingen?* (2005) e *Happy Endings: Massenkultur und Demokratie in Deutschlands im 20. Jahrhundert* (2006).

Rob Kroes é professor emérito University of Amsterdam, ex-presidente da *European Association for American Studies*. Suas pesquisa centra-se na cultura popular americana e como ela é transmitida, recebida, e se transforma em contextos não-americanos. Membro editorial do *Journal of American History*, *Diplomatic History*, *the Canadian Journal of American Studies*, *the Revue française d'etudes américaines*, e, editor geral da série *European Contributions to American Studies*, publicado em Amsterdã. Entre suas publicações mais recentes figuram: *Them and Us: Questions of Citizenship in a Globalizing World* (2000) e *Straddling Borders: The American Resonance in Transnational Identities* (2004).

Thomas Elsaesser, nasceu em 1943 em Berlim. Atualmente é pesquisador do *Department of Media and Culture, na University of Amsterdam*. É doutor pela Universidade de Sussex. Ao longo de sua carreira foi professor visitante de inúmeras universidades no Estados Unidos: University of Iowa, University of California, New York University e Yale University. Na Alemanha, University of Hamburg e Free University of Berlin. Na Áustria na University of Vienna. Suas últimas obras são: *Filmgeschichte zur Einführung* (2007) e *Hollywood Heute: Geschichte, Gender und Nation* (2009).

Volker Berghahn, atualmente é professor de história moderna da *University of Columbia*. Tem publicado extensamente sobre a história da Europa moderna, bem como sobre as relações econômicas e culturais entre os Estados Unidos e Alemanha durante a Guerra Fria. Entre seus títulos figuram obras *The Americanization of West German Industry, 1945–1973* (1986) e *America and the Intellectual Cold Wars in Europe* (2001).